



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
NÚCLEO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS - NCDH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E
POLÍTICAS PÚBLICAS – PPGDH**

**“COMO USAR UMA SERINGA PARA ENGRAVIDAR?”:
UMA NETNOGRAFIA DE GRUPOS DE INSEMINAÇÃO CASEIRA
NO FACEBOOK**

ISABELLY CRISTINE CABRAL SOUTO

João Pessoa - PB
2025

ISABELLY CRISTINE CABRAL SOUTO

“COMO USAR UMA SERINGA PARA ENGRAVIDAR?”
UMA NETNOGRAFIA DE GRUPOS DE INSEMINAÇÃO CASEIRA
NO *FACEBOOK*

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestra em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas.

Linha de Pesquisa: Linha 3 – Territórios, Direitos Humanos e Diversidades Socioculturais

Orientador(a): Prof. Dr. Jailson José Gomes da Rocha

João Pessoa - PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S728c Souto, Isabelly Cristine Cabral.

"Como usar uma seringa para engravidar?" : uma
netnografia de grupos de inseminação caseira no
facebook / Isabelly Cristine Cabral Souto. - João
Pessoa, 2025.
108 f.

Orientação: Jailson José Gomes da Rocha.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Direitos LGBTQIAPN+. 2. Reprodução artificial. 3.
Eugenia. I. Rocha, Jailson José Gomes da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 342.7(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E
POLÍTICAS PÚBLICAS



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA MESTRANDA ISABELLY CRISTINE CABRAL SOUTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E POLÍTICAS PÚBLICAS/CCHLA/UFPB

Aos trinta e um dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, às 09 (nove) horas, no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, realizou-se a sessão de defesa de Dissertação da mestranda **Isabelly Cristine Cabral Souto**, matrícula 20231017628, intitulada: **“COMO USAR UMA SERINGA PARA ENGRAVIDAR?”: UMA NETNOGRAFIA DE GRUPOS DE INSEMINAÇÃO CASEIRA NO FACEBOOK**. Estavam presentes os professores doutores: Jailson José Gomes da Rocha (Orientador), Luziana Ramalho Ribeiro (Examinadora interna), Renata Monteiro Garcia (Examinadora interna) e Ana Monique Moura de Araújo (Examinadora externa). O Professor Jailson José Gomes da Rocha, na qualidade de Orientador, declarou aberta a sessão, e apresentou os Membros da Banca Examinadora ao público presente, em seguida passou a palavra à mestranda Isabelly Cristine Cabral Souto, para que no prazo de trinta (30) minutos apresentasse a sua Dissertação. Após exposição oral apresentada pela mestranda, o professor Jailson José Gomes da Rocha concedeu a palavra aos membros da Banca Examinadora para que procedessem à arguição pertinente ao trabalho. Em seguida, a mestranda Isabelly Cristine Cabral Souto respondeu às perguntas elaboradas pelos Membros da Banca Examinadora e, na oportunidade, agradeceu as sugestões apresentadas. Prosseguindo, a sessão foi suspensa pelo Orientador, que se reuniu secretamente, apenas com os Membros da Banca Examinadora, e emitiu o seguinte parecer: A Banca Examinadora considerou a DISSERTAÇÃO: APROVADA.

A seguir, o Orientador apresentou o parecer da Banca Examinadora à mestranda Isabelly Cristine Cabral Souto, bem como ao público presente. Prosseguindo, agradeceu a participação dos Membros da Banca Examinadora, e deu por encerrada a sessão. E, para constar eu, Herbert Henrique Barros Ribeiro, assistente em administração do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, lavrei a presente Ata.

João Pessoa, 31 de julho de 2025.



Documento assinado digitalmente

JAILSON JOSE GOMES DA ROCHA

Data: 04/08/2025 10:54:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Jailson José Gomes da Rocha (Orientador) _____



Documento assinado digitalmente

LUZIANA RAMALHO RIBEIRO

Data: 03/08/2025 14:38:11-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luziana Ramalho Ribeiro (Examinadora interna) _____



Documento assinado digitalmente

RENATA MONTEIRO GARCIA

Data: 04/08/2025 10:03:27-0300

Renata Monteiro Garcia (Examinadora interna) _____



Documento assinado digitalmente

ANA MONIQUE MOURA DE ARAUJO

Data: 04/08/2025 10:23:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ana Monique Moura de Araújo (Examinadora externa) _____

AGRADECIMENTOS

À **Universidade Federal da Paraíba**, em todas as versões em que a frequentei, pelos livros, pelos mestres, pelo espaço de construção pessoal e pelo privilégio do ar puro da mata atlântica;

À **CAPES** pelo financiamento da minha pesquisa por meio da bolsa que recebi no último ano em que estive no mestrado.

Ao meu orientador **Jailson Rocha**, pela independência que sempre me deu e que me ensinou a caminhar sozinha, mas principalmente por nunca me cobrar obediência e sempre ser um apoiador radical da minha rebeldia.

À Professora **Luziana Ramalho**, pela generosidade, competência e pelas provocações que me fizeram crescer.

À Professora **Renata Garcia**, pela doçura e humildade com que sempre me trata e o respeito com que tratou e trata meu trabalho.

À Professora **Ana Monique**, pelo socorro em um momento difícil e disponibilidade para fazer parte da banca.

A **July Portioli**, por nunca me deixar sozinha, nunca me deixar desistir, por me orientar, desorientar e caminhar comigo desde o dia 1 deste mestrado, a quem eu também celebro e admiro pela conclusão de sua própria dissertação.

Aos amigos que fiz no caminho, em especial **Camilla Ramalho**, **Jully Emilly**, **Michele Mendonça**, **Mariana Lima** e **Lara Nogueira**, minhas companheiras de jornada, de brigas, de festas, de choro e com quem eu sempre pude contar para desabafar a cada percalço deste processo.

Aos meus amigos da vida **Leane Gomes**, **Daniel Esnarriaga** e **Cícero Neto**, minha maior torcida organizada, meus apoiadores incondicionais e quem me segura quando o mundo pesa demais nas minhas costas.

À minha Psicóloga **Ângela Coelho**, pela competência de sempre, pelo acolhimento, pela ética, gentileza e paciência para navegar do meu lado nas loucuras da minha cabeça.

Ao meu pai **Cristóvão Souto**, pelo apoio incondicional, pelo amor, pelas lições e pela vida.

Às minhas tias **Ana Neri e Ângela de Mérice**, pelo colo, pelas tardes de comidas gostosas e partidas de baralho que me mantiveram sã, salva e me deram leveza para continuar.

Ao meu sobrinho **Thomas**, a quem dedico meu esforço, meu amor, com quem dividi sorrisos e por quem derramei lágrimas no último ano, quem me fez entender realmente sobre o que este trabalho fala.

À minha mãe, **Bernadete Cabral**, por ser meu maior exemplo, por estar incondicionalmente junto a mim, mesmo em sua ausência, pela luz que me mostra o melhor caminho e o motivo de eu ser quem e como sou.

*Until the philosophy
Which hold one race superior
And another inferior
Is finally and permanently
Discredited and abandoned
Everywhere is war.*

Bob Marley

RESUMO

Esta é uma dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba, onde se objetiva discutir o fenômeno da Inseminação Caseira por meio de uma Netnografia em grupos do da rede social *Facebook*. Este fenômeno corresponde à realização de um procedimento de Inseminação Artificial em ambiente doméstico sem o auxílio de profissionais da saúde qualificados. Dentro dos direitos humanos, este trabalho teve como objetivo geral, etnografar virtualmente os grupos do *Facebook* que promovem discussões e encontros entre doadores de sêmen informais e pessoas que querem engravidar. A partir desta netnografia, embasada por dados de análise temática e análise do discurso, foi possível compreender a relação que os direitos sexuais e reprodutivos da população LGBTQIAPN+ adquiriu com as redes cibernéticas de comunicação, investigar as presenças e ausências de discursos eugênicos e práticas de violências virtual, econômica, psicológica, epistêmica e simbólica especialmente voltadas à população LGBTQIAPN+. Ao longo da pesquisa foram mapeados um total de 49 grupos de Inseminação Caseira ativos no Facebook, uma prática inaugurada no ano de 2014 e que atingiu seu pico de popularidade entre os anos de 2018 e 2022. A investigação foi então conduzida nos grupos com mais fluxo de informação (mais de 10 mil participantes), revelando particularidades tais como as categorias-identidades com as quais os usuários se identificam e nomeiam outros participantes (Tentantes, Doadores, Mediadores, Trolls), práticas de assédio virtual, extorsão e venda ilegal de material genético, assim como práticas de doação serial por parte de indivíduos com um fenótipo considerado mais “desejado” por se assemelhar a um padrão de beleza hegemônico. Por fim, é concluído que políticas públicas que partam de uma perspectiva interseccional e participativa são uma alternativa possível para garantir a visibilidade das demandas reprodutivas apagadas sistematicamente pela matriz colonial de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Eugenia; Reprodução Artificial; Direitos LGBTQIAPN+.

ABSTRACT

This dissertation was presented to the Graduate Program in Human Rights, Citizenship, and Public Policy at the Federal University of Paraíba. It aims to discuss the phenomenon of home insemination through a netnography of Facebook groups. This phenomenon involves performing an artificial insemination procedure in a home environment without the assistance of qualified health professionals. Within the human rights field, this work aimed to conduct a virtual ethnography of Facebook groups that promote discussions and meetings between informal sperm donors and people seeking pregnancy. This netnography, supported by thematic and discourse analysis, allowed us to understand the relationship between the sexual and reproductive rights of the LGBTQIAPN+ population and cybercommunication networks, investigate the presence and absence of eugenic discourses, and investigate practices of virtual, economic, psychological, epistemic, and symbolic violence specifically directed at the LGBTQIAPN+ population. Throughout the research, a total of 49 active Home Insemination groups were mapped on Facebook. This practice began in 2014 and reached its peak popularity between 2018 and 2022. The investigation was then conducted in the groups with the highest information flow (over 10,000 participants), revealing particularities such as the categories-identities with which users identify and name other participants (Trying, Donors, Mediators, Trolls), practices of cyberharassment, extortion, and illegal sale of genetic material, as well as serial donation practices by individuals with a phenotype considered more "desirable" because it resembles a hegemonic beauty standard. Finally, the conclusion is that public policies based on an intersectional and participatory perspective are a possible alternative to guarantee the visibility of reproductive demands systematically erased by the colonial matrix of power.

KEYWORDS: Eugenics; Artificial Reproduction; LGBTQIAPN+ Rights.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	10
INTRODUÇÃO: BEBÊS DIY.....	11
CAPÍTULO 1. PAISAGENS CIBERNÉTICAS: IMAGENS E HABITANTES DE UM FENÔMENO.....	31
1.1 Fotos de capa: Imagens.....	31
1.2 Categorias-identidade: os habitantes.....	35
1.2.1 “As” Tentantes e “os” Doadores.....	35
1.2.2 Mediadores e trolls: reguladores de uma moral silenciosa.....	40
CAPÍTULO 2. NOS BECOS ESCUROS DA REDE SOCIAL: INSEMINAÇÃO CASEIRA E VIOLÊNCIA CIBERNÉTICA.....	47
2.1 18 de outubro de 2022.....	47
2.2 Cruzada contra aos dissidentes: Violência histórica e a virtualização da reprodução... 51	
2.3 Violência intestina para quem tem estômago.....	55
2.4 Pornografia e Inseminação Caseira: Por que ocupam o mesmo lugar no ciberespaço?.....	60
2.5 Direitos sexuais e reprodutivos: Uma prioridade do Governo?.....	63
CAPÍTULO 3. UM SONHO QUE TEM FORMA E COR: ANALISANDO DISCURSOS DE DOADORES E TENTANTES.....	67
3.1 O Discurso das Tentantes: “Tenho sonho de ser mãe, algum doador ruivo?”.....	69
3.2 O Discurso dos Doadores: “Teu sonho também é filho dele”.....	75
3.3 Eugenia, um dos lados escuros da colonialidade.....	82
CAPÍTULO 4. SERIAL DONORS: OS CASOS DE DOADORES SERIAIS.....	84
4.1 Jonathan Meijer, “O homem com Mil Filhos”.....	85
4.2 Pavel Durov, o Mr. Telegram.....	86
4.3 Jocas 150+ positivos.....	89
4.4 Alex, 117 positivos?.....	93
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS.....	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Passo-a-passo da inseminação artificial caseira.....	13
Figura 2: Percepção de tentantes da inseminação caseira sobre sua possibilidade de custeio de tratamento de fertilidade em uma clínica especializada.....	14
Figura 3: Estimativa de desenvolvimento global em TIC 2005-2018*.....	19
Figura 4: Gráfico com as porcentagens de brasileiros de 10 anos ou mais que utilizaram a internet em 2019 e em 2021.....	20
Figura 5: Perfil Sociodemográfico de tentantes mapeados em grupos de Inseminação Caseira no Facebook.....	21
Figura 6: Quantidade de Grupos Mapeados e seus respectivos anos de criação...	22
Figura 7: Instruções para Inseminação Caseira com o auxílio de Kits vendidos por Bancos de Sêmen.....	27
Figura 8: Imagem de capa de grupo de IC no Facebook.....	33
Figura 9: Imagem de capa de grupo de IC no Facebook.....	33
Figura 10: Imagem de capa de grupo de IC no Facebook.....	35
Figura 9: Captura de tela de perfil de doador em site do banco de sêmen “Pro-seed”	40
Figura 10: Postagens ofensivas em grupos de inseminação caseira no Facebook.	43
Figura 11: Denúncia de falso doador em grupo de inseminação caseira no Facebook.....	44
Figura 12: Capturas de tela de solicitações de contato de supostos doadores.....	50
Figura 13: A queima do cavaleiro Richard Puller von Hohenburg com seu criado diante dos muros de Zurique, por sodomia, 1482.....	54
Figura 14: Denúncia de assédio de um falso doador de sêmen.....	58
Figura 15: Relato de tentante que tem medo dos doadores.....	58
Figura 16: Questionamentos sobre o contato entre doadores e tentantes.....	59
Figura 17: Denúncia de assédio de doador.....	59
Figura 18: Denúncia de insistência por método natural e extorsão.....	60
Figura 19: Denúncia de assédio explícito.....	61

Figura 20: Captura de tela de três postagens dos grupos de Inseminação Caseira	71
Figura 21: Captura de tela de postagem de tentante buscando doador em grupos de Inseminação Caseira no Facebook.....	74
Figura 22: Captura de tela de conversa em grupo do aplicativo Messenger sobre Inseminação Caseira.....	74
Figura 23: Captura de tela de lista de doadores de sêmen postada em grupo do Facebook sobre Inseminação Caseira.....	75
Figura 24: Captura de tela de postagem sobre características de doador postada em grupo do Facebook sobre Inseminação Caseira.....	76
Figura 25: Postagem de doador em grupo de Inseminação Caseira.....	77
Figura 27: Depoimento de doador sobre possibilidade de cobrar pela doação.....	78
Figura 26: Nuvem de palavras elaborada a partir das postagens de doadores em 5 grupos de inseminação caseira no ano de 2023.....	81
Figura 27: Discussão sobre a inocência de Jocax em grupos de Inseminação Caseira.....	93
Figura 28: Discussão sobre Alex em grupos de Inseminação Caseira.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGDH-UFPB - Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

DIY - Do It Yourself

IC - Inseminação Caseira

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UIT - União Internacional das Telecomunicações

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

COVID-19 - Corona Virus Disease

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Pessoas Intersexo, Assexuais, Panssexuais, Pessoas Não-binárias

PSOL-RJ - Partido Socialismo e Liberdade do Rio de Janeiro

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos

SUS - Sistema Único de Saúde

CFM - Conselho Federal de Medicina

ONU - Organização das Nações Unidas

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

CPF - Cadastro de Pessoas Físicas

FIV - Fertilização in vitro

RDC - Resolução da Diretoria Colegiada

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

ASRM - Sociedade Americana de Medicina Reprodutiva

INTRODUÇÃO: BEBÊS DIY

Este trabalho é uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba (PPGDH-UFPB). Após concluir minha graduação em Biotecnologia, também pela mesma universidade, comecei minha jornada no mestrado acadêmico, na terceira linha de pesquisa do programa, onde nos dedicamos a estudar “Territórios, Direitos Humanos e Diversidades Socioculturais”.

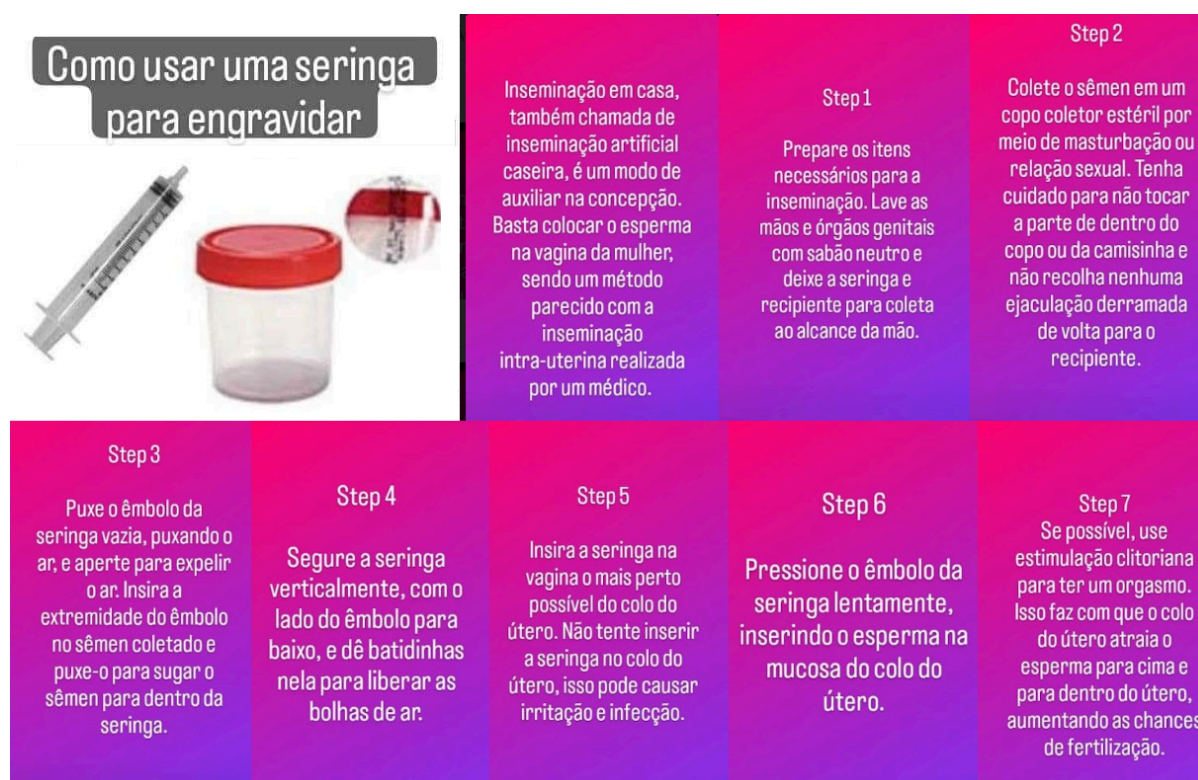
A investida intelectual que eu almejava em um mestrado acadêmico nesta área tinha relação direta com as inquietações que tive ao escrever meu trabalho de conclusão de curso (TCC) na graduação (Souto, 2023), que já tratava do tema da Inseminação Caseira, uma forma de reprodução artificial na qual as pessoas se utilizam de conhecimentos básicos sobre a reprodução humana natural e artificial e ferramentas comuns ou improvisadas para realizar um procedimento de inseminação artificial em ambiente doméstico, sem o auxílio de profissionais especializados ou mesmo equipamentos médicos adequados.

A partir deste conceito, comecei a enxergar o quanto o fenômeno da Inseminação Caseira tem a ver com a lógica do *Do It Yourself* (DIY)¹, que apesar de não ser novidade, atingiu muita popularidade nos conteúdos das redes sociais nas últimas décadas. Bennett *et al* (2021) associam a lógica DIY à uma cultura de resistência ao processo de transformação industrial, descrevendo este fenômeno como uma “cultura alternativa” que resiste às “várias tentativas de hiper-comodificação”. Ainda segundo os autores, o termo DIY “Refere-se à prática de criar, reparar e/ou modificar coisas sem recorrer a um especialista” (Bennett, p. 15, 2021).

Partindo da definição anterior, é possível enxergar as semelhanças na imagem a seguir que apresenta um passo-a-passo de “Como usar uma seringa para engravidar”, que também intitula este trabalho:

¹ Tradução livre: Faça você mesmo.

Figura 1: Passo-a-passo da inseminação artificial caseira



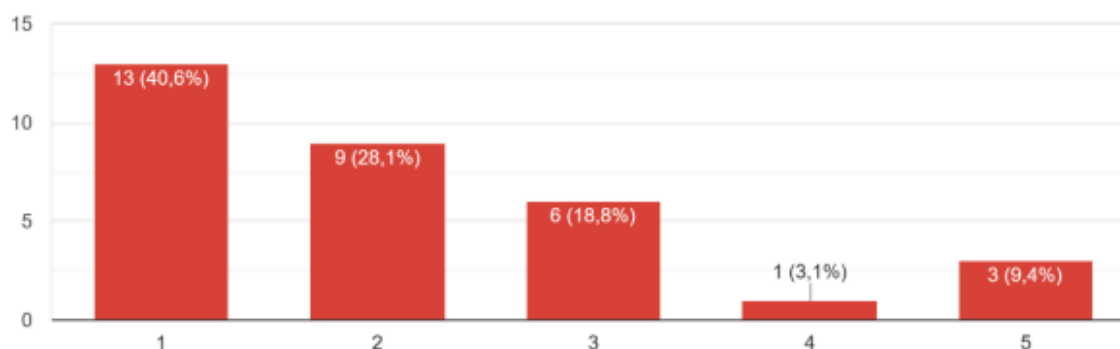
Fonte: Souto, 2023.

A prática da Inseminação Caseira, nasce inspirada na cultura DIY, se mostrando como um processo de resistência à capitalização de direitos básicos. Sobre este deslocamento promovido pelo sistema capitalista onde o direito se transforma em um *commoditie*, Milton Santos (2007, p. 24-25) explica que ao passo que o dinheiro se torna necessário para a garantia dos direitos de qualquer pessoa, os cidadãos se transformam em consumidores, desta forma, onde não há concentração de renda, não existe cidadania.

Portanto, é importante ressaltar que em torno desta problemática, o denominador econômico é determinante. Na realidade, o próprio fenômeno da inseminação caseira no Brasil, ao contrário do que ocorre em outros lugares no planeta, se caracteriza pela ausência de recursos, como é possível constatar por meio do seguinte gráfico:

Figura 2: Percepção de tentantes da inseminação caseira sobre sua possibilidade de custeio de tratamento de fertilidade em uma clínica especializada.

Avalie de 1 a 5 o quanto seria possível frente à sua situação financeira atual, pagar por uma Inseminação Artificial em uma clínica especializada com profissionais da saúde treinados para isso.
32 respostas



Fonte: Souto, 2023.

Para Santos (2007), a cidadania não é definida apenas pelo conjunto de direitos inerentes aos membros de uma sociedade, mas pela possibilidade de reivindicá-los. Frente à impossibilidade de muitas pessoas de reivindicar esses direitos por conta da precariedade, da marginalização e das dinâmicas de poder opressoras, o autor questiona: Realmente existem cidadãos no Brasil?

As práticas de inseminação caseira acontecem na ausência de eficácia de direitos como: saúde pública universal e de qualidade (BRASIL, 1988, art. 196), escolha de como, com quem e quantos filhos se deseja ter (BRASIL, 1988, art. 226, § 7º), segurança real e virtual (BRASIL, 1988, art. 5º, inc. XLI), autonomia (BRASIL, 1988, art. 1º, inc. III) e conhecimento livre e esclarecido (Resolução CNS nº 466/2012).

Em um cenário em que as pessoas têm seus direitos ludibriados por políticas neoliberais, a cidadania não pode ser alcançada. O próprio conceito de direito inerente é contradito pelas práticas sociais e políticas vigentes, produzindo e alimentando uma conjuntura de injustiça social, econômica e reprodutiva.

Observando esse comportamento, ainda no meu trabalho da graduação, apresentei no título o seguinte questionamento: Inseminação Artificial Caseira: Fazendo Justiça Reprodutiva com as Próprias Seringas?

Buscava, com este título iniciar a seguinte provocação: será que o fenômeno da inseminação caseira é uma estratégia que reage às biopolíticas de controle

reprodutivo direcionadas à população LGBTQIAPN+², ou um sintoma da precarização de suas vidas, demonstrando a indiferença por parte do Estado, uma política daquelas que não mata, mas deixa morrer (Mbembe, 2018) e faz com que essas pessoas se machuquem, se frustrem e não tenham sucesso ao tentar “fazer justiça reprodutiva com as próprias seringas”?

Na ocasião, me dediquei a avaliar estas duas hipóteses, a partir de uma perspectiva da bioética e da biossegurança. Descrevi os riscos atrelados à realização do procedimento, assim como a percepção dos participantes de grupos do *Facebook* sobre a ausência do Estado brasileiro se tratando da democratização do acesso a tecnologias de reprodução assistida.

Por fim, cheguei à conclusão de que, ambas as hipóteses coexistem, afinal, diversas dimensões de um mesmo fenômeno se apresentam e produzem efeitos sobre aqueles indivíduos em medidas e momentos diversos. Fiz este trabalho por meio de um questionário estruturado cujo link (trata-se de um formulário do *Google Forms*) disponibilizei nos grupos.

É a partir de então que o *Facebook* se apresentou enquanto campo desta dissertação. Tenho o percebido como uma fonte inesgotável de problemáticas e discussões. Nas palavras de Paiva (2013, p. 239), “A hipermídia paradoxalmente consiste numa “máquina de narciso”, espelho das vaidades pessoais, que reforça as tendências individualistas, mas também uma poderosa usina de produção das subjetividades”.

Creio que partindo do paradigma e da função social de um trabalho na área de Biotecnologia, pouco pude me deter nestas subjetividades que tanto me interessavam, embora a outra abordagem também possuisse seu valor. Mas a partir de um mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, minhas possibilidades de discussão foram atravessadas por outro paradigma, outras influências, e produziram outros resultados.

Dentro deste novo paradigma, ousei imergir completamente no mundo que se apresentou para mim dentro daquela rede social. Investigando, desta vez, os fatos em suas dimensões culturais, identitárias e sociais. Neste trabalho, eu almejei trazer à tona, junto a questionamentos derivados de estudos sociais, a experiência da

² A sigla LGBTQIAPN+ representa respectivamente a comunidade composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas Transgênero, pessoas *Queer*, pessoas Intersexo, Assexuais, Panssexuais, pessoas Não-binárias e outras maneiras de sexualidade e expressão de gênero dissidentes à hetero/cisnormatividade.

Inseminação Caseira, como uma fotografia, tendo em vista a mutação constante do fenômeno e da vida ao entorno dele.

A abordagem etnográfica surgiu, então, do desejo de “fotografar” o campo em plena atividade, caracterizar cada centímetro e trazer à tona as discussões derivadas. Entretanto, não há aqui a pretensão de se fazer uma transcrição asséptica do que acontece ali. Pelo contrário, minha experiência pessoal é grande contribuidora para a construção dessas percepções, sendo ela inescapável como explica Kuhn (2020) .

Portanto, eventos na minha própria vida pessoal me induziram a uma perspectiva inclusive mais empática sobre o fenômeno. Recentemente, minha irmã se mudou para fora do país e teve um filho. Então, simultaneamente à escrita de boa parte desta dissertação, estive entre viagens e cuidando de um bebê.

Este tipo de experiência frequente em aeroportos nos últimos anos, fez com que eu identificasse algumas similaridades entre estes espaços físicos e o espaço virtual que eu estava habitando durante a pesquisa. Contudo, também me fez identificar um abismo fundamental, que faz com que o fenômeno da Inseminação Caseira seja possível.

Neste paralelo, o *Facebook* é como um imenso aeroporto internacional, um “não-lugar”, um espaço onde se aglomeram todas as leis, indivíduos, comidas e culturas de todos os países-destino, ao mesmo tempo que possui um *modus operandi* próprio, uma identidade, definida por sua função.

No *Facebook* os limites geográficos não existem, a linguagem, na maioria das vezes é o maior fator de identificação da origem de um conteúdo, entretanto, como todas as outras partes da vida virtual, pode ser reproduzida, alienada, apropriada culturalmente por indivíduos diversos com intenções diversas, tornando-se quase sempre irrastreável e anônima.

Da mesma maneira, o aeroporto é um espaço internacionalizado, no qual a língua mais falada, as propagandas e as placas de localização são as únicas formas de se ter pistas de que lugar do mundo se está, mas, diferentemente do espaço virtual, a alienação e o anonimato é praticamente impossível.

Este foi o abismo que constatei: a intensificação da teatralização que as mídias digitais proporcionam, algo que para além do digital torna-se sobremaneira difícil de se produzir. A mutação constante das identidades, a “verdadeirização” da inverdade e a relativização do possível. Características que tornam este, o ambiente

perfeito para o florescimento do fenômeno da Inseminação Caseira e de muitos outros semelhantes.³

Neste espaço, emerge a metáfora do ciborgue de Haraway (2000) como uma interpretação epistemológica possível tendo em vista a transposição dos limites entre corpo e máquina tal qual a seguinte definição:

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. [...] O ciborgue é uma matéria de ficção e também uma experiência vivida, criaturas que são simultaneamente animal e máquina, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados (Haraway 2000, p. 36)

Com o auxílio da figura do ciborgue, Haraway suspende a validade das dicotomias natureza/cultura, real/virtual, nos fazendo compreender que aquilo que definimos como “cultura”, ou como “mundo fabricado” está mesclado à natureza humana de forma tal que se houvesse qualquer purismo natural sobre nossa existência e as relações que construímos no mundo, deveríamos todos nos identificar como ciborgues. A fim de ratificar esta conclusão, ela ainda argumenta:

A medicina moderna também está cheia de ciborgues, de junções entre organismo e máquina, cada qual concebido como um dispositivo codificado, em uma intimidade e como um poder que nunca, antes, existiu na história da sexualidade. O sexo-ciborgue restabelece, em alguma medida a complexidade replicativa das samambaias e dos invertebrados [...] O processo de replicação dos ciborgues está desvinculado do processo de reprodução orgânica (Haraway, 2000, p. 36).

Assim como Haraway, é importante compreendermos a dicotomia natureza-cultura como um reducionismo epistemológico que afeta a possibilidade de compreensão holística das questões humanas. Especialmente quando se trata dos aspectos relativos às tecnologias de concepção (Nascimento, 2021), que oferecem possibilidades de “criação” da vida de maneira mecânica e asséptica ao passo que recria o fenômeno “natural” mais básico.

Essa discussão maniqueísta e a própria fusão entre organismo e máquina se tornaram ordinárias, dando lugar a narrativas biotecnológicas da existência, e, no caso da IC, reescrevendo as narrativas de sexo, parentalidade, prole e reprodução

³ Importante destacar que a visão dicotômica entre real e virtual deve ser transposta. Pensar a virtualidade em oposição à realidade é algo ultrapassado, tendo em vista que o virtual é parte da realidade e não seu oposto complementar. Pensar a existência em dicotomias é uma herança do humanismo clássico, uma perspectiva trazida pelos iluministas em um contexto de busca pela razão limitado a um momento histórico no qual a crença religiosa (cristã) se sobrepunha às explicações científicas. Este trabalho parte de uma perspectiva pós-humanista, que busca se distanciar das dicotomias enquanto formas de explicação dos fenômenos, portanto, a díade real/virtual, não deve ser lida em contexto de oposição.

a partir de noções desterritorializadas de corpo, como esta a seguir:

Os olhos (as córneas), o esperma, os óvulos, os embriões e sobretudo o sangue, agora são socializados, mutualizados e preservados em bancos especiais. Um sangue desterritorializado corre de corpo em corpo através de uma enorme rede internacional da qual não se pode mais distinguir os componentes econômicos, tecnológicos e médicos. O fluido vermelho da vida irriga um corpo coletivo, sem forma, disperso. A carne e o sangue, postos em comum, deixam a intimidade subjetiva, passam ao exterior. Mas essa carne pública retorna ao indivíduo transplantado, ao beneficiário de uma transfusão, ao consumidor de hormônios. O corpo coletivo acaba por modificar a carne primária. Às vezes ressuscita-a ou a fecunda *in vitro* (Lévy, 2011, p. 30-31)

Com isso, é possível compreender como a humanidade absorveu a tecnologia a fim de “burlar” o biopoder (Foucault, 2019) que lhes impõem limites na sociedade docilizada descrita por Foucault (2013). Preciado (2018) descreve o biopoder de Foucault (2019) da seguinte forma:

Foucault descreve as transformações da sociedade europeia do final do século XVIII a partir do que ele chama de uma "sociedade soberana" para uma "sociedade disciplinadora", o que vê como o deslocamento de uma forma de poder que decide e ritualiza a morte para uma nova forma de poder que planeja tecnicamente a vida em termos de população, saúde e interesse nacional. *Biopouvoir* (biopoder) é o termo com que se refere a essa nova forma de poder produtivo e difuso e em expansão. Ultrapassando o domínio do jurídico e da esfera punitiva, o poder torna-se uma força de "somatopoder" que penetra e constitui o corpo do indivíduo moderno. Este poder já não se comporta como uma lei coercitiva, um mandato negativo: é mais versátil e acolhedor, adquirindo a forma de "uma arte de governar a vida", uma tecnologia política geral transformada em arquiteturas disciplinadoras (prisões, quartéis, escolas, hospitais etc.), textos científicos, tabelas estatísticas, cálculos demográficos, manuais, recomendações de uso, calendários de regulação reprodutiva e projetos de saúde pública (Preciado, 2018, p. 75)

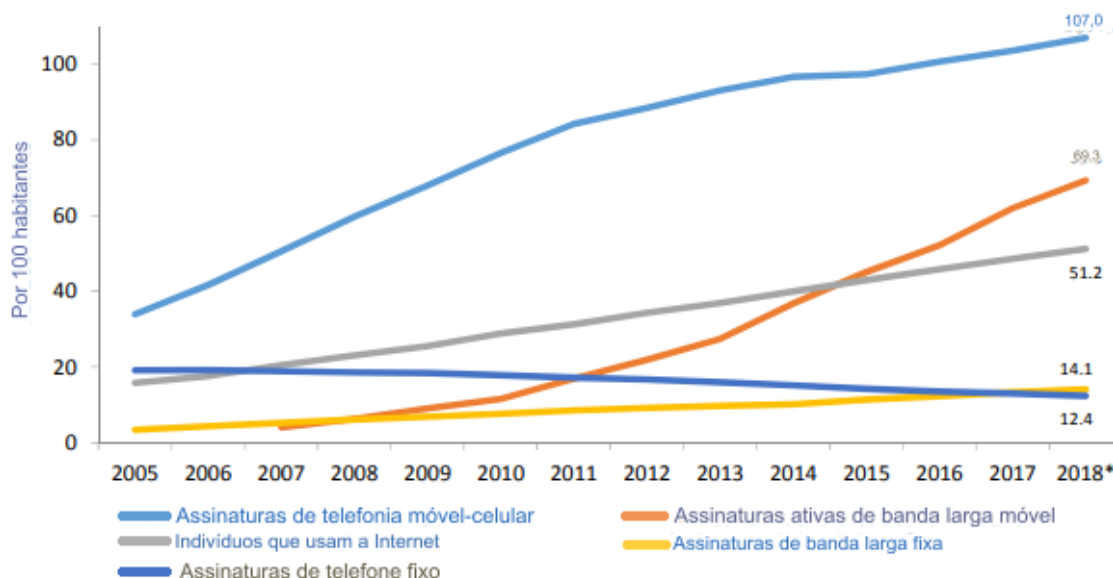
Dentro deste modelo de dominação, as biopolíticas (Foucault, 2018), normativas fruto deste biopoder, surgem e se estabelecem na lógica de uma sociedade docilizada antes da democratização das tecnologias de informação, oferecendo solo para a germinação futura de uma resistência conforme o curso da história e avanço da tecnologia.

Haraway (2000, p. 63), já nos atentava para o fato de que “os ciborgues não estão sujeitos à biopolítica de Foucault”, e isto é radicalmente verdade se tratando da IC, um fenômeno no qual “existem agenciamentos coletivos, usos e apropriações das tecnologias por parte dos sujeitos, que, por sua vez, também vivenciam seus efeitos em seus próprios corpos e subjetividades (Sibilia, 2002, p. 11)”

Nota-se a complexidade adquirida por este fenômeno após a massiva democratização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) - como são

chamadas pela União Internacional das Telecomunicações (UIT, 2018). No gráfico abaixo, podemos ver uma síntese da evolução e modificação da popularidade das TIC registrado pela UIT entre 2005 e 2018:

Figura 3: Estimativa de desenvolvimento global em TIC 2005-2018*



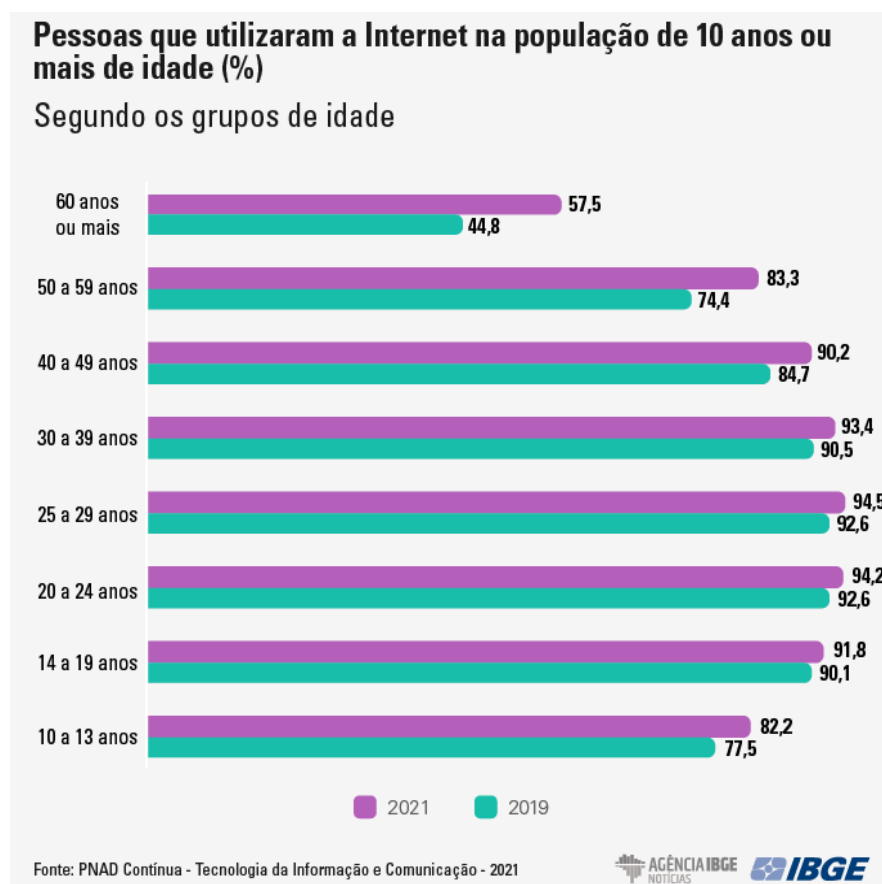
Fonte: Traduzido livremente de UIT, 2018.

Esta evolução demonstra a popularidade das TIC ao longo dos anos, e, por consequência, a tendência comportamental de aumento de uso de algumas destas tecnologias e do decréscimo de outras por parte da população global.

A observação deste gráfico é interessantíssima para notarmos dois fatos: primeiramente, o aumento do alcance de algumas tecnologias, em especial o aumento de pessoas que usam a internet ao longo dos anos, e, posteriormente, o aumento exponencial da popularidade de tecnologias associadas ao uso dos *Smartphones*. Estes dados são importantes para compreendermos a virada comportamental humana após este processo de democratização das TIC.

No Brasil, o cenário não foge à tendência anteriormente apresentada. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos anos de 2019 e 2021, a porcentagem de pessoas (a partir dos 10 anos de idade) que utilizaram a internet ultrapassou os 90% em alguns dos casos, com destaque para as pessoas entre 25 e 39 anos, que são as que mais utilizaram o serviço.

Figura 4: Gráfico com as porcentagens de brasileiros de 10 anos ou mais que utilizaram a internet em 2019 e em 2021

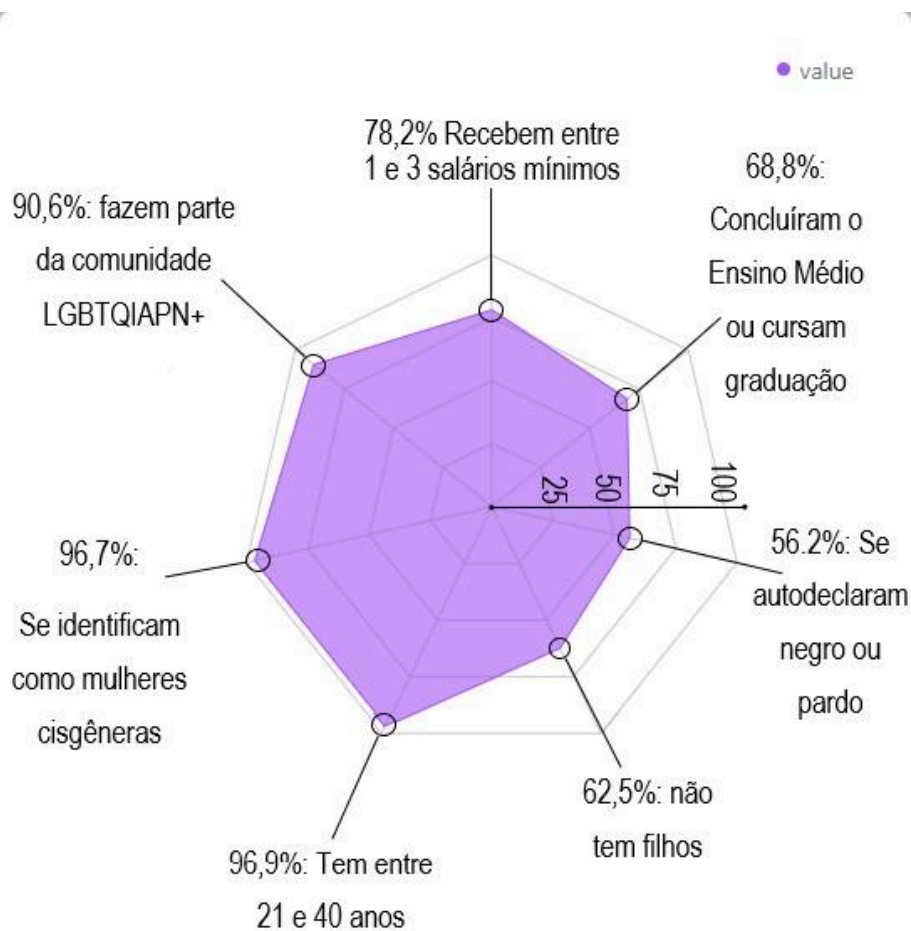


Fonte: IBGE, 2022

No meu trabalho de conclusão da graduação (Souto, 2023, p.50), tracei um perfil sociodemográfico (Figura 5) dos tentantes⁴ de inseminação caseira que responderam ao questionário estruturado que disponibilizado *online* nos grupos do *Facebook*. Com o auxílio destes dados, foi possível constatar que 96,9% dos tentantes entrevistados tinham entre 21 e 40 anos, esta faixa etária coincide com os dados apresentados na Figura 2, que, como constatamos anteriormente, é a faixa etária que mais utiliza a internet no Brasil.

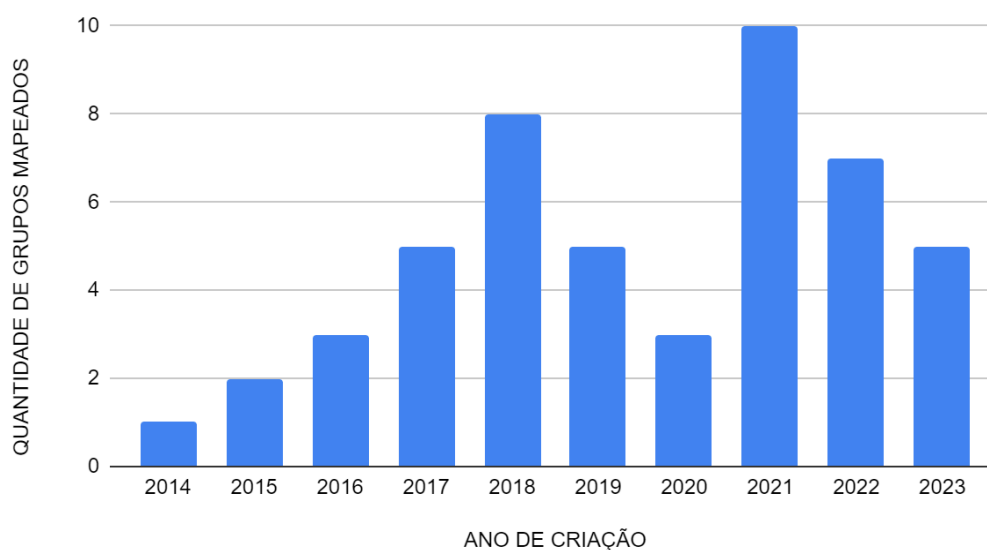
⁴ “Tentante” é um termo utilizado nos grupos de inseminação caseira para se dirigir a pessoas que estão em processo de tentativa de engravidar por meio da técnica.

Figura 5: Perfil Sociodemográfico de tentantes mapeados em grupos de Inseminação Caseira no Facebook



Fonte: Souto, 2023.

Com isto em mente, busquei situar historicamente o período em que os grupos brasileiros de inseminação caseira começaram a surgir no *Facebook*. A quantidade de grupos é imensa, contudo, selecionamos 50 grupos que estavam ativos até o momento de coleta dos dados (julho de 2024). Após a coleta destas informações, foi possível elaborar o seguinte gráfico:

Figura 6: Quantidade de Grupos Mapeados e seus respectivos anos de criação

FONTE: Autoria própria (2024)

É notável que a maior quantidade de grupos mapeados foram criados no ano de 2021, exatamente durante a *sindemia*⁵ da COVID-19, que aconteceu entre 2020 e 2023. Isso se explica pela necessidade de isolamento social que, por sua vez, contribuiu para o aumento do tráfego de informações na internet. Contudo, os primeiros grupos mapeados surgiram bem antes disso, a partir de 2014, e, tendo um crescimento acentuado em 2018, sucedido por dois anos em queda (2019 e 2020).

Outro evento histórico que pode ter contribuído para estes dados, foram as eleições presidenciais de 2018, quando Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente da república com 55,13% dos votos (Brasil, 2018). O resultado desta eleição pode ter sido determinante nestes dados por conta do posicionamento de extrema direita do ex-presidente. Tendo em vista que ao longo de sua carreira política ele fez diversas declarações LGBTQIAPN+fóbicas, além de se posicionar abertamente contra pautas sociais alinhadas à busca por equidade de direitos para esta comunidade.

À luz dos dados apresentados na figura 3, que demonstram que 90,6% dos tentantes de IC nos grupos do *Facebook* fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+, o aumento no número de grupos criados em 2018, seguido de dois anos de

⁵ O termo “pandemia” foi aqui intencionalmente substituído por *sindemia*, pois, este termo denota que a crise de saúde também interage com fatores sociais e ambientais que interferem nas possibilidades de contágio e transmissão. A contribuição teórica de Merrill Singer (2000) se faz pertinente para tratar do caso do SARS-Cov2.

diminuição drásticos, pode ser justificado pelo contexto de temor instaurado por conta da eleição de um presidente ultraconservador.

Como exemplo das atitudes que minaram os direitos da comunidade LGBTQIAPN+ desde os primeiros dias do governo Bolsonaro, está a extinção do “Conselho Nacional de Direitos LGBTQIA+”, que, originalmente, tinha sido criado em 2010 por meio do decreto Nº 7.388/2010 (BRASIL, 2010). O Conselho servia como uma forma de incentivar a participação da comunidade civil e dar resolução formal para as demandas apresentadas pela comunidade LGBTQIAPN+.

Contudo, durante os 4 anos do governo em questão, as pautas desta comunidade foram submetidas ao então “Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos” (BRASIL, 2019), que, por sua vez, agiu de forma a silenciar ainda mais as demandas da sociedade sobre a questão.

Sobre esta ação, o deputado David Miranda (PSOL-RJ), disse:

No lugar de ‘lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais’, agora se lê apenas uma categoria genérica denominada de ‘grupos sociais e étnicos afetados por discriminação racial e demais formas de intolerância [...] Isso gera, conseqüentemente, o apagamento arbitrário da luta por visibilidade e inclusão, pois o conselho anteriormente focou-se em LGBTIs em 2010 justamente porque os demais grupos vulneráveis foram ganhando conselhos próprios (Câmara dos Deputados, 2019).

Neste contexto, a IC emerge como uma alternativa de realização dos direitos e vontades reprodutivas de uma população que se sentia amplamente desamparada e perseguida por um governo que não os representava, ao passo que promovia boicotes e tentativas sucessivas de invisibilização de suas demandas. Ao mesmo tempo, as tendências de transformação das relações sociais em adaptação ao ciberespaço, foram acentuadas pela sindemia da Covid-19, que, por sua vez, teve papel determinante no domínio das ferramentas cibernéticas (plataformas de reuniões, grupos de redes sociais, chats, fóruns e etc) e, conseqüentemente, na popularização da IC.

Neste contexto, busquei 3 conceitos-chave na bibliografia para descrever o fenômeno da Inseminação Caseira: Agenciamento, Vida Precária e Contrassexualidade. O primeiro conceito que utilizo é o de “Agenciamento”. Apesar das diferentes apropriações por diversos autores (Deleuze e Guatari 1995; Butler, 2018; Latour, 2012), pensá-lo a partir do fenômeno da Inseminação Caseira, é

pensar como novas formas de construção de direitos surgiram a partir da segregação opressora que aglutinou a comunidade LGBTQIAPN+ nas redes.

Esta aglutinação virtual, que, a princípio era uma forma de se proteger da violência do mundo real, tornou-se uma força, uma maneira de fazer emergir nas frestas da opressão, possibilidades de agência, neste caso, de resistência às biopolíticas que retiram os direitos reprodutivos básicos desta população.

A fim de exemplificar o conceito de agenciamento neste sentido, a metáfora que mais se alinha com o agenciamento que descrevo aqui é a metáfora trazida por Tsing (2022), quando fala sobre como os cogumelos *Matsutake*, objeto de sua pesquisa, emergiram em um cenário de ruínas do capitalismo, como antigas florestas industriais de *pinus*⁶. Segundo a autora, os cogumelos prosperam apesar do ambiente hostil e isto se deve à sua singular habilidade de digerir as matérias orgânicas mais complexas produzidas pela natureza. Da mesma forma, nas frestas de uma sociedade violenta com as dissidências de gênero e sexualidade, a comunidade LGBTQIAPN+ produziu formas de florescer apesar de toda hostilidade ao seu redor.

“Vida Precária” é o segundo dos conceitos-chave, se trata de um conceito de Butler (2019), mas, para defini-lo, prefiro, novamente, a autora Anna Tsing (2022, p. 60) quando diz que vida precária “é uma vida sem a promessa de estabilidade”.

Com este conceito, Butler nos atenta para o fato de que em um mundo regido por uma ordem colonial/capitalista, a precarização da vida é a regra, não a exceção. Contudo, existem vidas mais precarizadas que outras e estes níveis de precaridade são distribuídos assimetricamente, ou seja, as identidades que se apresentam mais à revelia dos padrões hetero/cis sexistas coloniais são também as mais precárias. Com base nisso, Butler demonstra que todas as vidas são precárias, umas mais que outras de acordo com o acúmulo destes níveis.

A partir deste conceito, é possível vislumbrar uma perspectiva de opressão que não depende exclusivamente de biopolíticas, mas que se engendra em diferentes setores das existências, produzindo social e discursivamente aquelas identidades para que sob a bandeira da dissidência, se justifique a opressão. Para Foucault (1996), o sujeito é uma construção discursiva. Em concordância, Preciado (2014, p. 26) diz:

⁶ Madeira de alto interesse comercial, amplamente utilizada para a construção de casas, móveis, objetos de decoração e etc.

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados.

Em complemento, o terceiro conceito-chave é o de “Contrassexualidade”, criado por Paul Preciado. Segundo ele, a contrassexualidade se trata de uma atitude perante ao mundo

[...] tem como tarefa identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, histéricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes ...) e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado (Preciado 2014, p. 27).

Neste escopo, passei a caracterizar o fenômeno da Inseminação Caseira a partir dos conceitos apresentados anteriormente, como um agenciamento contrassexual da precarização. Pois, ao passo que rompe com a naturalidade da lógica “Homem-Mulher-Coito-Reprodução”, restitui, de maneira precária, alguns dos direitos reprodutivos da população LGBTQIAPN+, e isto, nada mais é do que uma reconstrução da narrativa reprodutiva em uma perspectiva contrassexual.

Contudo, o fato de esses direitos serem, em certa medida, restituídos, não significa que o fenômeno da Inseminação Caseira tenha conferido autonomia reprodutiva àqueles que o escolhem como método para engravidar. Pensar em autonomia reprodutiva, no cenário das tecnologias de concepção, e, especialmente, a partir do fenômeno da Inseminação Caseira, é uma das dificuldades que têm me acompanhado desde minha primeira pesquisa sobre o tema.

O conceito de autonomia que utilizo para fazer esta discussão, parte do princípio da autonomia na Bioética⁷. “Segundo este conceito, ao paciente deve ser dado o poder de tomar as decisões relacionadas ao seu tratamento” (Ugarte e Accioly, 2014, p. 274), além disso, o princípio ainda prescreve que para uma pessoa tomar uma decisão consciente, ela deve ter acesso a toda informação necessária disponível. A partir disso, se põe obrigatória a necessidade de consentimento livre e esclarecido para a realização de procedimentos médicos.

Entretanto, me vejo em uma armadilha discursiva ao falar sobre autonomia neste cenário específico, pois, apesar do fato de as pessoas terem o poder de decisão sobre fazer ou não uma inseminação - caseira ou não -, as outras decisões

⁷ Bioética é o estudo transdisciplinar entre biologia, medicina, filosofia (ética) e direito (biodireito) que investiga as condições necessárias para uma administração responsável da vida humana, animal e responsabilidade ambiental (Maluf, 2015, p. 6).

atreladas ao processo, são mediadas por condicionantes específicas, que, em certa medida, roubam a autonomia dessas pessoas em níveis macro e microscópico. Portanto, a seguir, discutirei brevemente três circunstâncias que me fazem refletir sobre autonomia neste cenário:

Ao pensar em procedimentos de Inseminação Artificial em clínicas especializadas (públicas e privadas), Rosely Costa (2004), traz informações importantes. Ela revela que no caso da doação de óvulos, a decisão final sobre o doador é da equipe médica responsável, obedecendo o que versa na Resolução CFM nº 2.320/2022⁸. Ela também explica sobre a doação de sêmen e como os bancos de sêmen fazem uma pré-seleção dos doadores antes de apresentar as opções para os receptores. Ainda segundo a resolução, a seleção deve ocorrer com base em critérios fenotípicos e de compatibilidade imunológica. Contudo, a seleção de “critérios fenotípicos” é bastante subjetiva, como bem ressalta a autora ao falar sobre como os profissionais envolvidos classificam as raças dos doadores:

Apesar de haver toda uma discussão dentro e fora da academia sobre classificação racial no Brasil, as instituições médicas parecem não ser afligidas por esse problema, e classificam os candidatos a doadores que vão aos bancos de sêmen sem nenhuma dúvida, problema ou questionamento. É o caso da médica responsável por um dos bancos de sêmen, que disse: “olho para o doador e já vejo logo se é negro, ou mulato, ou branco”. A médica responsável pelo outro banco de sêmen, por sua vez, disse que o sêmen mais procurado é o do “homem branco de cabelo escuro e liso porque este é o biótipo do brasileiro” (Costa, 2004, p. 238).

Semelhante ao papel dos médicos nas clínicas de fertilidade, no caso da inseminação caseira, dois condicionantes possuem influência sobre a autonomia dos tentantes. O primeiro é o próprio algoritmo da rede social que apresenta as postagens de doadores com base na relevância das postagens e na data de publicação. O segundo, são os mediadores dos grupos, que possuem o poder de vetar e excluir a participação de pessoas dos grupos ao seu bel-prazer.

Por fim, em alguns países, como no caso dos Estados Unidos, existe a possibilidade de se comprar kits de autoinseminação diretamente a bancos de sêmen pela internet, que apresentam em seus “cardápios”, diversas escolhas “compráveis” de amostras de doadores. Neste caso, além das informações básicas, outros critérios de escolha são apresentados ao comprador mediante pagamento de taxas extras. No caso do “*Sperm Bank of California*”, um dos bancos de sêmen mais

⁸ Rosely originalmente versa sobre a resolução CFM N° 1.358/1992, mas, sua discussão permanece atual, mesmo após 7 modificações da resolução (2010, 2013, 2017, 2015, 2017, 2020, 2021), tendo em vista que nada sobre isso foi modificado.

famosos do país, um perfil básico é apresentado, contendo informações como tipo sanguíneo, etnicidade, altura, cor dos olhos, textura do cabelo, etc. Todavia, é possível comprar o acesso a um perfil completo que contém informações como: a dieta do doador, exercícios e uso de substâncias, tudo isso escrito à punho pelo próprio doador. Ainda neste mesmo banco de sêmen, existe uma página exclusivamente dedicada a explicar como funciona o processo de “Home Insemination” com o auxílio dos kits vendidos pela própria empresa.

Figura 7: Instruções para Inseminação Caseira com o auxílio de Kits vendidos por Bancos de Sêmen.



[Início](#) » [Inseminação e Gravidez](#) » [Inseminações Domiciliares](#)

Fazendo uma inseminação vaginal

Você precisará de uma seringa sem agulha para inseminação vaginal, que será incluída na sua remessa ou retirada.

1. Retire a seringa da embalagem de celofane e bombeie o êmbolo para dentro e para fora algumas vezes para romper o lacre.
2. Não limpe a seringa antes de usá-la; até mesmo enxaguá-la com água pura pode matar os espermatozoides.
3. Agite bem o frasco descongelado antes de remover a tampa, insira a ponta da seringa no frasco e aspire o sêmen puxando o êmen para cima. Tenha cuidado para não puxar o êmen completamente para fora da seringa. A sucção na seringa é suficiente para que você possa colocar uma seringa cheia sobre uma superfície sem que o sêmen saia.
4. Deite-se com os quadris elevados sobre travesseiros. Você pode colocar uma toalha embaixo do corpo, pois haverá vazamento de sêmen (mas não de esperma) após a inseminação.
5. Coloque a mão no fundo da vagina para localizar o colo do útero, que deve ser redondo e liso, como a ponta do seu nariz.
6. Insira a seringa cheia, direcionando a ponta em direção ao topo do colo do útero, retire os dedos e pressione o êmbolo.
7. Permaneça deitado com os quadris elevados por 15 a 30 minutos.
8. Também pode ser útil ter um orgasmo após a inseminação (desde que não haja penetração), pois o útero se levantará, fazendo com que o colo do útero mergulhe no reservatório de esperma, enquanto as contrações do orgasmo ajudarão a mover o esperma para dentro do útero.

Essas instruções serão incluídas nos seus documentos de recuperação.

Fonte: <https://www.thespermbankofca.org/insemination-pregnancy/home-inseminations/> Acesso em 06 de Junho de 2025. Conteúdo traduzido automaticamente pelo Google Tradutor.

Nas três circunstâncias (Inseminação feita em uma clínica, Inseminação Caseira e Autoinseminação com Kit do banco de espermatozoides), existem poderes que operam além da capacidade de discernimento dos receptores do material genético. Podemos falar sobre o poder do discurso biomédico, no caso em que os profissionais de saúde possuem a decisão, o poder das plataformas de informação e de quem as domina, no caso da inseminação caseira, e, por fim, o poder do capital ao perpassar por todas as alternativas, mas, especialmente no caso em que o acesso às informações é dado mediante ao pagamento de taxas.

Portanto, falar em autonomia reprodutiva é impreciso, tendo em vista o pouco controle sobre estas condicionantes que as pessoas que se submetem a estes procedimentos de reprodução artificial possuem. Na verdade, não podemos nem mesmo afirmar que existe consentimento livre e esclarecido, tendo em vista a própria impossibilidade de autonomia.

Ao descrever o fenômeno passando por estes conceitos e discussões, busco abrir as portas para uma investigação etnográfica da realidade condicionada pela IC nas redes sociais e desconhecida pela população afora. Isto ocorre, principalmente, por conta dos sistemas de algoritmo que afogam os usuários em um caos de informação narcísica.

Estes sistemas funcionam, como descrito por Santana e Neves (2021, p. 05), como um “Filtro-bolha”, que “se estabelece na filtragem das informações que se apresentam ou deixam de ser apresentadas ao indivíduo a partir dos ‘rastros’ coletados por meio da prática informacional pregressa desses usuários na Rede”.

Na prática, isto significa que quando um usuário de uma rede social na qual ocorre esta “mediação algorítmica” (Santana e Neves, 2021), usa a rede, está compartilhando informações sobre o conteúdo que gostaria de ver futuramente em sua *timeline*⁹ a cada curtida, cada compartilhamento e cada interação com o conteúdo que lhe é apresentado.

O iniciador deste tipo de mediação algorítmica foi o *Facebook*, e não é por coincidência que ele é o lugar onde o submundo da IC se estabeleceu de maneira mais robusta. Os conteúdos postados nesta rede nos oferecem um vislumbre sobre a realidade multifacetada deste fenômeno: novos tipos de relações de

⁹Em tradução livre, “linha do tempo”, é como é descrita a interface mais comum nas redes sociais atualmente, na qual as informações se organizam em ordem temporal, apresentando as postagens mais recentes primeiro.

parentalidade, métodos e abordagens para a inseminação, especificidades de demanda de doadores, tipos de usuários frequentes e ausentes, ética do processo, ferramentas jurídicas para reconhecimento de legitimidade entre outros.

Nesses termos, esta pesquisa objetivou etnografar virtualmente o fenômeno da Inseminação Caseira em grupos do *Facebook* situando-o à luz do paradigma atual e dos direitos humanos. Em adição, os objetivos específicos incluíram: descrever o novo papel de mediação das tecnologias de comunicação nas relações reprodutivas humanas e instrumento de resistência; investigar a presença ou ausência de discursos que fomentam práticas de violência e eugenia nestes espaços e demonstrar como a prática de Inseminação Caseira traz à tona uma perspectiva interseccional sobre os direitos humanos.

Ao longo do trabalho, foi feita uma análise quali-quantitativa (mista) de natureza exploratória e descritiva, tendo em vista o fato de se tratar de um tema relativamente novo e pouco estudado, especialmente nas dimensões de interesse deste trabalho, que envolvem principalmente a bioética e os direitos humanos.

Na dimensão qualitativa, a pesquisa se propõe a responder numericamente alguns questionamentos relativos à dimensão, público, popularidade e alcance dos grupos destinados à prática da Inseminação Caseira. Isto foi feito a partir de quantificação simples e do estudo dos dados numéricos obtidos por meio de uma análise temática (Bardin, 1977), na qual categorias lógicas foram criadas, quantificadas e sistematizadas de forma a oferecer recurso numérico para discussões subjetivas.

Na dimensão qualitativa, foi escolhida a Netnografia, que se trata de uma

Pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal (Kozinets, 2014, p. 62)

Este método foi escolhido, pelo fato de a comunidade cibernética da Inseminação Caseira ser bastante expressiva, movimentando grupos de aplicativos de mensagens como *Telegram* e *Whatsapp*, fóruns *online*, páginas de blogs, perfis de *Instagram*, canais do *Youtube* e grupos de *Facebook*.

Os grupos do *Facebook* foram escolhidos como foco principal da etnografia tendo em vista que atingem dezenas de milhares de usuários todos os dias e

produzem conteúdos que serviram como *hiperlinks*¹⁰ para que eu pudesse expandir a pesquisa para outras plataformas, documentos e conteúdos.

Ao pensar em metodologia científica, os grupos me ofereceram a possibilidade de aplicar a técnica da bola de neve de forma impessoal - tendo em vista que a técnica originalmente se aplica à metodologia de entrevistas. A partir desta “bola de neve virtual” visitei conteúdos contidos na plataforma e conteúdos derivados, que me forneceram links e informações para acessar outros conteúdos, quase como em uma “boneca russa” de informações.

Além disso, se tratando de uma pesquisa de observação participante realizada em um campo cibernético, não foi necessária a apreciação em um comitê de ética em pesquisa com seres humanos, tendo em vista que

Analisar comunicações de comunidades ou culturas online ou seus arquivos não é pesquisa com seres humanos se o pesquisador não registrar a identidade dos comunicadores e se ele puder obter acesso de maneira fácil e legal a essas comunicações ou arquivos (Kozinets, 2014, p.134).

Em adição, ainda por conta da comodidade cibernética, o campo esteve disponível durante todo o processo de pesquisa, o que promoveu a obtenção de informações novas a todo tempo de realização da pesquisa, assim como de períodos muito anteriores por conta do simples acesso ao histórico de postagens na rede social *Facebook*, que foi a maior fonte de dados da pesquisa.

Em termos de recorte temporal, a pesquisa está limitada ao paradigma entre os anos de 2014 e 2025, sendo o primeiro, o ano de catalogação do primeiro grupo de Inseminação Caseira, e o último, o ano de sua finalização e defesa pública da pesquisa. No caso do recorte geográfico, a pesquisa foi limitada ao panorama brasileiro, uma vez que se trata de uma situação que se destaca das demais, tanto pela existência de um sistema público de saúde universal, quanto pela ausência de empresas que capitalizam a Inseminação Caseira de maneira formal no país, como já acontece na América do Norte e Europa, por exemplo.

Por fim, ainda na dimensão qualitativa, após a observação e produção de registros do campo, foi conduzida uma Análise do Discurso, a fim de identificar as relações dos indivíduos com a ferramenta cibernética da qual fazem uso, o perfil dos usuários destas comunidades, assim como as demandas que trazem à tona. A análise realizada, combina a crítica às instituições normativas com base na escola

¹⁰ é uma referência digital que permite acessar informações em outro documento ou página da web

francesa da análise do discurso (Pêcheux, 1995) e a análise pós-estruturalista com base na ideia de construção discursiva dos sujeitos (Foucault, 1996).

Desta forma, este trabalho se organiza em “camadas” de aprofundamento, iniciando, no capítulo 1 (Paisagens Cibernéticas: Imagens E Habitantes De Um Fenômeno) com a visão inicial que se tem ao adentrar esses espaços. Neste capítulo, me dediquei a discutir o “domínio do visível”, as imagens, os textos, os sujeitos e como eles se apresentam e o que representam.

No segundo capítulo (Nos Becos Escuros Da Rede Social: Inseminação Caseira E Violência Cibernética), em uma análise um pouco mais aprofundada, comecei a esmiuçar a violência experienciada das comunidades virtuais estudadas. Em primeira pessoa, a partir da minha própria experiência como pesquisadora, e, posteriormente, com o auxílio de capturas de tela, trago outros relatos que ilustram a realidade violenta que encontrei ao longo da pesquisa.

Em seguida, no terceiro capítulo (Um Sonho Que Tem Forma E Cor: Analisando Discursos De Doadores E Tentantes), investiguei o discurso de doadores e tentantes a fim de compreender as influências das ideias eugênicas nesses espaços e no “sonho” de ter filhos anunciado e reproduzido tão fortemente nas falas desses usuários.

Por fim, no quarto capítulo (Serial Donors: Os Casos De Doadores Seriais), discuti quatro casos de doadores com mais de 100 filhos, denunciando a prática de doação serial e sua proximidade com a realidade da Inseminação Caseira. Ainda investigo os riscos envolvidos na prática e os motivos por trás do “sucesso” desses doadores.

1. PAISAGENS CIBERNÉTICAS: IMAGENS E HABITANTES DE UM FENÔMENO

Se a paisagem é aquilo que se situa no domínio do visível, de modo que a dimensão dela nada mais é do que a dimensão da percepção (Santos, 1966), é justo afirmar que as telas digitais também são paisagens.

Proponho aqui pensarmos o *layout* das redes de maneira contemplativa, tal qual se admira uma paisagem viva, não de forma funcional, mas reconhecendo-a como atravessadora (e formadora) de culturas e experiências diversas.

Neste sentido, a contemplação da paisagem pode nos revelar muito sobre o fenômeno da Inseminação Caseira. Especificamente se tratando da paisagem virtual, estamos falando de imagens, textos, configuração, brilho, contraste, movimento. Ainda, partindo do ponto de vista da linguística, estamos falando sobre texto, intertexto e hipertexto¹¹. Todos estes ainda se misturam com a natureza ficcional e criativa proporcionada pelos pixels de uma tela de leds.

Desta forma, a complexidade da paisagem cibernética se apresenta, descentralizada, mutante, questionável e imaginativa, oferecendo novas formas e objetos de contemplação que não existem no mundo real.

O fenômeno da Inseminação Caseira apresenta paisagens que nos ajudam a compreender o fenômeno da virtualidade e vice-versa. Em 2025 a média diária de uso de internet no Brasil ultrapassa 9 horas (Datareportal, 2025), uma das maiores no planeta. Nossas relações são completamente atravessadas pelas formas de ver e participar do mundo, e, sendo a virtualidade a maneira que escolhemos passar mais da metade do tempo em que estamos acordados, as paisagens cibernéticas se tornaram a experiência *per se* e a vida real, apenas uma fração da nossa existência.

Portanto, a seguir, serão apresentadas e discutidas as paisagens cibernéticas dos grupos de IC, as imagens de capa, fotos de perfil e os sujeitos que a constroem e compõem.

1.1 Fotos de capa: Imagens

As imagens de “capa”, possuem importância para a afirmação identitária dos grupos, são as primeiras coisas que se vê ao adentrar este espaço. Ao encará-las

¹¹ Um hipertexto (ou hiperdocumento) é uma coleção de textos, imagens e sons – nós – ligados por atalhos eletrônicos para formar um sistema cuja existência depende do computador. O usuário/leitor caminha de um nó para outro, seguindo atalhos estabelecidos ou criando outros novos. (Berk; Devlin, 1991, p.543)

como paisagens, as capas passam a compor a semiótica dessa investigação, de modo que a contemplação delas pode pavimentar caminhos de compreensão dos usuários daquele espaço, das suas necessidades e reivindicações.

Figueiró (p. 200-201, 2022) descreve as imagens que encontrou ao entrar em nesses ambientes virtuais:

Nesses e em outros grupos dedicados à IC, encontrei imagens de fundo que iam desde ilustrações digitais do momento exato do encontro entre espermatozóide e óvulo, até desenhos de parques públicos e pessoas colaborando na plantação de sementes, sua irrigação e contemplação, todas com um forte senso de união e vida. (Figueiró p. 200, 2022).

Dentre outras, encontrei as mesmas imagens, como estas a seguir:

Figura 8: Imagem de capa de grupo de IC no Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook.

Figura 9: Imagem de capa de grupo de IC no Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook.

Figueiró (2022) ressalta como estas imagens refletem um senso de união e vida. Além disso, sobre as imagens que representam grupos de pessoas em locais públicos, eu acrescentaria que elas retratam a participação destas pessoas na sociedade, algo extremamente simbólico se tratando de uma porção marginalizada da sociedade.

Ingram (1997) discute a importância desta participação de pessoas *queer*¹² em espaços públicos e os esforços, por parte dos governos, para suprimi-la. Tendo em vista que a aparição em espaços públicos implica na participação destas pessoas na sociedade, o autor ressalta que “os espaços gays têm sido expandidos e contraídos como resultado de complexas interações entre as tentativas do Estado de restringi-las e a resiliência de redes que continuam a aprofundar laços mesmo sob repressão (Ingram, p. 127, 1997)”

Neste cenário, a escolha de imagens como esta para apresentar o grupo não se dá por simples conveniência, elas retratam o desejo de participação coletiva roubado destas pessoas. Tendo em vista que o simples fato de habitar um espaço público é um risco para pessoas LGBTQIAPN+, a imagem retrata, metaforicamente, que como quaisquer outros indivíduos, as pessoas desta comunidade também são capazes de “fazer o espaço florescer”, ou seja, de formar família, participar ativamente e promover mudanças positivas no espaço que habitam.

Sobre as imagens que retratam o “momento exato do encontro entre o espermatozóide e o óvulo (Figueiró, p.200, 2022)”, as mais comuns, por sinal, se trata de uma representação muito mais literal. A inseminação caseira tem como objetivo promover um encontro entre um óvulo e um espermatozóide. Na mesma medida, os grupos se propõem a mediar estes encontros entre doadores e tentantes. As figuras são uma tradução imagética destes encontros e das potências reprodutivas frutos deles.

Mas, além disso, é de se notar o uso repetitivo dessas representações científicas. Tendo em vista que imagens como estas geralmente estão associadas a veículos de informação confiáveis (livros, revistas, artigos científicos...), utilizá-las também como apresentação de um grupo, pode, por associação, conferir um status de confiabilidade e de “espaço seguro” para aquele grupo.

¹² Na língua inglesa, o termo “queer” é utilizado também para se referir a pessoas LGBTQIAPN+.

Para além das imagens citadas anteriormente, outras representações também são válidas para compreender os sujeitos que criam e habitam estes espaços. A imagem a seguir, por exemplo, leva em consideração que muitas das pessoas que buscam a IC como alternativa, fazem parte da comunidade, e, por meio da representação da bandeira LGBTQIAPN+, provocam um senso de pertencimento.

Figura 10: Imagem de capa de grupo de IC no Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook.

A paisagem acima, e sua composição de cores e afetos, desloca nosso olhar para além do que se vê. Estimula questionamentos e desperta-nos para um horizonte, no qual é válido sublinhar que:

A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar essa dinâmica social é fundamental, as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis. (Santos, 1966, p.24)

A representação simbólica da diversidade exprimida pela bandeira, assim como uma manifestação de orgulho em fazer parte da comunidade, integra a paisagem dos grupos de inseminação caseira no Facebook de forma constante,

seja pela representação nas capas ou no uso de emojis¹³ de arco-íris ou da própria bandeira junto aos nomes que intitulam os grupos.

Atualmente, a *pride flag reboot* (bandeira do orgulho LGBTQIAPN+) já apresenta variações e disposições de cores diferentes, que possuem o enfoque de visibilizar pessoas trans, bissexuais, intersexo, não-binárias, negras e pardas da comunidade. Assim, na mesma medida que as paisagens geográficas são passíveis de um dinamismo incontornável, pode-se esperar que muitas dessas capas irão passar por modificações, em busca, inclusive, de apontar apoio às existências marginalizadas mesmo dentro da comunidade.

1.2 Categorias-identidade: os habitantes

Na mesma medida que as imagens, os usuários também compõem e ajudam a construir a paisagem dos grupos, portanto, a seguir, definirei algumas categorias-identidade e as funções sociais que elas evocam dentro dos grupos. Com isso, objetivo retratar o campo, seus sujeitos e conflitos.

Vale ressaltar que as nomenclaturas que utilizo aqui são as mesmas que os usuários utilizam para se autodefinir em suas postagens. Desta maneira, cada categoria desta, carrega consigo um valor coletivo de identidade e uma função social.

1.2.1 “As” Tentantes e “os” Doadores

A primeira categoria-identidade é a de “Tentante”, um termo utilizado no grupo para se dirigir às pessoas que estão tentando engravidar. O próprio termo deriva do verbo “Tentar”, o que nos atenta para o fato de que existe uma real chance de falha ao longo destas tentativas.

Muitas vezes também são referidos como tentantes os parceiros/as/es da pessoa que está tentando engravidar, trazendo para dentro deste fenômeno a noção social de que o casal que “faz o filho”, semelhante ao que ocorreria em uma relação cis/heterocentrada.

A princípio, enquanto escrevia este trabalho, me esforcei para não atribuir marcas de gênero à categoria, tendo em vista que o fenômeno do qual elas se

¹³ Os emojis são representações gráficas usadas para transmitir uma ideia, uma emoção ou um sentimento. Esses símbolos são muito populares em comunicações on-line, como redes sociais e aplicativos de comunicação instantânea.

originam é sintomático de uma realidade que não obedece à binariedade. Inclusive, em trabalhos anteriores utilizei a marca de gênero masculina (os tentantes) como um ato de rebeldia contra estas normas. Com isso, produzi certo desconforto inclusive em mim mesma, me forçando a me corrigir diversas vezes dentro do meu próprio texto a favor da coerência com minha atitude rebelde.

Fiz isso porque notei que nos grupos, na maioria das vezes, a marca de gênero feminina é utilizada junto à palavra (as tentantes). Sempre enxerguei isso como uma contradição, revelando como coexiste com um espaço teoricamente liberto das ideias restritivas de gênero, o pacto silencioso de sociedades conservadoras, o de atribuir o papel de parir a um indivíduo “mulher”.

Isso produz, por consequência, uma ideia de tentante que performe uma feminilidade contemplada socialmente pela noção de “mulher” enquanto único ser “penetrável” e “engravidável”. Ao passo que retroalimenta a noção heteronormativa de família que tanto prejudica a luta por direitos equitativos.

Além disso, às tentantes, cabem as funções de “cuidar” do processo, a busca pelo doador, o pagamento das despesas relativas ao processo (equipamentos, exames, transporte, locação, medicamentos...), o controle logístico do processo de doação e inseminação com a feitura de exames prévios para atestar a capacidade de engravidar, testes de ovulação para controle da fertilidade e marcação do procedimento em uma data coerente com o ciclo.

Em contrapartida, “o Doador”, a outra categoria-identidade que discutirei aqui, são as pessoas que realizam doações de material genético, mais especificamente, de sêmen para a realização do procedimento. No caso desta categoria, a marca de gênero mais utilizada é a masculina, reafirmando a mesma noção binária e heteronormativa de reprodução mesmo em uma situação de radical rompimento dessas lógicas.

Dentre as funções silenciosamente atribuídas aos doadores estão: fornecer informações sobre si, se locomover, realizar quantas doações sejam necessárias para garantir a gravidez, se dispor a fazer exames que forneçam informações atualizadas especialmente sobre IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), não cobrar ou aceitar pagamento/recompensa por doação, reportar com veracidade a quantidade de filhos e os locais onde vivem antes de realizar qualquer doação, não opinar ou insistir pela escolha de quaisquer métodos respeitando a decisão da

tentante. Com base nestas funções, é possível estabelecer critérios que serão utilizados pelas tentantes no momento da escolha do doador.

A fim de exemplificar estes critérios, no quadro abaixo estão algumas informações retiradas de uma planilha de doadores disponibilizada em um dos grupos. Para fazer parte desta planilha, 142 doadores responderam a um questionário com 30 perguntas referentes aos critérios que as Tentantes avaliam antes da doação. Posteriormente, os Mediadores (administradores) disponibilizaram esta planilha para todos os participantes daquele grupo.

Quadro 1: Critérios para seleção de doador de sêmen para Inseminação Caseira

Disponibilidade de foto	Tem indicação positiva de tentante do grupo	Nome ou 'Apelido'	Cidade	Estado	Telefone (DD + #)
Disponibilidade	Método	Quantidade de Positivos/por meio de qual Método	Exames (atualizados - até 6 meses)	Data de Nascimento	Idade (anos)
Signo	Cor da Pele	Grupo Étnico	Cor do Cabelo	Textura do Cabelo	Cor dos Olhos
Altura	Peso	Grupo Sanguíneo	Hobbies	Profissão/Ocupação/Formação	Personalidade
Algo mais que queira falar sobre você	De qual de nossas redes sociais você participa?	Você declara que está fornecendo os seus dados de livre e espontânea vontade e concorda com a divulgação deles na lista de doadores do grupo?	Você autoriza que as tentantes entrem em contato diretamente pelo whatsapp?	Por qual canal você prefere ser contatado?	Email ou link para o perfil no Facebook

Fonte: Dados sistematizados a partir de uma planilha de doadores disponibilizada publicamente.

É digno de nota o nível de organização desses dados, levando em conta a quantidade de doadores que responderam o questionário, e, principalmente, o fato de ser um trabalho completamente manual e não remunerado. Os Mediadores deste grupo, produziram esta planilha simplesmente no intuito de sistematizar melhor a busca por doadores no grupo, aproximando ainda mais a experiência da Inseminação Caseira à experiência da compra de material genético por meio de

bancos de sêmen, que, da mesma maneira, entrevistam os doadores e disponibilizam os dados para servirem como critério. Desta forma, é possível traçar um perfil como o exemplificado a seguir:

Nome: *Júnior*
 Cidade: *Salvador-BA*
 Telefone: *710000-0000*
 Disponibilidade: *Em Hotel, viagens curtas.*
 Método: *Seringa/Natural*
 Quantidade de Positivos: *3*
 Exames Atualizados (Até 6 meses): *Sorologia, Espermograma*
 Data de Nascimento: *03/02/2000*
 Signo: *Aquário*
 Cor da Pele: *Negra*
 Ascendência: *Portuguesa e Africana*
 Cor do Cabelo: *Preto*
 Textura do Cabelo: *Crespo*
 Cor dos Olhos: *Preto*
 Altura: *1,63m*
 Peso: *80kg*
 Tipo Sanguíneo: *A-*
 Hobbies: *Editar Vídeos, Jogar Futebol*
 Profissão: *Publicitário*
 Personalidade: *Alegre, Otimista e Determinado*
 Algo que queira falar sobre você: *Tenho como objetivo de vida fazer as pessoas felizes, amo música, esportes, ler, cozinhar e sempre poder ajudar o próximo seja como for.*

Para fins de comparação, na imagem abaixo, está um perfil resumido de um doador no banco de sêmen *Pro-seed*, um dos primeiros que aparece ao pesquisar “banco de sêmen” no buscador Google. Para ter acesso a estes dados, precisei realizar um cadastro, fornecendo dados como: Nome, CPF¹⁴, telefone, data de nascimento e email. Portanto, quaisquer pessoas interessadas, podem ter acesso a estes perfis e informações relativas à transferência dessas amostras de sêmen de maneira simples. Além disso, neste e em outros sites de bancos de sêmen, é possível “filtrar” os doadores disponíveis com base nos critérios que são mais importantes para o tentante.

¹⁴ Sigla que significa “Cadastro de Pessoas Físicas”, um número de identificação utilizado pela Receita Federal no Brasil para fazer um registro de contribuintes.

Figura 9: Captura de tela de perfil de doador em site do banco de sêmen “Pro-seed”.

PRO-SEED
BANCO DE SÊMEN

Catálogo > Doador

Isabelly Cabral

Amostras disponíveis para tratamento de:

FIV

R\$ 5.800,00

Cor da pele	Cor dos olhos	Cor do Cabelo	Raça
Branca	Castanho	Castanho	Caucasiano

Tipo Sanguíneo	Altura	Peso	Disponibilidade
B+	173	79Kg	Envio imediato

ID: 703
26 anos
Amostra Nacional

PRO-SEED
BANCO DE SÊMEN

NOVO

Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela no site do Pro-seed.

No Brasil, a doação de sêmen é especialmente regulamentada pela lei de Biossegurança (11.105/2005), o Código Civil Brasileiro (Lei 10.406/2002), pela resolução 2.320/2022 do CFM (Conselho Federal de Medicina) e pela RDC (Resolução da Diretoria Colegiada) nº 23/2011 da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Em resumo, dentro deste tema, a lei de Biossegurança trata das normas de segurança para a realização de procedimentos de reprodução assistida, o Código Civil contempla questões de filiação, a resolução 2.320/2022 do CFM adota normas éticas para a utilização de técnicas de reprodução assistida enquanto a RDC 23/2011 da ANVISA descreve as normas técnicas para o funcionamento dos bancos sêmen e outros serviços relacionados.

De acordo com estes documentos, a doação pode ocorrer desde que seja de maneira voluntária, anônima, gratuita e não-direcionada. Isto quer dizer que é imprescindível a participação de terceiros, especialmente para garantir o anonimato do doador. Dentro das comunidades virtuais da Inseminação Caseira, é impossível garantir que as regras de uma doação formal sejam respeitadas, na verdade, a ideia de um procedimento caseiro já é uma contravenção por si só.

Contudo, é notável que existe um ímpeto de mimetizar a experiência formal ao máximo, a fim de conferir certa legitimidade ao processo. Isto produz uma moral

silenciosa e um sistema de justiça paralelo, que cria e aplica regras conforme uma noção de “certo” e “errado” construída e disseminada empiricamente.

1.2.2 Mediadores e trolls: reguladores de uma moral silenciosa

De acordo com Elias (1993), a moral é um resultado das relações sociais, construída em um processo coletivo no qual o controle externo é convertido em autocontrole e isto resulta em um processo/projeto civilizatório. Falo sobre projeto civilizatório porque como aponta o próprio Elias, existem motivos pelos quais as normas sociais existem. Ele aponta, por exemplo, a chamada “Sociedade de Corte”, como uma maneira de segregação social que fazia a manutenção do poder nas mãos dos reis absolutistas. Segundo ele, a ideia de luxo era associada ao poder, e, conseqüentemente, o produzia.

Este processo se repete no contexto dos grupos de IC, mesmo em um espaço de contravenção, as pessoas replicam as normas sociais vigentes, e à moda foucaultiana (2013), vigiam uns aos outros e punem à sua maneira aqueles que não as obedecem.

Neste cenário, duas categorias-identidades emergem como protagonistas, os Mediadores e os *Trolls*. Os Mediadores são os “donos” dos grupos, geralmente as pessoas que criaram os grupos ou que tiveram cedidos os direitos de administração. A princípio, eu os enxergava como “polícias virtuais”, os responsáveis pela manutenção de uma certa ordem dentro dos grupos. Após algum aprofundamento na investigação, fui capaz de identificar algumas outras funções exercidas por estas pessoas.

No processo de criação dos grupos, os mediadores definem várias características que são determinantes no acesso dos usuários, o que envolve muitas funções, como por exemplo: definir se será um grupo público ou privado, escolher nome, fotos de capa e de perfil, elaborar questionários de entrada, definir uma descrição, elaborar e publicar regras básicas de boa convivência entre outras atividades.

Posteriormente, com o grupo já em atividade, ainda cabe aos mediadores autorizar ou negar a presença de usuários no grupo (no caso de grupos privados), autorizar (ou não) as postagens de usuários no grupo, produzir postagens para

incentivar a movimentação e restringir a atividade de usuários que não obedecem às regras pré-estabelecidas.

Em adição a estas atividades, muitos mediadores ainda criam grupos em outras redes sociais como *Whatsapp* e *Instagram* com conteúdos sobre a temática, produzem listas de doadores com contatos e localidades para a publicação periódica, fazem questionários, planilhas e criam ferramentas que auxiliam as tentantes a encontrarem doadores.

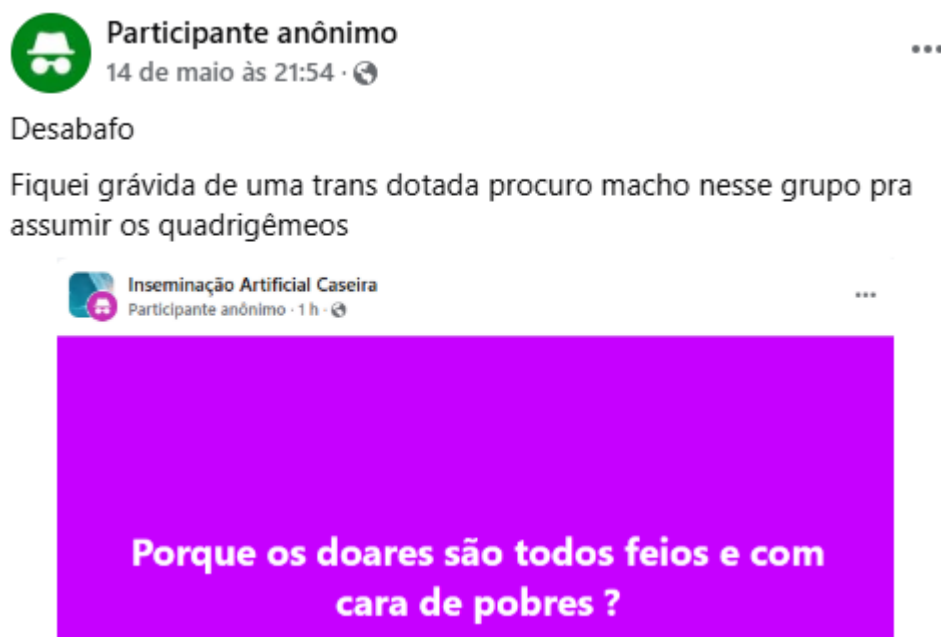
Estas atividades fazem dos mediadores figuras fundamentais em todo o processo de Inseminação Caseira, eles constroem e oferecem gratuitamente uma plataforma para a efetivação do fenômeno.

Já a figura do “*Troll*”, é definida pela atividade de “trolar”, ou seja, insultar, pregar peças, fazer comentários maldosos ou provocar discussões públicas em espaços virtuais. Em um paralelo simplista, dentro dos grupos de Inseminação Caseira, a figura do mediador seria como a polícia e a do “*Troll*” como o bandido. Este termo surge remodelado no contexto do ciberespaço, mas originalmente, os *Trolls* são criaturas míticas do folclore escandinavo, conhecidos justamente pela atividade de pregar peças e serem maldosos.

No ambiente virtual, assim como no imaginário popular, a fisionomia dos *Trolls* é um enigma, não sabemos quem eles são, de onde vêm e o porquê de fazerem o que fazem. E justamente por conta de seu anonimato, seus atos quase sempre passam impunes.

Nos grupos de IC, os *Trolls* agem principalmente ridicularizando a prática, constrangendo pessoas com comentários indevidos ou publicações supostamente engraçadas, que, na realidade, revelam um discurso de ódio especialmente contra mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, profissionais do sexo e outras categorias.

Figura 10: Postagens ofensivas em grupos de inseminação caseira no Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook.

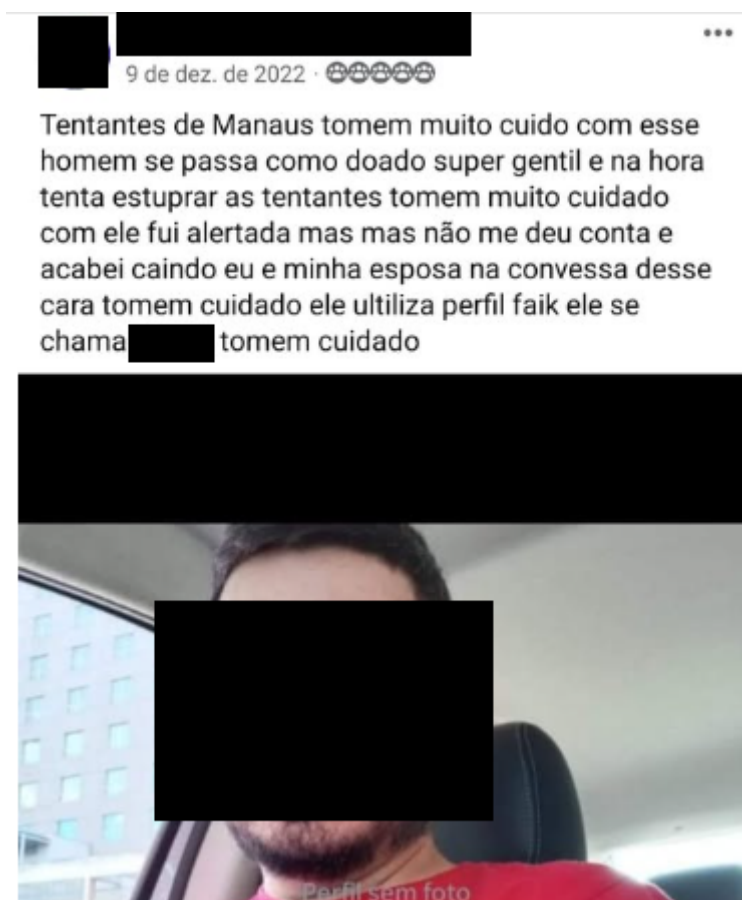
Frente a esta situação, os mediadores precisam intervir frequentemente, o que se torna um trabalho gigantesco, e, a depender da quantidade de usuários ativos nos grupos, quase impossível. Essa realidade produz muitas contradições, pois, ao passo que se trata de um espaço de acolhimento e resistência, por vezes se mostra tão violento e hostil quanto o mundo real.

Por conta disso, muitas vezes as pessoas tomam para si o papel dos mediadores e reagem às postagens violentas ao estilo “bashback”,

“Bash”, verbo inglês cuja tradução pode ser: bater com força ou criticar severamente. “Back”, advérbio da mesma língua, pode ser traduzido como: de volta, devolver. A expressão “bash back” afirma um revide; exclamativo como um berro, um rosnado que antecede o ataque (Baroque, p. 13, 2020).

Cria-se, desta maneira, não apenas um sistema de justiça paralelo, mas novas formas de punição que se caracteriza pela “devolução da violência”, principalmente por meio de exposição e ridicularização pública. Isto se tornou algo frequente e moralmente aceito dentro deste espaço, pois tem como objetivo evitar que as pessoas caiam em golpes ou sejam violentadas de quaisquer formas por pessoas mal intencionadas. Nesse contexto, é comum encontrar postagens que se intitulam como “denúncias”, como a que se pode ver abaixo:

Figura 11: Denúncia de falso doador em grupo de inseminação caseira no Facebook.



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook

Entretanto, a exposição virtual pública de conversas privadas, de imagens e dados pessoais com objetivos vexatórios é crime, e pode ser enquadrada em diversas leis que prevêm punições severas. O Código Penal, por exemplo, prevê punições para quem atenta contra a honra de outra pessoa, por meio de calúnia, difamação ou injúria (com penas que variam de 1 mês a 2 anos de detenção e multa, dependendo do tipo de crime – BRASIL, 1940).

Além disso, quando há divulgação de conteúdos íntimos, como fotos ou vídeos com conotação sexual, sem o consentimento da vítima, aplica-se a Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018, que trata da divulgação de cena de nudez (com pena de 1 a 5 anos de reclusão – BRASIL, 2018a). Também é importante considerar a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD (Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018), que protege informações pessoais e estabelece que o uso indevido desses dados por pessoa física, sem autorização do titular, pode gerar

responsabilização civil, incluindo o dever de indenizar por danos morais ou materiais causados à vítima (BRASIL, 2018b).

Em situações em que a obtenção das informações ocorre de maneira indevida, como a invasão de dispositivos eletrônicos, o crime é previsto no artigo 154-A do Código Penal (com pena de 1 a 4 anos de reclusão e multa – BRASIL, 1940). Esses instrumentos demonstram que, ainda que o ambiente virtual seja recente em termos legais, já existem mecanismos para coibir práticas semelhantes.

Contudo, é importante ressaltar que populações marginalizadas são as que menos creem na eficiência dos instrumentos formais de justiça e segurança. Essa desconfiança é fruto de experiências concretas com a negligência, a LGBTQIAPN+fobia, o racismo institucional e a violência policial. Para muitos desses grupos, o Estado se faz presente não como protetor, mas como agente de repressão ou omissão. Isso leva à construção de formas próprias de resolver conflitos como fazer “justiça com as próprias mãos” e/ou expor aquela situação publicamente para evitar que outras pessoas passem pela mesma situação.

Para Durkheim (1995, p. 50), “o conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum.” Ainda segundo o autor, um ato é criminoso quando ofende a consciência coletiva, portanto, uma das funções da pena, é defender esta “consciência coletiva”, ou seja, defender as crenças, tradições e práticas coletivas de uma sociedade.

No caso dos grupos de IC, a consciência coletiva se reflete no código moral que rege as atividades daqueles grupos. Contudo, se tratando de uma comunidade alternativa, informal, não-regulada e virtual, a ideia de penalização, ou seja, de atribuição de “castigo” em retribuição a uma atividade prejudicial a outrem, assume formas inéditas, produzindo um fenômeno sem precedentes.

Além da defesa da consciência coletiva, Durkheim ainda aponta que a pena possui outras funções: remover o indivíduo da sociedade (impedindo a reincidência da infração), apaziguar a fúria coletiva por um senso de justiça e uma função pedagógica, ou seja, ensinar, por meio da intimidação, que tal ato é reprovável segundo os valores daquela sociedade. Sobre esta última função, o autor diz que a punição se dá “não porque o castigo lhe oferece, por si mesmo, alguma satisfação, mas para que o temor paralise as vontades malignas” (Durkheim, p. 57, 1995).

Embora a pena se realize de maneiras inéditas dentro do ciberespaço, em alguma medida, suas funções são preservadas. Os mediadores surgem, nesse contexto, como legisladores, julgadores e executores da pena. Longe dos olhos do Estado, não há formalização, muito menos divisão dos papéis relativos à penalização de quaisquer atitudes, desta forma, todos esses poderes se centralizam em suas mãos.

Entretanto, muitos usuários não creem na competência ou mesmo vontade dos mediadores ou de um sistema punitivista formal em fazer justiça frente a crimes cibernéticos, portanto, como forma de defender a consciência coletiva, remover o infrator da sociedade, apaziguar a fúria por justiça e exercer a função pedagógica da pena, em muitos momentos, os usuários recorrem a práticas de linchamento virtual.

Ribeiro (2011, p. 20), discute as práticas de linchamento em consonância com a ideia de apaziguamento da fúria coletiva, tal qual descrito por Durkheim (1995). Indo além, ela fala sobre como o ato de “linchar”, se transmuta numa forma de “purificação” do ato violento “pela terapêutica da homeopatia, ou seja, o sangue que fere é o mesmo que cura”. Neste sentido, o linchamento se traduz em um fato social complexo que materializa violentamente sobre uma vítima sacrificial (Girard, 1990) uma fúria sobre uma determinada ação que fere a consciência coletiva. Ao mesmo tempo, reproduz a contradição da purificação em casos em que é aceito socialmente para saciar um senso de justiça coletivo contrariado.

Ao discutir especificamente linchamento virtual, Silva (2018) fala sobre a exposição virtual de imagens, arquivos e mensagens de texto privadas com o intuito de ridicularização pública. Ele pontua que em muitas vezes esse tipo de ação é motivada pelo sentimento de “revanchismo” e chama atenção para o “amparo do anonimato e a ideia de impunidade” oferecidos pelo meio virtual.

Sobre as práticas de linchamento virtual nos grupos de Inseminação Caseira no *Facebook*, essas dinâmicas se reproduzem. Um dos valores que amparam a consciência coletiva daquela comunidade, é o fato de que, no intuito de proteger as tentantes de possíveis “doadores” mal intencionados, é válido expor informações pessoais, imagens, mensagens de texto privadas e outros documentos nos grupos e chats privados. Nesse contexto, “os fins justificam os meios”, como diz o ditado popular.

O que levanta a contradição: será que para evitar um crime deve-se cometer outro? Talvez Hannah Arendt falaria sobre “Banalidade do Mal” (1999) para discutir

este fenômeno. Para ela, a banalidade do mal ocorre quando o mal é feito em um contexto socialmente aceito, no qual existe uma suposta legitimidade moral que justifica tal ato de maldade ou de penalização. Ela discute este conceito a partir do julgamento de Adolf Eichmann, um dos organizadores da logística de exterminação do Holocausto, condenado à morte por seus crimes. Desta maneira, Arendt levanta discussões que culminam no questionamento da efetividade do próprio sistema punitivista.

Ao observarmos a natureza mimética dos grupos de Inseminação Caseira, é possível localizar o conceito de Arendt dentro da contradição sobre as punições impostas publicamente aos *Trolls*. Para enfim nos questionarmos: qual seria o objetivo de reproduzir o mesmo sistema fadado ao fracasso? Especialmente em um ambiente em que é literalmente possível trocar de identidade, compreender o impulso pela repetição desses padrões no meio virtual é falar, como Foucault (2013) sobre a “adestrabilidade” da humanidade e a eficiência dos instrumentos disciplinares em um nível construtor de mundos.

No capítulo a seguir, serão discutidas as práticas de violência associadas à repetição desses padrões de adestrabilidade denunciados por Foucault (2013). Falar sobre a violência nesses espaços também se revela como uma maneira de se discutir punitivismo, impunidade e as funções sociais/simbólicas adquiridas pelas “categorias-identidades” aqui descritas. Portanto, a seguir, busco trazer à tona os casos de violência questionando seu espaço nos grupos e como isso afeta as dinâmicas sociais ali presentes.

2. NOS BECOS ESCUROS DA REDE SOCIAL: INSEMINAÇÃO CASEIRA E VIOLÊNCIA CIBERNÉTICA

Enquanto mulher, já ouvi muitas vezes que quando há uma violência, em especial, quando se trata de uma violência de gênero, existe a possibilidade de a vítima ter “provocado” isto com suas roupas curtas, por exemplo, ou mesmo, se submetendo a uma situação ou lugar perigoso. Sendo assim, aprendi a viver em sociedade com medo de “provocar” situações que justifiquem o fato de eu passar por alguma experiência que me violente física ou psicologicamente.

Mesmo após anos de estudo¹⁵ (Souto, 2020; 2021; 2022, 2023) e identificação com os feminismos que me formaram e me fizeram compreender que a culpa de uma violência, em nenhuma hipótese é da vítima; caio, como que por costume (ou talvez precaução), no hábito de me proteger dessas violências que eu, supostamente, posso provocar com meu corpo socializado como de mulher cisgênero.

Contudo, no momento em que comecei a investigar sobre os temas que aqui discuto, a violência “encostou” em toda a minha precaução de mulher docilizada pela possível culpa; contrariando minha crença arraigada na docilização programada pelo machismo e a hetero-cis-normatividade, pois, eu não estava expondo meu corpo, ou andando em um “beco escuro” da cidade. Estava no conforto da minha casa, “protegida” atrás da tela de um computador, navegando em uma rede social de acesso público e irrestrito.

A partir de então, comecei a investigar os acontecimentos que descrevo a seguir, com o objetivo de discutir a violência presente nos ambientes virtuais da Inseminação Caseira, e como essa violência é sutil, sintomática e direcionada a vítimas específicas; vítimas a quem esta violência é sistematicamente “autorizada”.

2.1 18 de outubro de 2022

Tudo começou em 18 de outubro de 2022, o dia em que entrei, com meu perfil pessoal em alguns grupos do *Facebook* destinados a conectar pessoas

¹⁵ Ao longo de 7 anos entre graduação e mestrado, elaborei 3 pesquisas de iniciação científica, um trabalho de conclusão de curso, um projeto de dissertação e participei de diversos projetos de extensão relacionados à teoria e prática feminista.

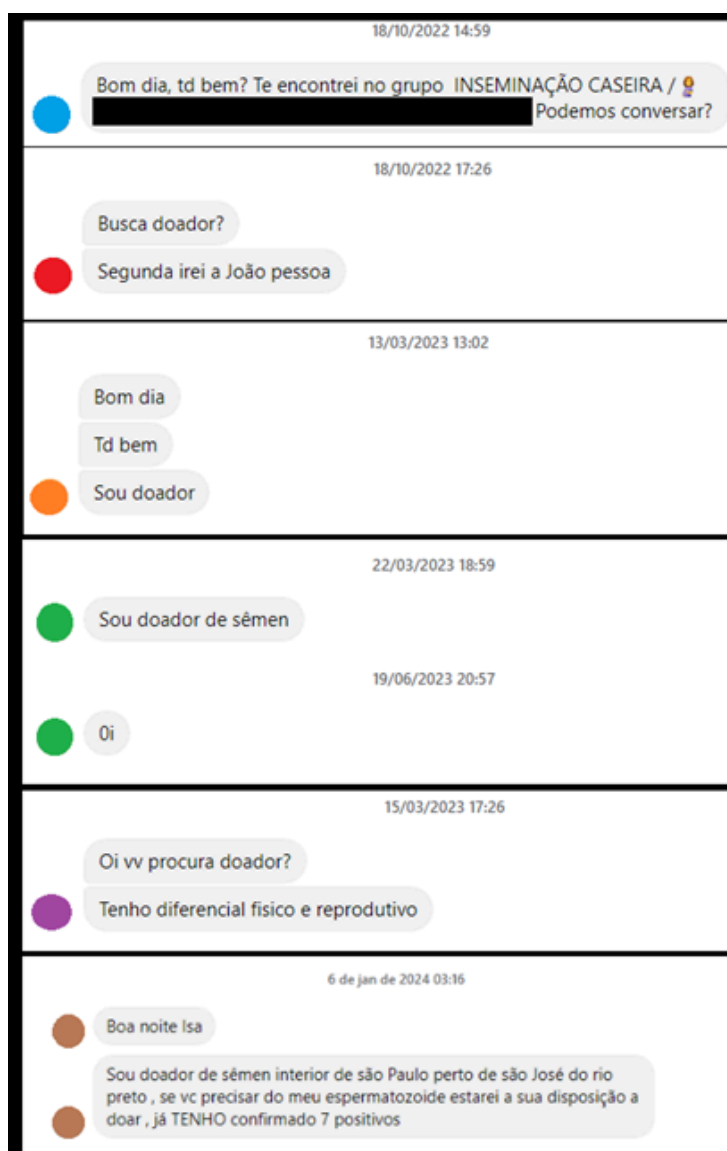
interessadas na temática da Inseminação Caseira. Até então, eu era apenas uma curiosa sobre o tema, buscava me informar e tirar algumas dúvidas. E assim o fiz, nos primeiros minutos após os mediadores autorizarem minha entrada em alguns grupos. Com minhas curiosidades iniciais sanadas, me dediquei a realizar outras atividades, embora com a cabeça cheia de novas dúvidas e ideias para construção de trabalhos que posteriormente viraram realidade.

Contudo, poucas horas depois, comecei a receber notificações do aplicativo do *Facebook* no meu *smartphone*. Foi quando notei que existiam solicitações de contato de pessoas desconhecidas (todos homens cisgêneros) no canal de mensagens privadas do aplicativo *Messenger* que é associado ao *Facebook*. No mesmo dia, recebi mensagens privadas de 3 ou 4 homens diferentes dizendo que eram doadores e que viram que eu entrei nos grupos, e, portanto, deduziram que eu buscava um doador de sêmen para engravidar.

Esta situação se repetiu ao longo dos últimos anos diversas vezes. A princípio, eu optei por não interagir muito nos grupos que participo, inclusive como uma maneira de “passar despercebida”, a fim de evitar um possível banimento por não fazer parte da comunidade de pessoas interessadas em realizar o procedimento. Por conta disto, não interagi publicamente com nenhum membro do grupo por muito tempo. Esta informação é relevante, pois demonstra que para que estes potenciais doadores tenham encontrado meu perfil, eles tiveram que procurar na sessão “membros” do grupo, onde é possível descobrir os membros que começaram a participar do grupo recentemente, e, inclusive, membros que estão perto de você.

Estas informações são úteis para pessoas que buscam doadores nas proximidades. Todavia, por meio deste amplo acesso, as pessoas ficam expostas a possíveis assediadores, que utilizam a desculpa da “doação” de sêmen para abordar mulheres independente de seu interesse ou não em engravidar, como aconteceu comigo.

Figura 12: Capturas de tela de solicitações de contato de supostos doadores.



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do *Facebook*

De acordo com o Conselho Federal de Medicina (CFM)¹⁶, em sua resolução nº 2.320/2022, a doação de sêmen é condicionada pelo anonimato do doador, excetuando-se casos de doação homóloga¹⁷ ou de membros da família em até 4º grau de parentesco.

Os doadores não devem conhecer a identidade dos receptores e vice-versa, exceto na doação de gametas ou embriões para parentesco de até 4º (quarto) grau, de um dos receptores (primeiro

¹⁶ O CFM possui competência atribuída pela Lei nº 3.268/1957 para definir normas relacionadas à prática médica no Brasil.

¹⁷ Quando um cônjuge de uma relação já reconhecida por lei (seja união estável ou casamento) doa o material para o outro cônjuge engravidar (geralmente o que ocorre em casais cis/heterocentrados).

grau: pais e filhos; segundo grau: avós e irmãos; terceiro grau: tios e sobrinhos; quarto grau: primos), desde que não incorra em consanguinidade (CFM, 2022).

Esta é uma maneira de garantir a proteção de quem utiliza o serviço em relação a tentativas de assédio, violência física ou jurídica. E, embora haja críticas a serem feitas à necessidade de anonimato do doador, esta é uma maneira de garantir o direito de escolha livre e esclarecida e a segurança da pessoa que vai engravidar.

Se tratando da Inseminação Caseira, o pressuposto fundamental é, via de regra, a inexistência do anonimato; isto agrava as possibilidades de violências que podem acontecer durante o processo de escolha do doador e realização do procedimento.

Em adição, por se tratar de uma prática não-regulamentada por nenhum órgão de saúde, muitas vezes há a possibilidade de que as denúncias relacionadas às violências sofridas sejam ignoradas ou subestimadas tendo em vista a lógica machista de culpabilização da vítima. Bell Hooks (2018, p.77) explica que a violência é um mecanismo de afirmação da dominação sexista.

Com mais homens entrando para o grupo de desempregados ou recebendo baixos salários, e mais mulheres entrando para o mercado de trabalho, alguns homens sentem que o uso da violência é a única maneira de estabelecer e manter o poder e a dominação dentro da hierarquia sexista do papel dos sexos.

Isto pode explicar o movimento de culpabilização da vítima de violência de gênero, tendo em vista que ao culpabilizar a vítima, promove-se um movimento que estabelece o violentador como “correto” diante da lógica machista hegemônica. Além disso, existem diversos casos nos quais os criminosos saíram impunes de seus atos. Isto desencoraja cada vez mais que as denúncias sejam feitas e reafirma um ciclo de violência impune com base na dominação sexista.

Falo sobre esta culpabilização, pois entendo que uma mente docilizada pela socialização em um mundo machista pode reagir justamente como eu, que não reconheci o assédio que sofri à primeira vista. A princípio, senti que eu fui abordada desta maneira porque me expus, atraindo a atenção destes homens ao usar meu perfil pessoal ao invés de um perfil anônimo, e, portanto, me autoculpabilizei pela violência da qual eu tinha sido vítima.

Posteriormente, imaginando que esta é uma situação comum, testei minha curiosidade desta vez utilizando um perfil anônimo, com poucas informações e imagens genéricas que representam gravidez e maternidade. Novamente solicitei a entrada nos grupos e horas depois, vários “pretendentes” vieram se apresentar e me oferecer doações, mesmo que, novamente, eu não tenha demonstrado interesse.

Isto demonstra que esta não é uma situação incomum, e, caso fosse o objetivo desta pesquisa, eu poderia entrevistar diversos tentantes¹⁸ e comprovar minha afirmação por números, mas, novamente, eu optei por uma observação mais discreta e passei a utilizar palavras-chave de busca que me revelassem denúncias feitas dentro dos próprios grupos sobre situações de violência sofridas pelos membros.

Optei por esta forma de investigação por constatar que as pessoas que participam destes grupos não reconhecem estes assédios sofridos como “caso de polícia”. Isto acontece justamente por acreditarem que serão culpabilizadas socialmente pela violência sofrida, ou mesmo por, como eu, se auto culpabilizarem por conta da exposição e considerarem o assédio como um “ônus” da experiência da IC. Contudo, estas mesmas pessoas não medem esforços para ajudar umas às outras, denunciando as situações nos próprios grupos para que os outros membros tentantes saibam em quem confiar ou não.

O que encontrei me levou novamente a desdenhar da minha experiência, pensando que ela não foi tão violenta como poderia ter sido, e, portanto, desimportante, ou digna de “vista grossa”. Mas, reavaliando, vi o quão sintomático isto é, e o quão treinada minha mente foi para “fazer vistas grossas” em momentos como este.

2.2 Cruzada contra aos dissidentes: Violência histórica e a virtualização da reprodução

A fim de compreendermos melhor o contexto social-histórico que propiciou o nascimento do fenômeno da Inseminação Caseira, é importante revisitar a construção e atuação de biopolíticas que fizeram, ao longo da história, uma seleção

¹⁸ Nomenclatura utilizada nos grupos para se referir aos membros que estão tentando engravidar.

negativa¹⁹ dos indivíduos considerados indesejáveis frente ao paradigma então vigente.

Ao revisitar estes eventos históricos, também objetivo demonstrar como a tecnologia e o advento do ciberespaço transformaram o contexto e produziram formas de quebrar o comportamento cíclico da opressão petrossexoracial (Preciado, 2023), ao passo que também produziram novos desafios preocupantes.

Para contar a história dessas biopolíticas, Federici (2017), remonta à idade média e, demonstrando como elas estão intimamente ligadas à história do capitalismo. Isto é perceptível por conta da mudança ocorrida após o processo de acumulação primitiva²⁰ (Marx, 2015), quando houve uma ressignificação das relações amorosas/afetivas e matrimoniais, tendo o princípio da hereditariedade da propriedade privada como o eixo, em torno do qual, essas relações passaram a se organizar.

O escalonamento do poder da igreja católica também tem muito a ver com a história do capitalismo. A igreja foi um dos, senão o principal instrumento de controle social-ideológico utilizado pelo Estado, para fazer manutenção do poder antes e durante o período absolutista na Europa. Com o auxílio da “autoridade divina”, foi possível justificar o abismo social gerado pelo processo de acumulação primitiva, que, até hoje, concentra recursos nas mãos dos mais poderosos, que, não por coincidência, também são os menores produtores de mais-valia²¹.

Federici (2017), ainda demonstra que ao longo dos anos, o controle dos corpos acontece por conta da verdadeira “cruzada contra as mulheres”, realizada pelo cristianismo, a partir do século IV, quando se tornou a religião estatal na Europa. Segundo ela, “o clero reconheceu o poder que o desejo sexual conferia às mulheres sobre os homens e tentou persistentemente exorcizá-lo, identificando o sagrado com a prática de evitar as mulheres e o sexo” (Federici, 2017, p.80).

A fim de restringir este possível poder, a igreja delimitou que apenas algumas práticas sexuais seriam permitidas. Especificamente, as que envolviam o sexo com finalidade reprodutiva dentro do “sagrado matrimônio”.

Estas restrições eram divulgadas por meio da distribuição de manuais que serviam como “guias práticos para confessores” (Federici, 2017, p. 80). Sobre estes

¹⁹ “Seleção negativa” é um termo darwinista que denomina o processo de deleção de genes ou indivíduos “indesejados” ao longo de um processo evolutivo.

²⁰De acordo com Marx (2015, p. 959) a acumulação primitiva é “uma acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida”.

²¹ Marx (2015, p. 102) define mais-valia como a “transformação do valor de uma mercadoria que vem a ser pago depois que seu valor de uso, sob o comando do capital, recria o antigo valor de troca”.

manuals, a autora ainda descreve que:

Esses trabalhos demonstram que a Igreja tentou impor um verdadeiro catecismo sexual, prescrevendo detalhadamente as posições permitidas durante o ato sexual (na verdade, só uma era permitida), os dias em que se podia fazer sexo, quem quem era permitido e com quem era proibido (Federici, 2017, p. 81).

Com isto, foram trazidas à tona questões que culminaram na criminalização da homossexualidade (crime de sodomia), adultério e de outras formas de sexo não-reprodutivas e/ou fora do casamento. Neste momento, a “cruzada contra as mulheres” tem uma virada epistêmica, se tornando a “cruzada contra os dissidentes” que experienciamos até hoje.

Não coincidentemente, as práticas sexuais condenadas pela Igreja, também eram práticas que prejudicavam a hereditariedade da propriedade privada, seja pela impossibilidade de gerar herdeiros, ou pela informalidade das relações (com amantes ou prostitutas, por exemplo), que produziam proles ilegítimas (filhos bastardos), não reconhecidos pelo Estado ou pela Igreja enquanto instituição legitimadora das relações matrimoniais.

Figura 13: A queima do cavaleiro Richard Puller von Hohenburg com seu criado diante dos muros de Zurique, por sodomia, 1482.



Fonte: Figura medieval de domínio público.²²

²²Disponível

<https://www.theguardian.com/books/2024/jan/28/forbidden-desire-in-early-modern-europe-male-male-sexual-relations-1400-1750-review-by-noel-malcolm-christianitys-barbaric-war-against-homosexuality>

em:

Os indivíduos que realizavam atividades sexuais não legitimadas pela igreja eram severamente punidos, como no caso da figura acima, na qual é possível ver a representação da punição a um cavaleiro e seu criado pelo crime de “sodomia”, um termo utilizado para descrever práticas sexuais “impuras”.

Com o passar dos séculos, um estigma se forma em torno destas práticas sexuais, especialmente se tratando de relacionamentos homoeróticos, que em repetidos períodos da história (império romano, idade média, holocausto nazista, pandemia de HIV e etc.) foram condenados e ditos como comportamentos erráticos e associados a perversão.

Este estigma contribuiu para a ideia de que indivíduos considerados dissidentes da heteronorma, não são formadores de família, na verdade, nem são dignos do status de humanidade, portanto, não devem possuir direitos sobre suas potências reprodutivas a não ser que se enquadrem à hegemonia.

Por conta dos eventos que carregaram o estigma que associou historicamente a homossexualidade à perversão, construiu-se uma estrutura formal preconceituosa. Desta maneira, não apenas as convenções sociais, mas as estruturas normativas de poder (constituições, normas, documentos oficiais e etc) estabeleceram desafios extras à própria existência de direitos reprodutivos para estes indivíduos “indesejados” pela norma.

A manutenção desta “norma”, para Butler,

continua produzindo o paradoxo quase impossível de um humano que não é humano, ou do humano que apaga o humano como uma alteridade conhecida. Se existe o humano, existe o inumano; quando proclamamos como humano um determinado grupo de seres que anteriormente não eram considerados de fato humanos, admitimos que a reivindicação da “condição de humanidade” é uma prerrogativa mutável (Butler, 2020, p. 117).

A temática dos direitos reprodutivos de pessoas LGBTQIAPN+ não é apenas uma questão de saúde pública. É também uma questão de igualdade, ambos, direitos amparados pelo ordenamento brasileiro - especificamente no artigo 196 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) - mas, acima de tudo, é uma questão de conferir humanidade a indivíduos a quem esta, foi histórica e sistematicamente negada.

Entretanto, Freire *et al* (2019) nos atenta para o fato de que a garantia de igualdade, neste caso, deve visar a “Igualdade Material”, ou seja, uma igualdade baseada na definição aristotélica, que diz que deve-se tratar igualmente os iguais e

desigualmente os desiguais, na medida de sua desigualdade.

Butler (2019) ainda discorre sobre como todos nós temos uma vulnerabilidade intrínseca, fruto das convenções sociais que nos interpelam. Para ela²³, “essa vulnerabilidade, no entanto, torna-se altamente exacerbada sob certas condições sociais e políticas, especialmente aquelas em que a violência é um modo de vida e os meios para garantir a autodefesa são limitados (Butler, 2019, p.33)”.

É importante delimitar que a violência é um contexto social comum na vida de pessoas LGBTQIAPN+, em especial no Brasil, onde, segundo dados do Dossiê “Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil” (ANTRA; ABGLT, 2023), apenas em 2023, ocorreram 230 mortes violentas de pessoas pertencentes a esta comunidade no Brasil.

Neste cenário, faz sentido o movimento recente de “virtualização” das relações erótico/amorosas, e, por consequência, reprodutivas, por parte da população LGBTQIAPN+.

O ciberespaço é considerado por muitos, um espaço “mais seguro” para iniciar interações interpessoais. Pois, frente a circunstâncias políticas e sociais violentas, especialmente para determinados segmentos da população, o movimento de virtualização se intensificou, produzindo fenômenos impensáveis, como o caso da Inseminação Caseira.

2.3 Violência intestina para quem tem estômago

Girard (2008), parte da premissa de que a violência faz parte da natureza humana, inclusive, a descreve como “intestina”, pois, para ele, é como um impulso interno, se apresenta nas nossas realidades de diferentes formas, legítimas ou ilegítimas a depender da cultura em que estamos inseridos.

Além disso, ele descreve o fato de o ser humano construir “desculpas” para cumprir seu impulso violento de maneiras legítimas e justificadas, seja socialmente ou juridicamente. Desta forma, ele traz à tona o conceito de “vítima sacrificável”, algo que surge a partir de práticas religiosas nas quais se matam animais em sacrifício e oferta aos deuses, e estes animais, então, seriam o alvo sobre o qual a violência supostamente é justificada, ou socialmente aceita, e, portanto, tomariam o lugar daquele a quem a violência se destinava originalmente. Neste caso, se a

²³Utilizo o pronome neutro “elu”, pois em inglês, Butler utiliza o pronome “they”.

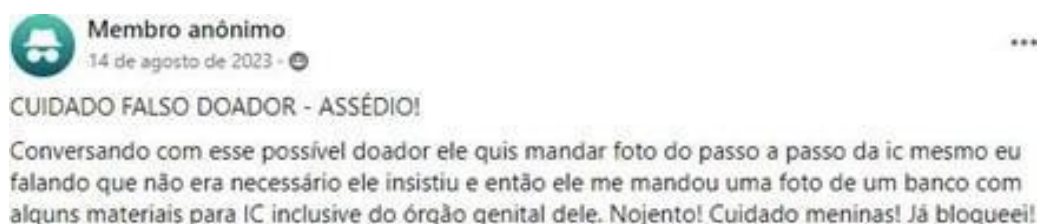
violência originalmente se destinasse a um alvo humano, por exemplo, se trataria de uma contravenção, ilegítima aos olhos da sociedade, da religião ou mesmo da lei, mas como se destina a um animal, uma “vítima sacrificável”, ou, nas palavras de Butler (2015), uma vida, impassível de luto.

Desta maneira, cria-se a noção de que apenas “vítimas sacrificáveis” podem sofrer violência. E, portanto, a partir desta noção, se debruçam a moral e a ética, que, portanto, definem “a régua” dos limites da violência. A Ética cria precedentes legítimos e os normatiza por meio de leis e documentos, os “contratos sociais” que justificam a violência, em especial, a violência cometida por instrumentos de punição do Estado. Já, a Moral, inerente a cada ser humano, é dependente de seus valores pessoais e sociais, o que provoca conflitos sobre quem são vítimas sacrificáveis ou não, especialmente quando existem noções de sociedade alinhadas a correntes de pensamento como a Eugenia, ou mesmo tecnologias sociais (Preciado, 2018) intrincadas nas culturas como o sexismo, o racismo, a heterossexualidade e cisgeneridade compulsórias.

Portanto, é importante destacar como a recorrência impune de situações como esta demonstra como a sociedade (inclusive as próprias vítimas), enxerga o público-alvo destes grupos (especialmente mulheres cisgênero lésbicas, homens transsexuais e pessoas inférteis em geral), como vítimas sacrificáveis, a quem a violência se destina de maneira justificada e socialmente aceita. Em especial, é importante destacar como o fato de estas denúncias não serem feitas por meio de instrumentos legítimos, denota que as próprias vítimas estão “acostumadas” com esta circunstância.

Abaixo, algumas capturas de tela serão apresentadas no intuito de ilustrar os casos de violência denunciados nos grupos do *Facebook* dedicados à IC, é oportuno alertar que este conteúdo pode provocar gatilhos a pessoas sensíveis ou que já sofreram violências semelhantes (violência sexual, abuso moral, sexual, violência cibernética etc.).

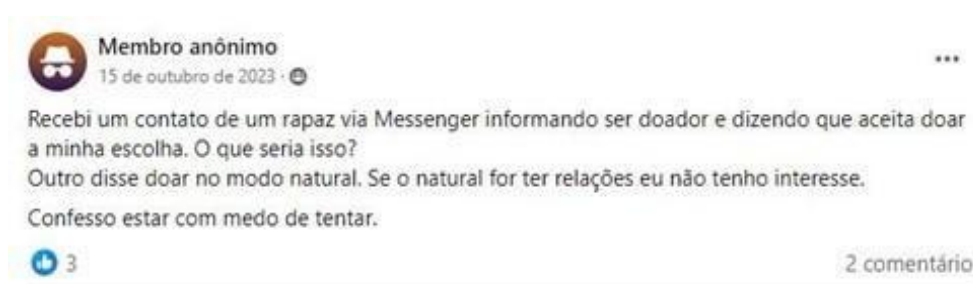
Figura 14: Denúncia de assédio de um falso doador de sêmen



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook

Na figura acima, existem alguns fatos importantes a serem discutidos. Primeiramente, o fato de a denúncia ser feita por meio de uma postagem anônima, demonstrando que, provavelmente, a vítima busca se preservar, ao mesmo tempo que quer alertar outros tentantes sobre a violência sofrida. Outro fato a ser notado é como os violentadores se utilizam de um discurso de “expertise”, ou experiência prévia na realização de procedimentos de IC a fim de ganhar a confiança dos tentantes e, desta maneira, criar uma falsa noção de consentimento, principalmente quando se trata de violência sexual.

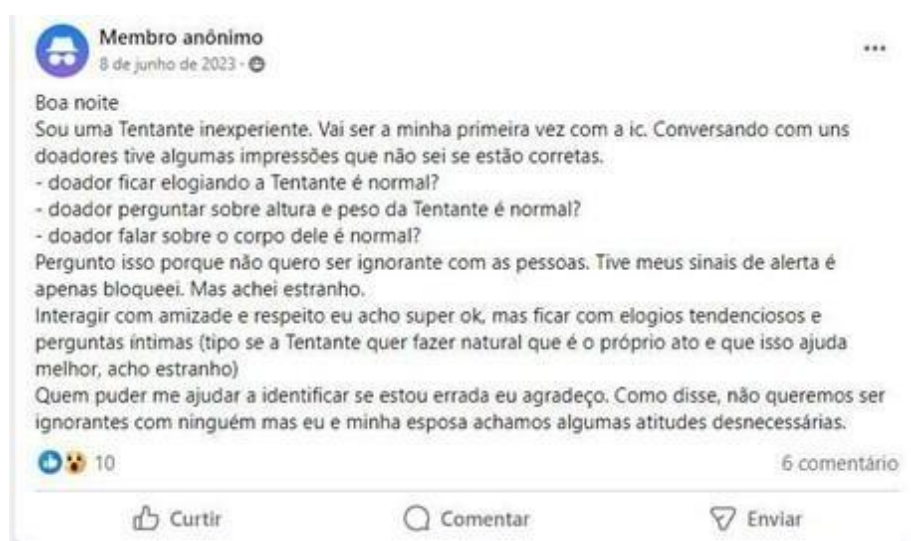
Figura 15: Relato de tentante que tem medo dos doadores



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook

Já na figura 15, nota-se novamente a denúncia anônima, e se repete o *modus operandi* dos assediadores que vieram até mim, buscando os tentantes por meio de mensagens privadas no aplicativo *Messenger*, associado ao *Facebook*, e se oferecem para doação independente de qualquer solicitação ou comunicação prévia dos tentantes. Contudo, o assédio logo se agrava quando há resposta e interesse por parte do tentante. É quando começam as insistências de se realizar a IC “do modo natural”, ou seja, por meio de relações sexuais desprotegidas, sob a principal justificativa de oferecer uma maior possibilidade de sucesso. Por fim, a pessoa que fez a denúncia ainda declara que tem medo de tentar engravidar pela IC, justamente por conta deste tipo de situação.

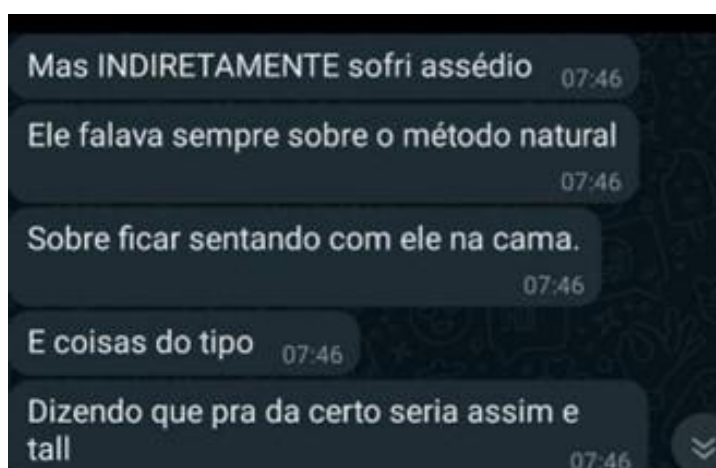
Figura 16: Questionamentos sobre o contato entre doadores e tentantes



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook

Na figura 16, uma pessoa (novamente anônima) que se descreve como “tentante inexperiente” faz diversas perguntas, no intuito de compreender a natureza da relação entre doador e tentante em um cenário de IC. Por meio de sua fala, é possível identificar que assim como eu, no início, a pessoa que fez a denúncia não encarava as situações que passou como violentas, por isso, foi à público tirar estas dúvidas, embora seu próprio incômodo com o assédio sofrido a respondesse.

Figura 17: Denúncia de assédio de doador

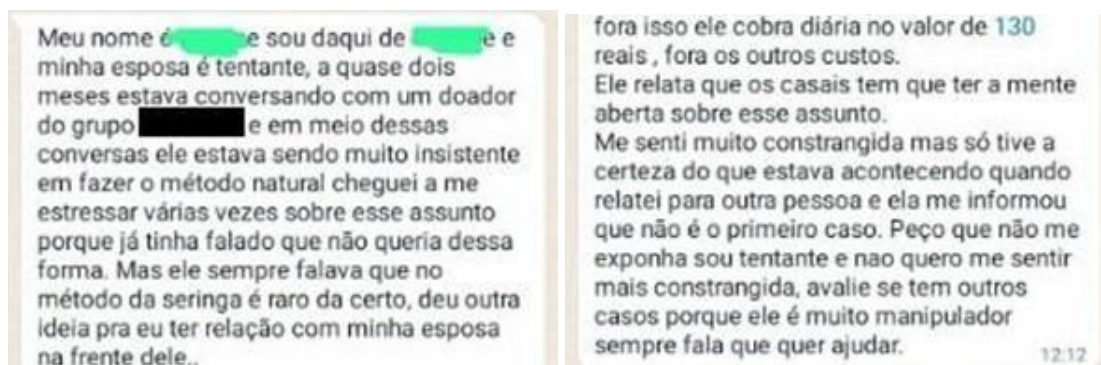


Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook

Na figura 17, destaco novamente a falta de reconhecimento da violência sofrida por parte da própria vítima. Aqui, nota-se que a vítima, embora tenha sido abordada diretamente, sem nenhuma ressalva por parte do assediador, ainda

considera que “indiretamente” foi assediada. O que, mais uma vez, denota o fato de as pessoas considerarem este tipo de violência como de menor valor, ou mesmo, não considerarem que seja violência.

Figura 18: Denúncia de insistência por método natural e extorsão



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do *Facebook*.

Na figura 18, a vítima denuncia não apenas o assédio por insistência de realização do “método natural”, mas a cobrança indevida pela doação, tendo em vista a Lei 9.434 (Brasil, 1997), que criminaliza:

Comprar ou vender tecidos, órgãos ou partes do corpo humano:
Pena - reclusão, de três a oito anos, e multa, de 200 a 360 dias-multa.

Parágrafo único. Incorre na mesma pena quem promove, intermedeia, facilita ou aufere qualquer vantagem com a transação.(BRASIL, 1997, Art. 15)

Em complemento, destaco a última parte do texto, quando a vítima descreve uma conversa com outra pessoa, que a informou de que o seu, não é o único caso, o que demonstra que não é incomum este tipo de assédio, extorsão e constrangimento ao qual essa vítima foi submetida.

Figura 19: Denúncia de assédio explícito



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook.

Por fim, na figura 19, busquei relatar um assédio mais explícito, e, dentre outros relatos semelhantes, encontrei esta captura de tela de uma conversa privada no aplicativo *Whatsapp*, na qual o doador faz propostas não relacionadas ao sucesso do procedimento de IC, mas visando apenas seu próprio prazer sexual.

Esta última figura denota a visão transacional que muitos doadores têm em relação à IC, na qual, supostamente, há a possibilidade de trocar a doação por sexo, ao invés de oferecê-la como uma ação de boa fé. Sendo este, infelizmente o motivo que reúne muitos possíveis violentadores nos grupos, criando um ambiente hostil e produzindo insegurança em um espaço que deveria ser inclusivo e seguro.

2.4 Pornografia e Inseminação Caseira: Por que ocupam o mesmo lugar no ciberespaço?

Por conta desta visão transacional que muitos supostos doadores têm sobre a IC, é quase impossível navegar nos grupos associados à Inseminação Caseira e não se deparar com conteúdo pornográfico.

É algo que passou a fazer parte da paisagem cibernética destes grupos. Alguns usuários se incomodam, alguns grupos censuram, muitos se dizem tristes com a situação, mas, por fim, são como *spams*²⁴ na sua caixa de e-mail, por mais que você tente eliminar, em algum momento, novos aparecerão.

Com o passar do tempo pesquisando nesses grupos, eu passei a me incomodar bastante com a presença deste tipo de conteúdo. Especialmente porque

²⁴ *Spams* são mensagens não solicitadas e enviadas em grande quantidade para muitos destinatários

passsei a notar que eles eram compartilhados em tom jocoso, caçoando das pessoas que buscam doadores de sêmen nos grupos.

Frente a esta circunstância, aqui me propus a responder duas questões: Por que as pessoas se sentem autorizadas a ressignificar a prática da Inseminação Caseira em contextos pornográficos e perversos? Que prejuízos o contato frequente com este conteúdo violento pode acarretar para as pessoas que buscam doadores ou informação sobre a prática de IC?

Para responder a primeira questão, é importante lembrar que o comportamento discutido aqui, é uma herança do tempo em que se construiu o estigma de perversão e impureza atribuído à população LGBTQIAPN+ e às mulheres, como já discutido anteriormente.

Sabendo que estes indivíduos constituem a maior parte dos usuários dos grupos de IC, frente ao contexto histórico e à visão transacional que muitos supostos doadores têm, como explorei anteriormente, alguns conceitos-chave serão importantes para respondermos aos questionamentos.

Primeiramente o conceito de Discurso de Ódio, aprofundado por Butler (2021). Butler diz que o Discurso de Ódio é a “ferida pela linguagem”, e que, “se a linguagem pode sustentar o corpo, pode também ameaçar sua existência” (Butler, 2021, p. 18). Também é importante notar a consonância com Foucault (1996), quando falamos sobre a força das representações, ou seja, dos “significantes” que as palavras, ou os signos, trazem consigo. De Tílio e Calegari (2019) ainda complementam trazendo o conceito de “Memória discursiva” da análise do discurso de Pêcheux (1995), nos fazendo compreender como

A ideologia tende a naturalizar a relação palavra-coisa, além de ocultar a memória discursiva referente a tal assunto/ideia (tudo o que já foi dito sobre ele e acumulado, porém passível de esquecimento, pela experiência coletiva - ao que se denomina interdiscurso ou memória discursiva), fazendo com que o sujeito de enunciação se julgue ponto de partida do discurso, identificando-se e subjetificando-se enquanto sujeito (De Tílio e Calegari, 2019, p. 2295)

Com estes conceitos podemos traçar uma “trilha” de pensamento, começando pela compreensão de Butler (2021) de que a pornografia é um discurso que constroi o ódio ao passo que cria uma frustração com a realidade, tendo em vista o “roteiro” pré-determinado de

como as mulheres devem existir, como elas são vistas e como são tratadas, construindo a realidade social do que é uma mulher e do que uma mulher pode ser com relação ao que pode ser feito com

ela, e do que é um homem em relação a fazer isso (Butler, 2021, p.72)

Para Foucault (1996), as palavras (neste caso, a pornografia), constroem discursivamente o indivíduo (neste caso, mulheres e pessoas LGBTQIAPN+), ao passo que reforça uma “memória discursiva” (De Tílio e Calegari, 2019) violenta e degradante que se mantém viva desde a idade média.

Portanto, a presença destes conteúdos dizem respeito ao ódio direcionado aos indivíduos que ali estão. A pornografia ali presente, embora muitas vezes desconsiderada, é um retrato da sociedade despida de pudores sobre seus ódios milenares.

Contudo, desta vez, estes discursos chegam aos milhares, em segundos, teleguiados por satélites, fibra óptica e ondas eletromagnéticas, tornando-se senso comum e construindo, mais uma vez uma memória que alia indivíduos subalternizados à perversão, ao passo que alia a prática de Inseminação Caseira à pornografia virtual.

Para além dos prejuízos coletivos a longo prazo, pela construção discursiva que leva à colonialidade dos seres (Maldonado-Torres, 2008), o segundo questionamento que levanto, diz respeito aos prejuízos individuais e imediatos do contato diário e exaustivo com esse conteúdo nos grupos de IC.

De acordo com Maciel (2023), alguns prejuízos da exposição prolongada à pornografia são:

1. Problemas de saúde mental: o excesso de estímulos pornográficos pode desencadear problemas como ansiedade, depressão e baixa autoestima, além de provocar um comportamento viciante e levar ao vício.
2. Desempenho sexual: o uso excessivo pode provocar disfunção erétil e ejaculação precoce, pois o usuário pode se tornar tão acostumado com a estimulação visual da pornografia que não consegue excitação e manter uma ereção durante o sexo real.
3. Problemas nos relacionamentos: o interesse por imagens pornográficas leva o usuário a um mundo de fantasias, o que acarreta num distanciamento físico e emocional com seus parceiros, e consequentemente diminuição das relações íntimas.
4. Dessensibilização sexual: o usuário se torna menos sensível aos estímulos normais, o que dificulta a excitação e chegar ao orgasmo com parceiros reais.
5. Impactos sociais: o excesso de consumo pode provocar um isolamento social, afastamento da família e amigos, baixo desempenho no trabalho/faculdade, pois o pensamento central é a pornografia, provocando distração (Maciel 2023, p. 19).

Diferentemente do caso dos grupos de IC, no contexto exposto pela autora, se tratam de usuários que buscam prazer e diversão por meio do conteúdo pornográfico. Porém, aplico aqui a mesma lógica, tendo em vista a exposição prolongada ao mesmo conteúdo. Inclusive, considero a situação agravada, pois, nesta circunstância, a exposição é de maneira não-solicitada (quase compulsória). Além disso, este conteúdo traz consigo um juízo de valor atrelado a um discurso de ódio direcionado aos mesmos usuários que são expostos a este desgaste de maneira intrusiva.

Desta maneira, é possível constatar que o discurso de ódio posto na forma da pornografia nos grupos de IC, trazem consigo respostas muito além das que podem ser facilmente lidas por dados numéricos. A avaliação dos motivos por trás da presença massiva destes conteúdos nos grupos, explanam uma realidade segregante que condena certas populações a se submeterem a violência e humilhações em busca de seus direitos básicos.

Parece óbvio dizer, mas simplesmente não é justo que pessoas LGBTQIAPN+, mulheres solteiras, casais heterossexuais com problemas de fertilidade e outras porções da população tenham que recorrer a plataformas como estas para exercer suas vontades e direitos reprodutivos.

Além disso, é um erro grotesco considerar que estes espaços são fruto de uma sociedade mais “permissiva” e mais “flexível” em relação à existência dessas pessoas na sociedade. Na realidade, estes ciberespaços funcionam como mais uma instituição segregante como as outras descritas por Foucault (2013).

A realização plena de direitos básicos como o de se reproduzir, em uma sociedade como a nossa, passa pela legitimação das próprias instituições que nos aprisionam. Portanto, construir direitos a partir de “remendos” em uma lei feita para cortar e segregar, não é apenas se iludir, é se comportar docilmente frente a tudo que nos aprisiona e nos subalterniza.

2.5 Direitos sexuais e reprodutivos: Uma prioridade do Governo?

Muitos poderiam me perguntar: “por que as pessoas ainda se colocam nestas situações de risco?” ou “por que essa violência é tão comum?” Frente ao cenário estarrecedor que apresentei no tópico anterior, a nível de empatia, podemos reconstituir o contexto no qual as pessoas que optam pela IC estão inseridas.

Novamente, gostaria de ressaltar o fato de que a violência, em hipótese alguma, pode ser culpa da vítima, desta maneira, independente do contexto violento (conhecido) da IC, os tentantes não devem ser culpabilizados por “se colocarem nestas situações de risco”. Por outro lado, sabendo deste contexto precário e hostil, o que faz as pessoas ainda escolherem este método para engravidar?

Para responder estas perguntas, é importante apresentar o “pano de fundo” que torna a IC tão popular. Isto se deve à uma falha governamental sistemática em relação a direitos sexuais e reprodutivos básicos, que não acontece apenas no Brasil, mas neste país onde existe um sistema de saúde que se pretende público, gratuito e universal, uma pequena fresta nestes princípios, se torna um abismo, que vulnerabiliza populações inteiras.

Quando falo em “Direitos Sexuais e Reprodutivos”, especificamente no Brasil, existe uma cartilha de “Normas e Manuais Técnicos”, intitulada “Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos: Uma Prioridade do Governo” (Brasil, 2005) que define estes direitos a partir da Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre população e desenvolvimento realizada no Cairo em 1994, da seguinte maneira:

Os direitos reprodutivos abrangem certos direitos humanos já reconhecidos em leis nacionais, em documentos internacionais sobre direitos humanos, em outros documentos consensuais. Esses direitos se ancoram no reconhecimento do direito básico de todo casal e de todo indivíduo de decidir livre e responsavelmente sobre o número, o espaçamento e a oportunidade de ter filhos e de ter a informação e os meios de assim o fazer, e o direito de gozar do mais elevado padrão de saúde sexual e reprodutiva. Inclui também seu direito de tomar decisões sobre a reprodução, livre de discriminação, coerção ou violência. (Nações Unidas, 1994, P. 62)

Esta compreensão é digna de nota, tendo em vista, que segundo a própria cartilha do Ministério da Saúde (Brasil, 2005) os direitos sexuais e reprodutivos são uma “Prioridade do Governo”. Sendo assim, um governo, inclusive liderado pelo mesmo presidente do ano de publicação da cartilha²⁵, não pode se eximir da responsabilidade de lidar com esta dita “prioridade”.

Tendo tudo isto em vista, procuro demonstrar a compreensão de que é uma responsabilidade inadiável do Governo Federal, criar mecanismos como estrutura e políticas públicas para que as pessoas que hoje ainda optam pelo método da

²⁵ Em 2005, Luís Inácio Lula da Silva cumpria seu primeiro mandato como Presidente da República, em 2024, ele cumpre seu terceiro mandato no mesmo cargo.

Inseminação Caseira, possam “gozar do mais elevado padrão de saúde sexual e reprodutiva” (Nações Unidas, 1994, p. 62), e, principalmente, que tenham assegurado seu direito “de tomar decisões sobre a reprodução, livre de discriminação, coerção ou violência” (Nações Unidas, 1994, p. 62).

Desta maneira, voltando ao questionamento “o que faz as pessoas ainda escolherem este método para engravidar?” É possível afirmar que na realidade, não se trata de uma escolha, e sim da falta dela, como se vê nos trechos das entrevistas a seguir, extraídos do trabalho que executei durante a graduação:

Caso este serviço fosse oferecido pelo SUS, você ainda optaria pelo método caseiro? Por que?

Com toda certeza, levando em consideração a segurança que o ambiente hospitalar me traz e a segurança de um doador anônimo, eu seria sim uma pessoa que recorreria ao sistema único de saúde para a realização desse sonho. Sem contar na boa orientação que com certeza eu receberia dos profissionais.

Outro tentante, ainda completa:

Se fosse mais rápido, com certeza faria pelo SUS. Sou grande defensora dele e sei que seria um procedimento tão bom quanto no particular, mas precisaria de uma fila de espera mais rápida, para que as mulheres não perdessem a oportunidade.

(Respondentes anônimos *in* Souto, p. 55, 2023).

Contudo, alguns outros fatores precisam ser levados em consideração, especialmente os apontados abaixo por outras tentantes que responderam à mesma pergunta:

Caso este serviço fosse oferecido pelo SUS, você ainda optaria pelo método caseiro? Por que?

1.) Provavelmente sim, pois é tudo muito burocrático quando é para favorecer pobres, por exemplo, já que é quem mais procuraria por não poder pagar uma clínica particular.

2.) Sim, pois seria menos trabalhoso e não iria ficar em uma fila.

3.) Sim, devido a praticidade e facilidade com o procedimento. Muitas das vezes, processos do SUS é bastante demorado e burocrático.

(Respondentes anônimos *in* Souto, p. 56, 2023).

Neste cenário, oferecer uma escolha formal e eficiente para essas pessoas é determinante não apenas para garantia de direitos reprodutivos básicos, mas para a garantia de sua segurança, para dismantelar sistemas de violência “autorizada”.

Mas além de buscar alternativas que removam pessoas LGBTQIAPN+ dos “becos escuros” das redes sociais, é importante que a lei chegue nesses espaços. O debate da “Regulamentação das Redes” é extremamente pertinente nesta seara, afinal, o fenômeno da Inseminação Caseira é apenas um dos exemplos de como as redes nos ajudaram a construir maneiras de burlar leis, esconder crimes e subestimar violências.

A discussão sobre a regulamentação das redes está principalmente em torno do Projeto de Lei 2.630/2020, que “estabelece normas, diretrizes e mecanismos de transparência para provedores de redes sociais e de serviços de mensageria privada a fim de garantir segurança e ampla liberdade de expressão, comunicação e manifestação do pensamento (Brasil, p. 1, 2020).”

Existe uma grande polêmica em torno da garantia de liberdade de expressão em contrapartida à fiscalização e limitação de conteúdos no espaço virtual. Entretanto, a partir dos estudos de fenômenos como a Inseminação Caseira na internet, uma nova perspectiva é adquirida no sentido de compreender que a regulação desses espaços é uma necessidade muito atrelada à manutenção do direito à segurança pública.

Garantir que não hajam conteúdos que ameaçam a segurança e soberania nacional (propagandas anti-vacinas, conteúdo negacionista científico, conteúdo pornográfico infantil, discursos nazistas, racistas, misóginos, LGBTQIAPN+fóbicos, entre outros) também é uma forma de garantir as liberdades individuais e coletivas ao passo que restringe politicamente e ideologicamente ideias e a realização/compartilhamento de conteúdos que ameaçam essas mesmas liberdades.

É importante compreendermos que as redes sociais, antes de serem plataformas para quaisquer outros usos que fazemos delas, são empresas. Portanto, devem ter sua atividade regulada e fiscalizada da mesma maneira que acontece em uma empresa que produz alimentos que passa por fiscalizações sanitárias, que são obrigadas a expor de maneira transparente informações sobre o produto que vendem (a exemplo da tabela nutricional e selos de origem), tudo isso ocorre por uma questão de segurança do consumidor e da saúde, um bem coletivo.

As redes sociais, da mesma maneira, são negócios que movem bilhões de dólares e que lidam com um imenso volume de informação com potencial para influenciar desde a cultura até os resultados de eleições presidenciais. Portanto, ao falar sobre sua regulação, estamos falando, ao mesmo tempo, sobre a soberania de países e a autonomia de indivíduos. Sobre colonização cultural e uso indevido de dados e sobre globalização e partilhamento de informações valiosas para o desenvolvimento das sociedades.

Neste sentido, é necessário que haja um esforço de regulação com participação da sociedade, com embasamento em políticas internacionais que já funcionam de maneira satisfatória (a exemplo do Ato de Mercados Digitais aprovado pelo Parlamento Europeu), afinal o cerceamento da liberdade de expressão só ocorre quando não sabemos quais liberdades queremos proteger.

O próximo capítulo tem o objetivo de aprofundar a discussão acerca da presença da Eugenia nesses espaços, que, inevitavelmente, é uma forma de violência. Pensar a Eugenia associada ao fenômeno da Inseminação Caseira é uma maneira de revelar as raízes coloniais das violências perpetradas sistematicamente a esta população.

Portanto, a seguir, será discutido como os próprio “sonhos” destes indivíduos possuem um padrão, uma forma, uma cor, que se traduzem em uma violência simbólica e sistêmica que alimenta um negócio, um modo de produção de desejo de ser/ter que, por sua vez, retroalimenta o sistema capitalista.

3. UM SONHO QUE TEM FORMA E COR: ANALISANDO DISCURSOS DE DOADORES E TENTANTES

Após algum tempo observando os grupos de inseminação caseira, uma das narrativas mais comuns que encontrei é a narrativa do sonho. Tentantes falam sobre como engravidar é um sonho e doadores falam sobre ajudá-las a realizarem seus sonhos. Entretanto, também notei que esses “sonhos” se encaixam em certas “molduras”, eles têm formato, altura, cor, e, muitas vezes, personalidades específicas.

Essas condicionais são fruto de um pensamento socializado em um contexto onde o racismo (Fanon, 2020), o sexismo (Beauvoir, 2019), a heterossexualidade compulsória (Nascimento, 2021) e a aporofobia (Cortina, 2020) são os valores hegemônicos. Por conseguinte, a colonialidade do ser (Maldonado-Torres, 2008) e de suas subjetividades encontram realização neste fenômeno, por meio das ideias e práticas eugênicas.

A Eugenia, em sua origem histórica, atribuída ao antropólogo britânico Francis Galton no final do século XIX, foi uma teoria científica respeitada, e que, por muitos anos, teve alta influência sobre dinâmicas sociais e políticas no mundo. De acordo com o próprio Galton (1907), podemos descrever “eugenia” como:

[...] a ciência do melhoramento da raça, que não está de forma alguma confinada a questões de acasalamento criterioso, mas que, especialmente no caso do homem, toma conhecimento de todas as influências que tendem, por mais remoto que seja, a dar às raças ou linhagens de sangue mais adequadas uma melhor chance de prevalecer rapidamente sobre as menos adequadas do que teriam de outra forma.

Sobre a influência social posteriormente adquirida pelo saber eugênico, Schwarcz (p. 79, 1993) ainda relata:

Transformada em um movimento científico e social vigoroso a partir dos anos 1880, a eugenia cumpria metas diversas. Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de “nascimentos desejáveis e controlados”; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e - talvez o mais importante - desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade.

Concordo com Rodrigues *et. al* (p. 19, 2023), quando descreve a eugenia enquanto “...um saber feito para cortar. O saber eugênico corta para remodelar,

aparar arestas e tornar diferente, sobretudo, a realidade social, pois assim age com o poder de esquadrihar espaços e tempos, bem como corpos e subjetividades”.

Cabe aqui uma crítica ao que nós, sociedade ocidentalocêntrica, consideramos “científico”, uma vez que, “os mitos podem ser produzidos pelos mesmos tipos de métodos e mantidas pelas mesmas razões que hoje conduzem ao conhecimento científico” (Kuhn, p. 21, 2021).

Tendo em vista o processo de descredibilização da eugenia enquanto ciência, na primeira parte deste capítulo, proponho que olhemos para esta teoria enquanto instrumento de análise social. Em outras palavras, enquanto uma tecnologia de “higienização” das raças, que materializa discretamente preconceitos supostamente adormecidos sob o lençol da ética pós-moderna.

Portanto, neste capítulo, me dedico a duas análises complementares que servirão a uma única discussão. Para ambas, parto da análise do discurso (Pêcheux, 1975; Foucault, 1996) e da observação participante (Minayo, 2011), mas focando em duas abordagens diferentes.

Primeiramente, por meio da análise temática (Bardin, 1977), investigo se existe um fenótipo de doador mais buscado por parte das tentantes de IC. Com isso, investiguei se existem vontades eugênicas por trás da demanda por doadores e como isso se realiza.

Posteriormente, fiz uma análise das postagens de doadores nos grupos, oferecendo uma contrapartida à primeira análise, que foca apenas nas tentantes. Desta vez, o objetivo da análise foi compreender as lógicas que atravessam a presença desses indivíduos nesses grupos, o que os levam a querer participar desses procedimentos e, novamente, se existe um discurso eugênico dentro de suas narrativas.

Inicialmente, pensei em me ater à mesma metodologia da primeira discussão também nesta segunda análise. Entretanto, considerando o fato de que as análises possuem objetivos distintos (embora complementares), a mesma metodologia seria ineficaz. Além disso, as postagens dos doadores são muito menos numerosas que as de tentantes, produzindo uma quantidade de dados insuficiente para a realização de uma análise temática robusta.

3.1 O Discurso das Tentantes: “Tenho sonho de ser mãe, algum doador ruivo?”

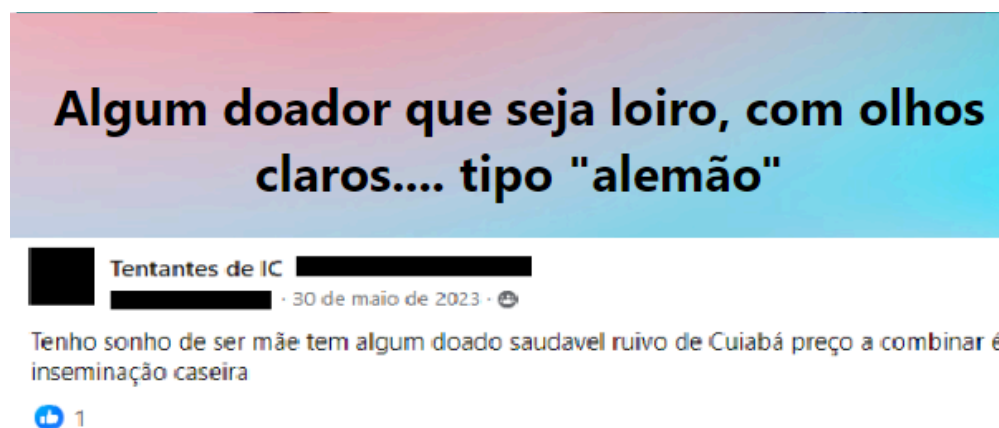
Na primeira etapa da análise, selecionei 4 grupos da rede social *Facebook* com pelo menos 20 mil participantes cada. Além disso, ajustei o filtro para mostrar apenas as publicações do ano de 2023 no intuito de propor uma análise atualizada. Também restrinji a busca usando o termo “doador” e selecionando apenas as postagens de tentantes que buscam doadores.

Analisei 264 postagens dividindo-as em 7 categorias de acordo com as características físicas solicitadas pelos tentantes, que foram: “Sem especificações sobre fenótipo”; “Pardo/Moreno/Negro”; “Outras Etnias”; “Características Semelhantes”; “Características Europeias”, “Características Psíquicas/Culturais” e “Branco”.

A categoria “Sem especificações sobre fenótipo” se exemplifica pelas postagens nas quais as pessoas não restringem sua busca a doadores de características físicas específicas. Restringem apenas a localidade e outras questões práticas relacionadas à realização segura do procedimento. Já as outras 6 categorias dizem respeito a características físicas e/ou intelectuais como cor da pele, olhos e cabelo; etnia; semelhança física com o tentante e/ou seu parceiro e características psíquicas/culturais como religião e grau de escolaridade.

Obter esses dados me auxiliaram a “limpar” minha visão em relação ao choque causado pelas postagens mais esdrúxulas, que podem provocar o ímpeto de generalizar as motivações dos indivíduos para participar destes grupos. A figura 16 exemplifica o que quero dizer com “postagens esdrúxulas”, que, infelizmente não são raras, especialmente quando se trata da busca por doadores com características europeias.

Figura 20: Captura de tela de três postagens dos grupos de Inseminação Caseira



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do *Facebook*

A necessidade de um olhar fenomenológico emerge justamente dos problemas de generalizar este cenário. A fenomenologia se opõe aos posicionamentos cartesianos e positivistas, por compreender que a realidade, e consequentemente o movimento de conhecê-la, não se baseia em noções como causalidade, neutralidade e mensurabilidade (Ribeiro, 2014).

Generalizar as experiências descritas naqueles relatos pode passar a ideia de que este é um problema simplesmente resolvível pela aplicação de medidas legais, por exemplo. Quando na realidade, o problema é muito mais complexo e exige uma profunda compreensão.

Neste sentido, não há aqui a pretensão de resolver o problema, mas de expor como chegamos a um paradigma, no qual a eugenia ainda é uma preocupação, ao mesmo tempo em que emergem movimentos sociais como *Body Positive*²⁶, influenciando os algoritmos da mesma internet que veicula os grupos de inseminação caseira.

Após a realização da análise temática proposta com base em Bardin (1977), elaborei o quadro a seguir, onde as informações estão todas sistematizadas:

²⁶Body Positive é um movimento que incentiva a aceitação e o amor próprio, independentemente dos padrões de beleza impostos pela sociedade.

Quadro 1: Análise Temática sobre perfil de doadores buscados nos grupos do *Facebook* destinados à Inseminação Caseira em 2023.

Categorias	Componentes	Exemplos	Frequência
Sem especificações sobre fenótipo	1- Cidade 2-Disponibilidade em dias/horários específicos 3-Método 4-Exames em dia	“Algum doador do RJ?”	186
Pardo/Negro/Moreno	Cor da Pele	“Algum doador do rio de janeiro ? De preferência negro ou que seja moreno.”	13
Outras Etnias	Características étnicas	“Doador de SP com aparência puxada pro árabe, teria algum?”	8
Características Europeias	Cor da Pele/Cor dos Olhos/Altura	“Algum doador de João Pessoa- pb Disponível para o fim de semana? Exames em dia, pele e olhos claros!”	23
Características Semelhantes	Semelhança fenotípica entre doador/pais.	“Algum doador de São José do Rio Preto, branco, do cabelo preto (características da minha esposa)”	18
Branco	Cor da Pele	“Algum ??? Branco, alto e com exames ok”	15
Características Psíquicas e/ou Culturais	Religião, Grau de escolaridade, Emprego	“Algum doador de sp capital ou vale do Paraíba, doador branco, cristão.”	1
		TOTAL:	264

Fonte: Elaboração própria com base em dados da análise temática.

Após análise dos dados, constatei que apesar de existirem uma quantidade razoável de tentantes que buscam fenótipos específicos (78 postagens ou 29,5%), a maior parte das buscas pertence à categoria “Sem especificações sobre o fenótipo” (186 postagens ou 70,4%).

Contudo, entre as buscas que determinam um fenótipo específico, a maioria busca doadores de pele branca²⁷ (38 postagens ou 14,3%). Além disso, 18 pessoas (6,8%) buscam doadores com características fenotípicas semelhantes a si ou a seus

²⁷ Para afirmar isso, somei o número de postagens que buscam apenas por doadores brancos e aquelas que buscam por doadores de características europeias, uma vez que esta última categoria se intersecciona com a primeira justamente pelo fator “cor da pele”.

parceiros; 13 pessoas (4,9%) buscam doadores descritos como “Pardos, Negros ou Morenos”; 8 pessoas (3%) buscam doadores de outras etnias como árabes, japoneses e indígenas e apenas 1 pessoa (0,3%) selecionava doadores com base em características psíquicas/culturais, neste caso, a religião.

Esta discussão poderia se encerrar aqui, entretanto, muitas conclusões precipitadas poderiam ser tiradas caso esta análise se restringisse aos números. Ao contrário da crença hegemônica da imparcialidade dos números, devemos notar que silenciar a parte subjetiva também é uma escolha. Assim, se optasse apenas por descrever o cenário por meio dos números, eu estaria construindo uma narrativa parcial, o que em si, não é um problema, inclusive é algo inevitável. Entretanto, fazer essa escolha na pretensão de expor este trabalho como “objetivo e imparcial” a fim de conferir um caráter de inquestionabilidade, é algo que constrói uma ciência frágil e passível de negacionismos.

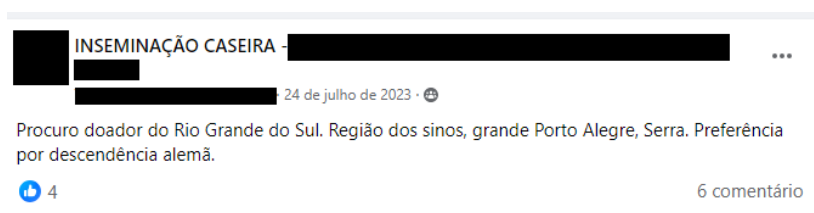
Por isso, a importância de mesclar a análise temática (Bardin, 1977) com a observação participante (Minayo, 2011), pois existem detalhes que podem questionar os resultados trazidos por estes números e oferecer uma perspectiva subjetiva que, por sua vez, nos auxiliará a compreender a dimensão da problemática discutida sem a pretensão de inquestionabilidade.

Neste escopo, é importante destacar que existem muitas maneiras discretas de selecionar as características dos doadores. Os dados que construíram a tabela são apenas das postagens públicas, entretanto, outras estratégias podem ser empregadas, a seguir, cito e explico como funcionam essas outras estratégias de seleção de doadores:

- Selecionar doadores por região:

Ao visualizar as postagens, notei que existem muitos pedidos de doadores localizados na região sul do país, apesar de esta não ser a região mais populosa, o que justificaria este dado. Poderíamos afirmar que isto é uma particularidade, e que a população do sul pode ser mais participativa nos grupos. Entretanto, suspeito que isto aconteça devido ao fato de a região sul concentrar a maior parte da população branca e descendentes de imigrantes europeus, que por sua vez, representam a maioria das buscas por doadores de fenótipos específicos. A mesma lógica se aplica para doadores de outros fenótipos, por exemplo, ao buscar doadores negros, os tentantes podem procurar doadores da cidade de Salvador, uma vez que esta é a cidade mais negra do mundo (Agência Brasil, 2016) fora do continente africano.

Figura 21: Captura de tela de postagem de tentante buscando doador em grupos de Inseminação Caseira no Facebook.

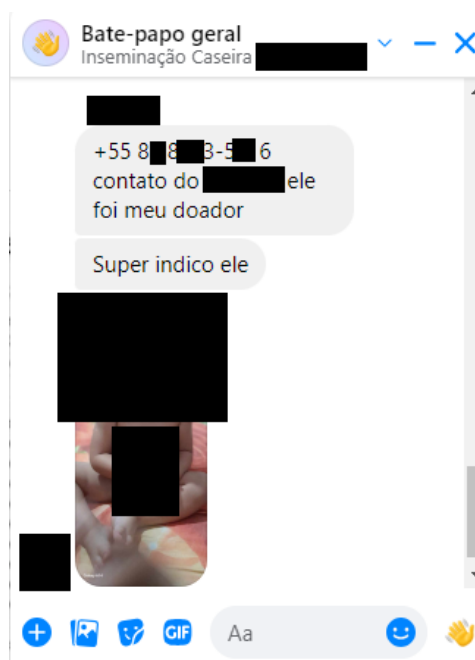


Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do *Facebook*.

- Contatar doadores por mensagem privada ou por meio de indicação:

É importante ressaltar que embora publicamente a maioria dos tentantes busquem doadores sem delimitar um fenótipo específico, conforme as relações e conversas se tornam mais privadas, é possível que haja uma modificação neste quadro. O mesmo se aplica à venda ilegal de material genético, que embora não seja comum, e, inclusive, haja muita conscientização sobre isso, a partir do momento em que as conversas se tornam privadas, surgem algumas tentativas de comercialização sem que hajam provas públicas. Além disso, existem grupos privados do *Messenger* e *Whatsapp*, por exemplo, no qual os tentantes trocam experiências e indicam doadores uns para os outros.

Figura 22: Captura de tela de conversa em grupo do aplicativo Messenger sobre Inseminação Caseira

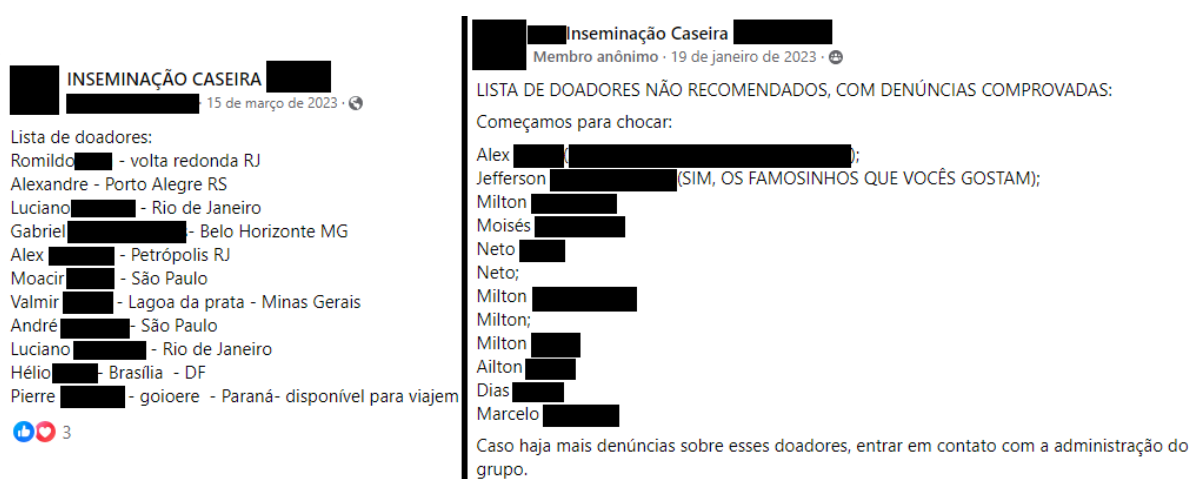


Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do *Messenger*.

- Contatar doadores por meio de Listas Públicas de Doadores:

Em muitos dos grupos os administradores divulgam listas públicas atualizadas dos doadores disponíveis, essas listas podem conter algumas informações como região que mora, tipo sanguíneo, quantidade de inseminações realizadas com sucesso e características físicas. Por meio dessas listas, os tentantes podem entrar em contato diretamente com o doador que têm interesse de maneira privada e evitando a abordagem de doadores que não cumprem suas expectativas. Esta estratégia também é utilizada para listar doadores que não são recomendados, por serem alvo de denúncias de outros tentantes que tiveram experiências negativas, ou simplesmente por suspeitas de que não são reais, por não divulgarem “provas” o suficiente de sua confiabilidade.

Figura 23: Captura de tela de lista de doadores de sêmen postada em grupo do Facebook sobre Inseminação Caseira

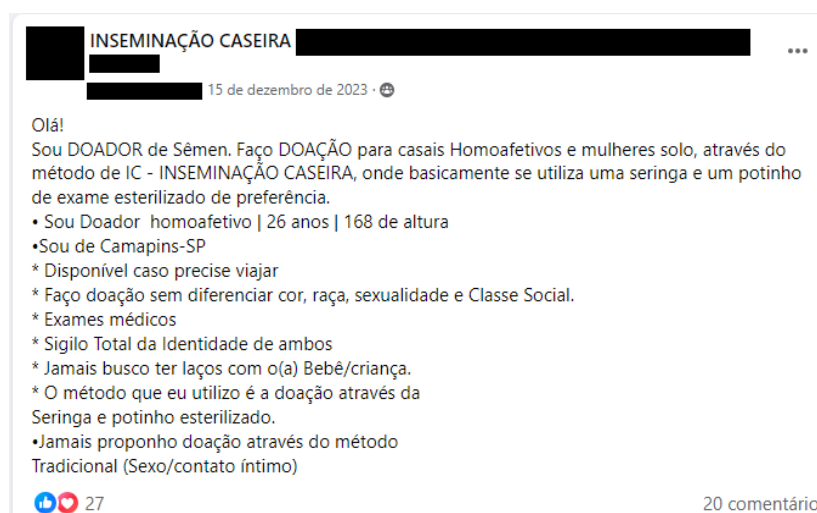


Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do Facebook

- Autopropaganda dos doadores:

Além das postagens de relatos das experiências dos tentantes e busca por doadores, também é comum ver os próprios doadores postando que estão “disponíveis”. Essas postagens também vêm acompanhadas de informações como nome, idade, meio de contato, fotos de si e de exames recentes, características físicas como altura, peso, se possui doenças congênitas, se possui resultados positivos de inseminação caseira e até fotos dos bebês que foram fruto de suas doações.

Figura 24: Captura de tela de postagem sobre características de doador postada em grupo do Facebook sobre Inseminação Caseira.



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do *Facebook*.

- Selecionar doadores por semelhança fenotípica consigo ou com parceiro:

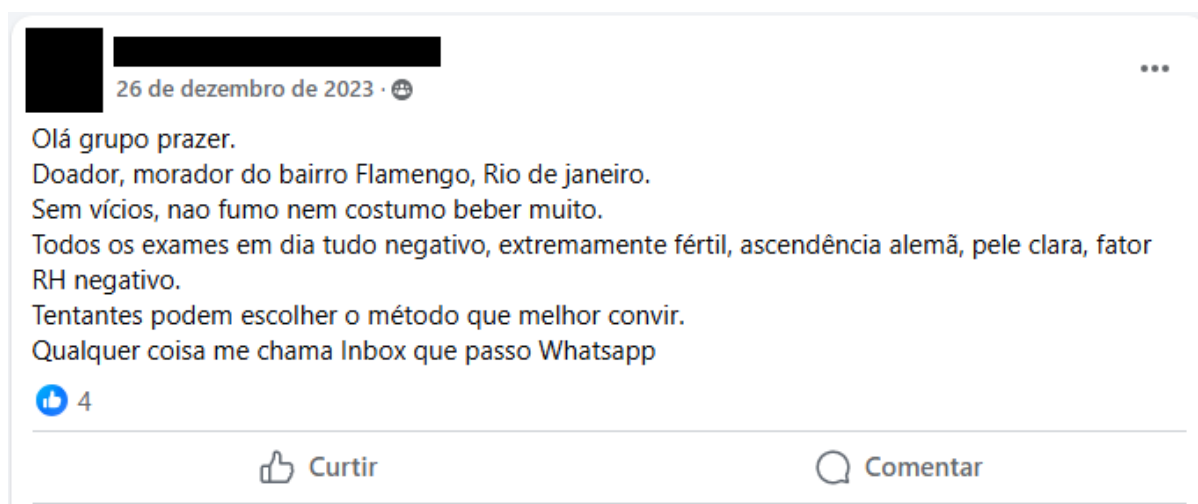
Buscar por doadores com características semelhantes a si ou ao parceiro, é uma prática comum e bem aceita pela comunidade dos grupos. Entretanto, é necessário que alguns questionamentos sejam feitos sobre esta realidade. Diniz e Costa (2006), discutem sobre como esta prática denota uma tentativa de reprodução do padrão de normalidade imposto pela heterossexualidade normativa.

Refletindo sobre isto, é possível notar que a necessidade de replicação do modelo de reprodução cis/heterossexual é uma maneira de realização do devir eugênico a partir do momento que se “apaga”, ou, “higieniza” os traços físicos de especificidade daquele processo reprodutivo.

3.2 O Discurso dos Doadores: “Teu sonho também é filho dele”

Ao seguir para a segunda etapa da análise, selecionei 5 grupos com pelo menos 15 mil participantes cada, aumentando o campo de pesquisa em relação à primeira análise, pois as postagens de doadores são menos numerosas que as de tentantes. Ajustei o filtro para mostrar apenas as publicações do ano de 2023, coincidindo com a primeira análise. Mas desta vez restringi a busca usando os termos “doador”, “doar” e “disponível”. Posteriormente, selecionei manualmente as postagens de doadores que se diziam disponíveis para participar do procedimento, como esta a seguir:

Figura 25: Postagem de doador em grupo de Inseminação Caseira



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do *Facebook*.

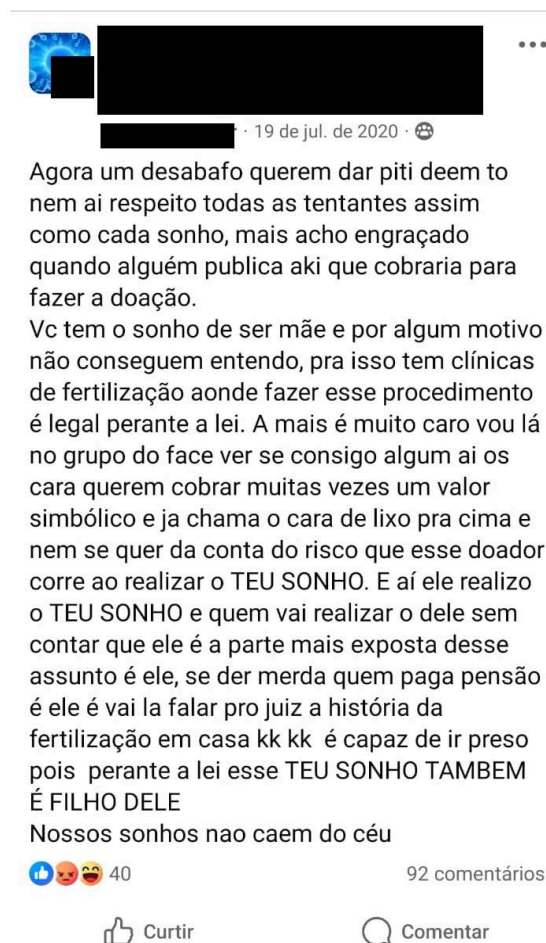
É importante delimitar algum contexto antes de analisar os discursos dos doadores nestas postagens e, ainda mais, sua ligação com o fenômeno do narcisismo. Postagens como as utilizadas para gerar essa nuvem de palavras, funcionam como “autopropaganda”. Os doadores se apresentam e oferecem, por meio delas, seu “serviço”, que idealmente (e de acordo com a lei), não poderia ser remunerado.

Entretanto, não é incomum que doadores recebam alguma vantagem em troca da doação, podendo ser dinheiro, viagens com as despesas cobertas, ou favores sexuais. Portanto, embora os discursos se aproximem mais de uma narrativa altruísta, a realidade esconde alguns detalhes.

Esta necessidade de “esconder” o objetivo das postagens sob a narrativa altruísta, se dá pelo fato de que remunerar doadores, mesmo que seja de forma indireta, além de ser ilegal, é condenável dentro desta comunidade. Diversas postagens reforçam diariamente que a doação deve ser um ato de solidariedade e que os doadores não devem aceitar nenhuma contrapartida (financeira ou não).

Muitos doadores se sentem contrariados por esta realidade principalmente por conta dos riscos relacionados à informalidade das doações. Sendo um processo informal onde não existe como garantir o anonimato do doador, pela lei, uma relação de paternidade pode ser estabelecida, na qual o doador é reconhecido como pai, e, portanto, deve arcar com tal responsabilidade. Na imagem abaixo, um doador fala sobre isso:

Figura 27: Depoimento de doador sobre possibilidade de cobrar pela doação.



Fonte: Elaboração própria a partir de captura de tela em grupos do *Facebook*.

Apesar das contradições e polêmicas, como a tratativa com doadores é direta, longe do olhar público, é comum que eles imponham condicionantes às doações que lhes contemplem vantagens. Portanto, para atrair tentantes que possam lhes oferecer essas vantagens, eles fazem as postagens públicas que foram utilizadas para gerar a nuvem de palavras apresentadas anteriormente.

Este não é um motivo generalizável, afinal, também existem doadores solidários e altruístas. Contudo, tendo em vista que doadores são muito menos numerosos que tentantes dentro destes grupos, a demanda por doação é muito alta. Muitas tentantes ainda se queixam de não conseguir encontrar um doador “sério”, “confiável” e que queira fazer a doação de maneira altruísta. Dessa maneira, caso um doador tivesse a intenção de fazê-lo de forma altruísta, não encontraria dificuldades, dispensando a necessidade dessas postagens.

Alguns ainda tentam criar regras sobre as cobranças e determinar que valores seria “justo” cobrar, tendo em vista sua participação no procedimento, como no texto a seguir, publicado em 2 de Maio de 2022 em um dos grupos:

Um dos assuntos polêmicos e controversos dos grupos de ic é a questão da cobrança pelas doações. Enfim, pode ou não pode cobrar? De fato, segundo as leis brasileiras, é proibida a venda de órgãos e tecidos humanos, e o sêmen entra nesse saco de gato, como se fosse o mesmo que vender rim, por exemplo, e essa distorção pode dar cadeia (embora as clínicas de fertilização cobrem e nada acontece com eles). Então, o doador não pode cobrar pelo sêmen, mas pode cobrar valores de custo. Vamos a eles:

- *Ressarcimento do valor do deslocamento para ir até a tentante.*

Este não deve ser abusivo ou superfaturado. O doador deve ter empatia com sua tentante, e cobrar exatamente o que gastou com gasolina, e no caso de não ter carro, exatamente quanto gastou com passagens de ônibus, trem ou metrô. O uber deve ser utilizado como um complemento, para quando não for possível a utilização de transportes públicos.

- *Ressarcimento de custos com exames*

Embora exames de DST sejam oferecidos gratuitamente pelo SUS, o exame de espermograma, que as tentantes tanto exigem, não o é, e o doador paga do próprio bolso, e podem sim, repassar esse custo para as suas tentantes.

- *Ressarcimento de custos com suplementos*

Os doadores precisam estar o mais fértil que possa conseguir, para aumentar as chances de um positivo, e devem se utilizar de suplementos vitamínicos completos, maca peruana, tribulus terrestris, inhame, e esses produtos tem um custo, que também podem repassar esse custo às tentantes.

- *Honorários*

Sim, o doador, que poderia estar trabalhando, estudando, curtindo com a família, etc, tendo que guardar abstinência (e prejudicando sua relação com esposas e namoradas por isso) correndo toda a sorte de riscos (ser assaltado, levar multa, bater o carro, etc), para ir até a tentante para se masturbar no banheiro dela, e eventualmente se expondo a abusos de certas tentantes (tentantes que fazem ic com mais de um doador, sem avisar a eles que vai fazer isso; tentantes que mentem dizendo que deu negativo e "somem", ora usando contas fake, ora bloqueando o doador no Facebook e Whatsapp) e ainda se arriscando a pagar pensão na justiça, pode sim, se quiser, cobrar um ressarcimento por isso.

Então, não estaria errado cobrar um valor. Poderíamos arbitrar um valor, talvez menor 100 por dia de inseminação, além do ressarcimento do deslocamento, que seria cobrado (Usuário do grupo, publicado em 2 de Maio de 2022, acesso em 01/07/2025).

É notável que para muitos “doadores”, a inseminação caseira é um negócio, portanto, analisar seus discursos dentro da lógica do altruísmo seria equivocado. Neste sentido, é importante enxergar essas postagens não pelo que elas aparentam, ou mesmo por como se apresentam (iniciativas altruístas), mas pelo significado que adquirem frente ao fenômeno social no qual estão inseridas (propaganda de um serviço).

De acordo com Covaleski (p. 491, 2020) a lógica da publicidade “promove a materialização do sentimento de felicidade via consumo: sonhos e desejos

abstratos são presentificados pelo discurso publicitário e consubstanciados sob a forma de marcas e mercadorias”. É esta a lógica replicada pelos doadores em suas postagens.

Vale ressaltar que a venda de material genético é uma realidade em outros países, entretanto, no Brasil, o contexto de desigualdade social é considerado um impeditivo à esta liberação. Pois, compreende-se que frente a uma situação de pobreza, é comum que as pessoas busquem participar de procedimentos de doação ou experimentação científica como uma resposta a problemas financeiros, algo que colocaria a parcela mais vulnerabilizada da população em posição de “cobaia”, nublando sua capacidade de consentimento livre, como explicam Albuquerque e Barboza,

As discussões éticas sobre remuneração de participantes em pesquisas clínicas comumente centram-se sobre o problema da indução indevida ou coercitiva, definida como a provisão de incentivos positivos em níveis altos o suficiente para minar a capacidade do participante de agir em defesa de seus melhores interesses, acarretando risco de ser submetido a sério dano. Com efeito, valores remuneratórios elevados podem prejudicar a avaliação de eventuais danos decorrentes da pesquisa por parte dos participantes, notadamente quando se tratar de pessoas que vivem em condições de pobreza (Albuquerque e Barboza, 2016, p.31).

Partindo desse contexto, a nuvem de palavras surge como instrumento de análise do discurso apresentado pelos doadores ao se disponibilizarem para a doação. De acordo com Vilela et al (p. 31, 2020),

As nuvens de palavras são, portanto, representações gráfico-visual que mostram o grau de frequência das palavras em um texto. Quanto mais a palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico. As palavras aparecem em fontes de vários tamanhos e em diferentes cores, indicando o que é mais relevante e o que é menos relevante no contexto.

É importante ressaltar que além da imagem, os sites que produzem as nuvens de palavras também oferecem informações sobre o número de vezes que cada palavra no texto se repete, auxiliando ainda mais na construção desta discussão. A partir disso, foi possível visualizar o texto de uma nova maneira e discutir os contextos que evocam frente ao fenômeno investigado.

Foram identificadas 88 postagens cujos textos foram copiados e colados em um documento que foi posteriormente utilizado para gerar a nuvem de palavras por meio da ferramenta do site “wordclouds.com” (Acesso em 29/06/2025). Como as palavras “Doador”, “Doar” e “Disponível” foram utilizadas como mecanismo de busca dessas postagens, obviamente, elas eram as palavras mais comuns, portanto, elas,

assim como conectivos e outros elementos de coerência textual foram removidas da nuvem de palavras, uma vez que não servirão ao propósito da análise.

Após o tratamento do texto, sobraram 281 palavras que se repetiram pelo menos 2 vezes. Três cores foram escolhidas para representar a frequência de cada palavra no texto. Sendo assim, a cor Roxo/Lilás representaram as 20 palavras mais frequentes, em Preto estão as palavras que se repetem 4 ou 5 vezes, enquanto as palavras em Azul se repetem 2 ou 3 vezes.

Figura 26: Nuvem de palavras elaborada a partir das postagens de doadores em 5 grupos de inseminação caseira no ano de 2023.



Fonte: Elaboração própria a partir de material adaptado de grupos do Facebook.

As 20 palavras mais frequentes e suas variações, foram reunidas em grupos que fazem sentido entre si, os quais me dedico a explicar nos seguintes tópicos:

- Exame/Exames (26x); Espermograma (5x); Viagem/Viajar/Viajo (18x)

Essas palavras se relacionam, especialmente, com os custos acusados pelos doadores. Os exames e as viagens são os gastos mais socialmente “bem

vistos” que uma tentante pode ter com o doador. É de senso comum, dentro dos grupos, que esses custos sejam bancados inteiramente pelas tentantes. Portanto, nessas postagens, os doadores se dispõem a viajar e a fazer os exames necessários, a exemplo do espermograma²⁸ e testes de IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis). Muitos ainda relatam estarem com os “exames em dia”, como uma forma de atrair tentantes para conversas privadas, onde muitos deles cobram por “diária” ou pelo “serviço”.

- Anos (22x); Olhos (15x); Altura/Alto (11x); Branco/Branca (6x);
Este segundo grupo de palavras se explica pela descrição das características fenotípicas dos doadores. Características consideradas “desejáveis” são ressaltadas, como altura (geralmente acima de 1,80m), cor dos olhos (geralmente verdes ou azuis), cor da pele (geralmente branca) e idade (geralmente abaixo dos 50 anos).
- Sonho/Sonhos (12x); Busca (6x); Ajuda/Ajudar/Ajudinha (9x)
Neste grupo de palavras, reencontramos a narrativa do “sonho”, quando os doadores se oferecem para “ajudar” as tentantes a realizarem o seu “sonho” de ser mãe, encerrando a “busca” por alguém disposto a ajudá-las.
- Chama/Chamar (18x); Whatsapp (11x)
Essas palavras se referem à transferência do contato público (nas postagens do grupo) para o contato privado, em um aplicativo de mensagens. Esta é uma etapa fundamental para que os doadores possam expor suas demandas e condicionantes longe do julgamento público.
- Positivo/Positivos (21x); Filho/Filha/Filhos (15x); Experiência/Experiente (6x); Foto/Fotos (7x)
Este grupo de palavras reflete um fator que muitas vezes é determinante para a escolha da tentante, que é o fato de o doador ter experiência prévia. Então como uma forma de publicizar sua “competência”, o doador expõe quantos “positivos”, ou seja, quantas pessoas ele já conseguiu engravidar por este método, ou se já tem “filhos”, mesmo que não seja por inseminação caseira. Além disso, se dispõem a enviar fotos de si e das crianças como prova de seus feitos.
- Fértil/Férteis/Fertilidade (7x); Vício/Vícios/Viciados (6x)

²⁸ Exame laboratorial que avalia diversos parâmetros do sêmen para determinar nível de fertilidade.

A fertilidade é um fator determinante para o sucesso de um doador, portanto, muitos se referem a ela ao falar sobre testes de fertilidade, ou mesmo como uma qualidade que pode atrair as tentantes. Por outro lado, vícios como cigarro, álcool e drogas ilícitas são extremamente mal vistos, podendo atrapalhar justamente a fertilidade e provocar prejuízos hereditários. Portanto, muitos relatam que não possuem vícios, como uma forma de garantir a “qualidade” do material doado.

- Tentante/Tentantes (12x); Doação/Doações (11x)

O uso destas palavras geralmente se dá pelo relato de experiência com outras “doações”, por meio dos quais os doadores buscam passar confiança e se aproximar das “tentantes” de maneira mais empática.

3.3 Eugenia, um dos lados escuros da colonialidade

A compreensão da relação do fenômeno da inseminação caseira com a eugenia está fortemente atrelada ao discurso dos sujeitos presentes naqueles grupos. É notável em ambos (doadores e tentantes) o quanto as ideias eugênicas estão presentes e normalizadas naquele espaço.

Isto não quer dizer que os indivíduos ali presentes sejam grandes “gênios do mal” que querem formar uma nova raça ariana. Pelo contrário, na realidade, a maioria daqueles usuários são tão vítimas dessas ideias quanto se é possível ser na atualidade.

É importante ressaltar, inclusive, que a eugenia não se detém à segregação racista, a qual é mais comum enxergarmos. A eugenia expande seus tentáculos sobre ideias muito maiores e muito menores do que a raça. Nas ciências da natureza isso fica mais evidente, especialmente quando se estuda seres não-humanos. Neste sentido, o significado de Eugenia é mais abrangente, se aproxima mais da ideia de deleção de variabilidade e favorecimento de uma linhagem.

Dentro dessas ciências e do mercado, muitas vezes isso é desejável. Afinal a ideia de “melhoramento genético” é uma realidade. Isso demonstra o quanto ideias eugênicas nos acompanham no dia-a-dia, e mais, o quanto elas ditam um padrão e uma lógica de mercado.

Esta lógica de mercado, por sua vez, especialmente em um mundo capitalista influencia não apenas que produto é “desejável”, na realidade, como apontam Covaleski (2020) e Preciado (2018), neste regime, o mercado também forja sonhos e criam um ideal de ser comercializável. Dentro de uma sociedade que sofre com o mal estar colonial (Faustino, 2019), o ideal de ser, inevitavelmente, se aproxima da figura do colonizador.

A psicanálise poderia chamar isso de “síndrome de estocolmo”, uma síndrome na qual a vítima se apaixona por seu violentador. Mas na realidade, não é sobre paixão, é sobre a vontade de se adequar, sobre o quanto a sociedade é mais “gentil” nos ombros de um indivíduo alinhado a esse fenótipo colonizador.

Portanto, é imprescindível compreender que embora o discurso eugênico esteja obscenamente presente nas falas dos doadores e das tentantes, como discutido anteriormente, isso é resultado do quanto a eugenia está presente no nosso dia-a-dia, especialmente na lógica de mercado que nos apresenta e tenta vender uma ideia de indivíduo inalcançável. Afinal, mesmo os colonizadores estão aprisionados sob a mesma lógica, embora para eles a matriz de dominação não seja a colonial, ela se molda a tecnologias sociais como o gênero, a raça, a moda e quaisquer outros instrumentos de dominação.

No capítulo a seguir serão apresentados casos emblemáticos que demonstram como a eugenia atinge um ápice de realização por meio de “doadores seriais” e seu “sucesso”, apesar das imensas contradições e do conhecimento comum de riscos associados à reprodução em larga escala em curto espaço geográfico.

4. SERIAL DONORS: OS CASOS DE DOADORES SERIAIS

Como dito anteriormente, é normal que o número de tentantes seja muito maior que o número de doadores nos grupos de Inseminação Caseira são poucos os que se dispõem a doar. Entretanto, por questões biológicas, é possível que uma pessoa com pênis e testículos engravide várias pessoas com ovários e útero em um curto período de tempo. Portanto, um doador tem a capacidade de engravidar dezenas, em alguns casos, centenas de tentantes.

Entretanto, essa prática pode oferecer riscos de consanguinidade, como explica Hamamy (p. 187, 2012),

Os descendentes de uniões consanguíneas podem apresentar risco aumentado de transtornos recessivos devido à expressão de mutações genéticas autossômicas recessivas herdadas de um ancestral comum. Quanto mais próximo o relacionamento biológico entre os pais, maior a probabilidade de seus descendentes herdarem cópias idênticas de um ou mais genes recessivos prejudiciais (tradução livre).

Por conta disso, bancos de sêmen são obrigados por lei a limitar a quantidade de vezes que se pode utilizar o material genético de um doador em um determinado espaço geográfico. No Brasil, o responsável por esta determinação é o Conselho Federal de Medicina, que prevê que:

Na região de localização da unidade, o registro dos nascimentos evitará que um(a) doador(a) tenha produzido mais de 2 (dois) nascimentos de crianças de sexos diferentes em uma área de 1 (um) milhão de habitantes. Exceto quando uma mesma família receptora escolher um(a) mesmo(a) doador(a), que pode, então, contribuir com quantas gestações forem desejadas (CFM, Resolução 2.320, p. 5, 2022)

Nos Estados Unidos, a responsável é a Sociedade Americana de Medicina Reprodutiva (ASRM), que sugere que “em uma população de 800.000 pessoas, limitar um único doador a não mais que 25 nascimentos evitaria qualquer aumento significativo de risco de concepção consanguínea inadvertida (Tradução livre, ASRM, p. 804, 2024).

Embora o limite de nascimentos seja diferente de acordo com as leis de cada país, é essencial que ocorra esse controle, evitando a ocorrência de doenças genéticas de difícil tratamento e que podem provocar sofrimento físico e psíquico não apenas ao indivíduo afetado, mas em todo seu núcleo familiar.

No caso da Inseminação Caseira, o controle desses limites é apenas dos doadores, que devem escolher entre ter uma atitude responsável e ter sucesso econômico, no caso daqueles que cobram pela doação. É aqui que a lógica mercantilista encontra empasses éticos que não deveriam se sujeitar à vontade e à moral de apenas um ser humano.

Quando isso ocorre e quando esses indivíduos - pelos motivos que forem - escolhem não agir de forma responsável, acontecem casos de doações ilimitadas. Aos indivíduos que escolhem agir desta forma dá-se o nome de “*Serial Donors*”, ou, Doadores Seriais, um termo que deriva da ideia de “*Serial Killer*”, uma nomenclatura utilizada para denominar assassinos que agem com frequência.

4.1 Jonathan Meijer, “O homem com Mil Filhos”

O caso mais expoente é o do holandês Jonathan Jacob Meijer²⁹, relatado pela jornalista Jacqueline Mroz do New York Times (2021), e, posteriormente, pelo documentário da Netflix “*The Man With 1,000 Kids*” (Allot, 2024). Jonathan doava sêmen tanto por meio de bancos especializados, quanto de maneira informal, para pessoas interessadas no método de Inseminação Caseira.

É impossível dizer exatamente quantos filhos ele conseguiu gerar ao longo dos anos em que fez estas doações em diferentes países, contudo, segundo a matéria, cada doação pode gerar entre 4 e 24 crianças a depender do método, até mais. E segundo Jonathan, em depoimento no tribunal, ele ajudou a gerar entre 550 e 600 crianças.

O caso de Jonathan virou um grande espetáculo público devido aos detalhes sórdidos que envolveram suas inúmeras doações. Todavia, é importante discutir o fato de Jonathan ser um homem que fenotipicamente reconstitui o estereótipo colonizador (branco, loiro, europeu, de olhos claros e saudável) “desejado” e qualificado historicamente enquanto “belo” e “superior” por correntes de pensamento eugênicas.

Muitos associam o comportamento de Meijer à uma personalidade narcisista. Freud descreveu o narcisismo como um transtorno associado a comportamentos egocêntricos. Segundo o autor, os narcisistas “mostram duas

²⁹ <https://www.nytimes.com/2021/02/01/health/sperm-donor-fertility-meijer.html>

características fundamentais: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas) (Freud, p. 15, 2010)”, o que justificaria sua atitude irresponsável e a escala em que ela aconteceu. Mas, em entrevista para a matéria do New York Times (Mroz, 2021), Meijer nega ter feito as doações por razões narcísicas, afirmando:

Sei que as pessoas estão me julgando rapidamente ou pensando que doo por motivos narcisistas. Mas sou bastante realista comigo mesmo e não tenho uma opinião boa sobre mim mesmo. (Prefiro ser honesto comigo mesmo e ver minhas deficiências e meus lados bons.) Mas o que me motiva como doador é fazer algo realmente grande com apenas um pouco de ajuda, a apreciação dos destinatários e os sentimentos calorosos e memórias que compartilho com as crianças e os destinatários (Mroz, 01 de fevereiro de 2021) (TRADUÇÃO LIVRE).

Contudo, o fato de ele ter tido tanto sucesso não é apenas devido a sua própria iniciativa, mas à alta procura de doadores com seu perfil, o que revela a realidade racista/eugênica por trás de muitos casos como este, que por si só, é extremamente violenta não apenas em uma dimensão genética, mas também simbólica.

4.2 Pavel Durov, o Mr. Telegram

Outro caso que vem atraindo muita atenção da mídia é o do empresário/programador russo Pavel Durov. Atualmente, Durov tem um patrimônio que alcança a casa dos bilhões de dólares. Embora sua fortuna não advenha deste feito, sua fama é atribuída à criação da plataforma *Telegram*, um aplicativo de mensagens instantâneas que reúne milhões de usuários ao redor do mundo com o atrativo de ser completamente criptografado, oferecendo suposta privacidade total.

Esta criptografia, característica principal do aplicativo, o transformou em um ambiente perfeito para sociabilidades criminosas: tráfico de drogas, pirataria, circulação de pornografia infantil, transações fraudulentas, entre outras. Acusações que ocasionaram a prisão de Durov na França em 24 de agosto de 2024, acusado de cumplicidade de crimes como estes. Atualmente o empresário enfrenta o julgamento em liberdade.

Pouco antes disso, no dia 29 de Julho de 2024, ele compartilhou em um canal público de sua plataforma o seguinte relato sobre ter atingido a marca de 100 filhos biológicos.

Em tradução livre, ele disse:

29 de Julho

👶 Acabei de ser informado de que tenho mais de 100 filhos biológicos. Como isso é possível para um cara que nunca se casou e prefere viver sozinho? 🤖

🗨️ Quinze anos atrás, um amigo meu veio até mim com um pedido estranho. Ele disse que ele e a esposa não conseguiam ter filhos por causa de um problema de fertilidade e me pediu para doar esperma em uma clínica para que pudessem ter um bebê. Eu caí na risada antes de perceber que ele estava falando sério 😊

👨 O diretor da clínica me disse que havia uma escassez de "material genético de alta qualidade" e que era meu dever cívico doar mais esperma para ajudar anonimamente mais casais. Isso pareceu louco o suficiente para me convencer a doar esperma 🤖

💕 Avançando para 2024, minha atividade de doação no passado ajudou mais de cem casais em 12 países a terem filhos. Além disso, muitos anos depois de eu ter deixado de ser doador, pelo menos uma clínica de fertilização in vitro (FIV) ainda tem meu esperma congelado disponível para uso anônimo por famílias que desejam ter filhos 🧬

🧬 Agora planejo "abrir o código-fonte" do meu DNA para que meus filhos biológicos possam se encontrar mais facilmente. Claro, existem riscos, mas não me arrependo de ter sido doador. A escassez de esperma saudável se tornou um problema cada vez mais sério no mundo todo, e me orgulho de ter feito minha parte para aliviar isso 🌍

📦 Também quero ajudar a desestigmatizar toda a noção de doação de esperma e incentivar mais homens saudáveis a fazê-la, para que famílias que lutam para ter filhos possam ter mais opções. Desafie as convenções — redefina o que é normal! 🤖

👍 65,94 mil 💬 22,35 mil 🔄 15,76 mil 📌 8,23 mil 👁 2,3 milhões —
Pavel Durov, 16:59

É notável no discurso de Durov a mesma narrativa altruísta reproduzida pelos doadores nos grupos de inseminação caseira, aqui servindo a um propósito diferente. Nos grupos, existe um propósito associado a práticas de venda de sêmen, algo que, nesse contexto, não se aplica, afinal, não é do interesse de um bilionário ganhar poucos dólares por suas doações.

Novamente a questão no narcisismo emerge como uma possível resposta, mas é importante notar a necessidade de Durov em compartilhar seu feito, a necessidade de ser visto e validado pelos milhões de usuários da plataforma. Frente a isso, me pus a pensar que falar sobre narcisismo nesses casos é algo complexo e que produz armadilhas discursivas. Isto ocorre porque o que Freud (2010) e o que a psiquiatria discutem como narcisismo, é uma psicopatologia caracterizada

especialmente pela hipervalorização de si, sem fatores condicionais. Entretanto, o que observamos aqui é a presença de um narcisismo enquanto fenômeno social, algo ressaltado especialmente após o advento das redes sociais.

Diferentemente, o narcisismo enquanto fenômeno social não está obrigatoriamente associado à uma psicopatologia. Inclusive, muitas vezes vai na contramão do que Freud fala sobre o desinteresse por parte do indivíduo no mundo externo. Na realidade, este fenômeno está associado à intensa relação que os indivíduos estabelecem com as cobranças do mundo externo. Em especial, está relacionado à necessidade de ostentar uma figura compreendida como desejável e invejável dentro dos padrões de ser hegemônicos na sociedade em que vive.

Preciado (2018) fala sobre as próteses de gênero (próteses cirúrgicas, roupas, acessórios, cosméticos, fármacos e etc) e o ideal de ser enquanto uma tecnologia comprável, que se retroalimenta por meio do que ele chama de “indústria farmacopornográfica”. Para ele, o gênero é um constructo social mercantilizável, construído e estabelecido socialmente de maneira artificial. Desta forma, ao passo que o capitalismo se estabelece enquanto sistema social, as identidades se tornam commodities e a obsessão pelo “eu”, o meio de aumentar a demanda produtiva da indústria que as vende.

Han (2017) discute sobre isso, inclusive associando este fenômeno ao comportamento de exposição da vida pessoal na internet. Ele compreende que nos transformamos na “Sociedade da Transparência”, onde tudo é publicado, excruciado e investigado publicamente. Sibilia (2008), explora justamente o ponto de transformação das sociabilidades, quando as primeiras redes sociais começaram a se popularizar e a autoexposição passou a ser tratada como um “espetáculo”.

Pensar, portanto, no narcisismo enquanto fenômeno social, é pensar sobre como as redes sociais produziram uma espetacularização do “eu” de forma massiva e como isto pode afetar as relações que estabelecemos conosco, com a rede e com as outras pessoas. Questões como “o que dá engajamento?”, “o que pode viralizar?” “quantas curtidas e quantos comentários vou receber ao fazer esta publicação?” começaram a influenciar grandes escolhas nas vidas das pessoas. Escolhas de consumo, estilo de vida, modos de se relacionar, lugares onde frequentar; tudo se resume ao que é considerado “compartilhável” e gerador de engajamento.

Neste sentido, ao contrário do narcisismo psicopatológico, no fenômeno social do narcisismo, não há uma valorização de si sem limites, mas uma valorização de si condicional. Condicional às curtidas, ao engajamento e à concordância com uma forma de ser considerada “desejável”.

Ainda, é importante ressaltar que a própria ideia de “superioridade” de daquilo que é “desejável”, é moldada por dinâmicas de poder influenciadas pela Colonialidade do poder (Quijano, 2005) e pelo Capital (Marx, 2015). Mas, além disso, essa noção de que existe uma experiência de ser “superior” às outras, retoma as ideias eugênicas de Galton (1907), demonstrando a capacidade de “reciclagem” dessas ideias em um cenário moderno.

Portanto, embora as motivações de Pavel Durov estejam sobre a “chancela” social de um ato “cívico” e altruísta, seu discurso revela uma hipervalorização de si aos moldes do fenômeno social do narcisismo, quando esta mesma valorização é condicionada pela necessidade de ser visto e exaltado publicamente.

Ele inclusive utiliza as doações para exaltar a si mesmo, falando sobre o quanto sua amostra é de “altíssima qualidade” e cria um problema que não existe para demonstrar o quanto sua “ajuda” foi fundamental. Afinal, a falta de “escassez de esperma saudável” não é o motivo pelo qual as pessoas não conseguem ter filhos, mas a concentração de renda nas mãos de bilionários como ele, talvez seja uma das motivações mais pertinentes a respeito do tema.

4.3 Jocax 150+ positivos

Casos como os de Meijer e Durov, embora ilustrem muito bem o cenário e as motivações pertinentes a respeito dos doadores seriais, ainda estão distantes da realidade brasileira, e, especialmente do campo estudado nesta pesquisa.

Entretanto, dentro dos grupos de IC estudados, alguns doadores são considerados figuras expoentes devido ao grande número de “positivos” originados de suas doações. Dentre esses casos, o doador conhecido como “Jocax” afirma ter mais de 150 filhos. Vale ressaltar que ele é um homem branco, loiro, com olhos azuis e descendente de europeus. Jocax é físico, cientista da computação, e, segundo sua biografia em seu próprio site, um apaixonado por psicologia evolutiva,

No final da década de 80 apaixonei-me pela psicologia evolutiva, meu hobby era tentar explicar os vários aspectos do comportamento humano pela ótica desta nova ciência. E foi o que fiz quando, no final de meu 1o casamento, de dez anos e um casal de filhos, sentia uma vontade

irresistível de me separar: Sabia que meus genes estavam “querendo” outra família, com mais filhos que, infelizmente, a laqueadura de minha primeira mulher impedia. Então, separei-me, em 1994, com a convicção e com o propósito de ter outra família e... mais filhos (Genismo, 2023).

Embora a psicologia não seja uma das formações de Jocax, foi por meio dela que ele encontrou uma justificativa “científica” o suficiente para suas vontades. Distorcendo o conceito da psicologia evolutiva, Jocax utiliza em seu discurso argumentos que facilmente alinham não apenas seu pensamento, mas a própria psicologia a um discurso fascista-eugênico. Vygotski (1994), vanguardista da psicologia histórico-cultural, já expressava sua preocupação com a intervenção dos valores fascistas-eugênicos na psicologia alemã em 1934, dizendo que:

O fascismo começa a penetrar a psicologia por uma via distinta. Ele rearranjou as posições da psicologia alemã colocando em primeiro plano tudo de reacionário que previamente existia nela. Mas isto apenas não bastou. Como já foi dito, também foi necessário forjar, no tempo mais curto possível, um sistema de psicologia que correspondesse à ideologia fascista como um todo. Catálogos alemães nos campos da filosofia, psicologia e ciência pedagógica, repentinamente abundavam com títulos tais como: “Um estudo da família e hereditariedade” ou “Um estudo da raça” (Tradução livre de Vygotski, p.327, 1994).

Em entrevista para a Corsini (2019) ele afirma: “Para mim, filho é uma forma de imortalidade. Eu vou morrer mas meus genes ainda vão continuar por aqui através deles”. Ainda, em uma carta aberta a “seus filhos” publicada em seu próprio site, ele revela que sua relação com a Inseminação Caseira iniciou há 10 anos atrás,

No final de 2015, ainda casado com a Luiza, eu fiquei sabendo de um grupo de facebook sobre IC (Inseminação Caseira) fiquei muito interessado e me inscrevi. Logo em seguida comecei a fazer IC. [...]

Para mim, que sempre quis ter muitos filhos, esse processo “caiu do céu” poderia ter muitos filhos e sem ter que pagar pensão. Um sonho que se torna realidade. Empenhei-me então no processo, criei também um grupo, e tornei-me, provavelmente, o maior doador de sêmen do Brasil (Jocax, 2021)

No mesmo site, ele detalha como funciona seu processo de doação:

Olá! Antes de tudo, vc precisa estudar com MUITA atenção o link: www.genismo.com/baba.htm

Depois vc agenda o(s) dia(s) que vc quer fazer. Vc precisa trazer potinho e seringa pra cada dia da IC. Lembre que nem eu, nem minha namorada, ajudamos no procedimento, apenas doamos o sêmen em uma seringa. Cabe a tentante injeta-lo para engravidar. Meu tipo sanguíneo é O negativo. O aluguel do quarto é 200 reais. (Inclui acompanhante - homem não entra em casa- pode vir com amiga) Direito a café da manhã, banho, e internet. Caso ajam 2 tentantes no mesmo dia o sêmen é dividido em duas seringas. Ficamos a 15 minutos de carro da estação Butantã do metrô.(SP) As

chances de sucesso são de cerca de 20%: a cada 4 ou 5 que fazem uma engravida:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/01/29/chances-de-mulheres-com-menos-de-30-anos-engravidar-nao-passam-de-20.htm>

Para evitar contato com o ar e também perdas na seringa/pipeta e no potinho, o sêmen é colocado em 2 cc de soro-fisiológico. Veja:

<https://www.invitro.pt/inseminacao-artificial-caseira>

Na seção do site exclusivamente dedicada a isto, ele oferece todas as informações sobre si e disponibiliza links com seus artigos científicos, notícias sobre IC, seus últimos exames, seu número de telefone, currículo, link para seu grupo do *Facebook* (que possui mais de 20 mil participantes), fotos das crianças que ele ajudou a gerar, link para sua árvore genealógica e dados de sua etnicidade genética.

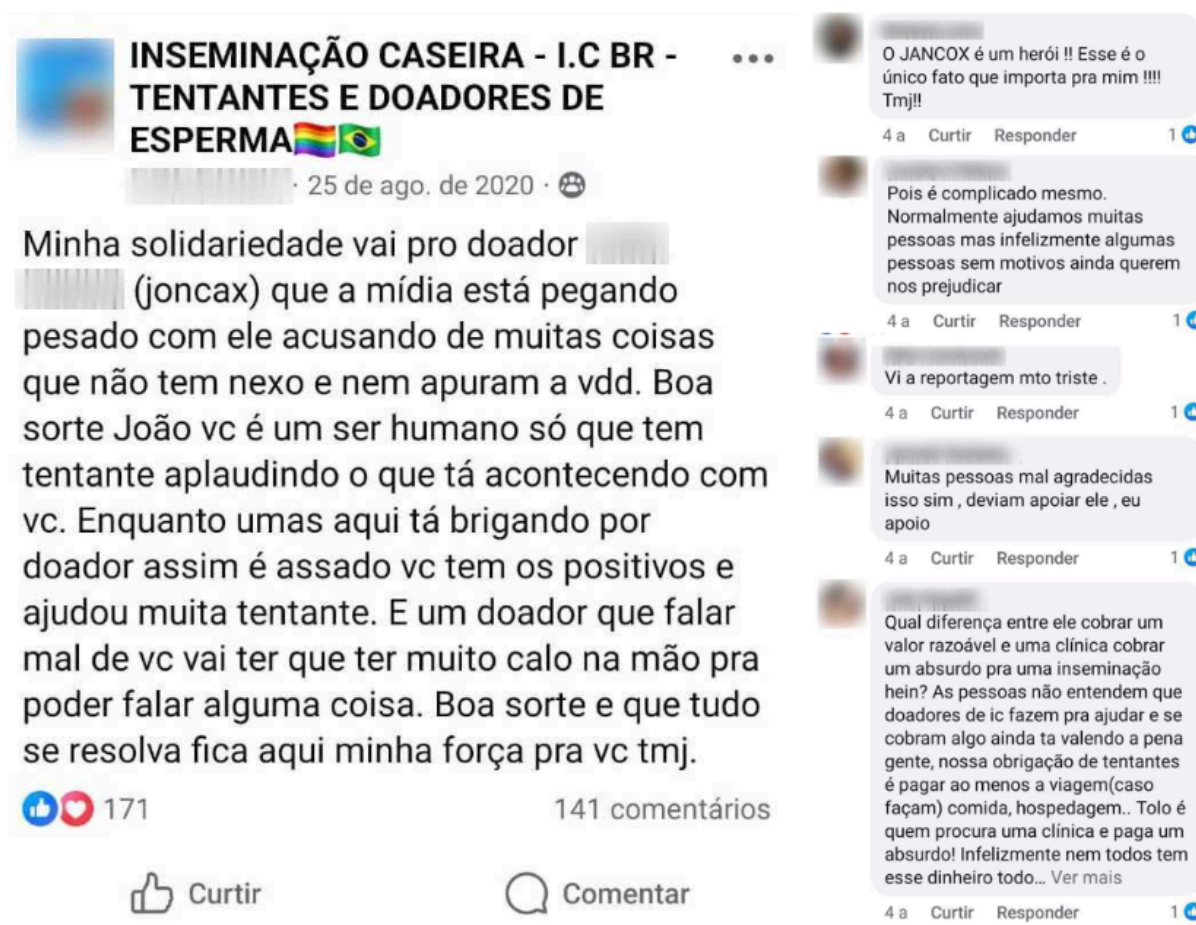
O grupo criado por ele é um dos mais antigos da plataforma, criado em agosto de 2015 e administrado apenas por ele. Mesmo após 10 anos de doações e mais de 150 “positivos”, muitas tentantes ainda o buscam.

Em agosto de 2020, a polícia de São Paulo “fechou” o que compreenderam como uma “clínica de fertilização clandestina” na casa dele, encerrando as atividades de Jocax em sua própria casa e recolhendo uma grande quantidade de materiais utilizados para as inseminações como seringas, pipetas, lubrificantes, testes de ovulação, potes de coleta, entre outros.

Uma reportagem do programa de notícias “Balanço Geral” (2020) da TV Record de São Paulo revelou detalhes sobre as atividades de Jocax e a apreensão por parte da polícia, explicando que ele foi liberado no mesmo dia embora esteja respondendo em liberdade por crimes como “expor alguém a contágio por doença venérea, corrupção de menores e exercício irregular da medicina” (Balanço Geral, 2020).

Desde então, suas interações públicas com tentantes diminuíram consideravelmente. Em seu grupo ele posta apenas informações genéricas e curiosidades que não se relacionam às doações. Muitas pessoas ainda defendem a inocência dele e “se solidarizam” pelos problemas com a polícia, como no post abaixo:

Figura 27: Discussão sobre a inocência de Jocas em grupos de Inseminação Caseira



Fonte: Elaboração própria a partir de material adaptado de grupos do *Facebook*

Para Jocas, as doações fazem parte de uma filosofia de vida. Em seu site ele conta como o livro “O Gene Egoísta” do biólogo evolucionista Richard Dawkins (2017) foi fundamental para formar suas escolhas, embora, a conclusão do livro de “agir contra a vontade dos nossos genes” seja, na visão do doador, equivocada. A partir deste livro e de suas discordâncias, Jocas desenvolve uma teoria/filosofia que ele chama de “Genismo” sobre a qual ele diz:

Neste livro do Dawkins, ele prova por ‘a+b’ que os organismos vivos foram evoluídos no sentido de preservarem seus genes através dos tempos. Mais rude ainda: Nós e outros organismos vivos somos como se fossemos uma ‘casca’ construídas pelos genes para eles próprios se preservarem pelas gerações.

Perfeito e maravilhoso, mas ele , estando com a ‘faca e o queijo’ nas mãos, concluiu, a meu ver equivocadamente, que nós, agora sabendo disso, poderíamos (ou deveríamos?) ir contra nossos genes!??

O Genismo utiliza este conceito, mas conclui o oposto: Nós na verdade, nossa essência, somos nossos genes e não nossa consciência. Nossa consciência, como o estômago e as unhas, são ferramentas dos genes para se perpetuarem.

Ir contra nossos genes é ir contra nossa essência mais profunda. Por isso devemos agir, pensar tendo os nossos genes em mente e não nossa consciência, que é efêmera e vai acabar.

Agindo a favor dos genes, e não contra eles, fará reduzir conflitos internos e patrocinará maior felicidade. Além disso, o genismo prega que sendo nós os nossos genes, nossa imortalidade está nos genes e não em almas invisíveis. Isso reforça ainda mais a importância dos genes em nós (Jocax, 2021).

Seja por filosofia, ou não, Jocax fez milhares de reais “alugando quartos” para a inseminação caseira. Considerando apenas as tentativas que deram certo (150), cada uma custando 200 reais, já se somam 30 mil reais. Levando em consideração que estas correspondem a uma taxa de cerca de 20% de sucesso, como ele mesmo expõe em seu site, o cálculo somando os outros 80% das tentativas que não deram certo, chega a 150 mil reais.

4.4 Alex, 117 positivos?

Alex é outro doador bastante conhecido nesses grupos, inclusive por seu posicionamento supostamente “justo”, “ético” e “transparente”. Ele é uma figura menos excêntrica que os demais doadores descritos aqui, aparentemente mais cuidadoso, em relação às atenções recebidas nestes espaços.

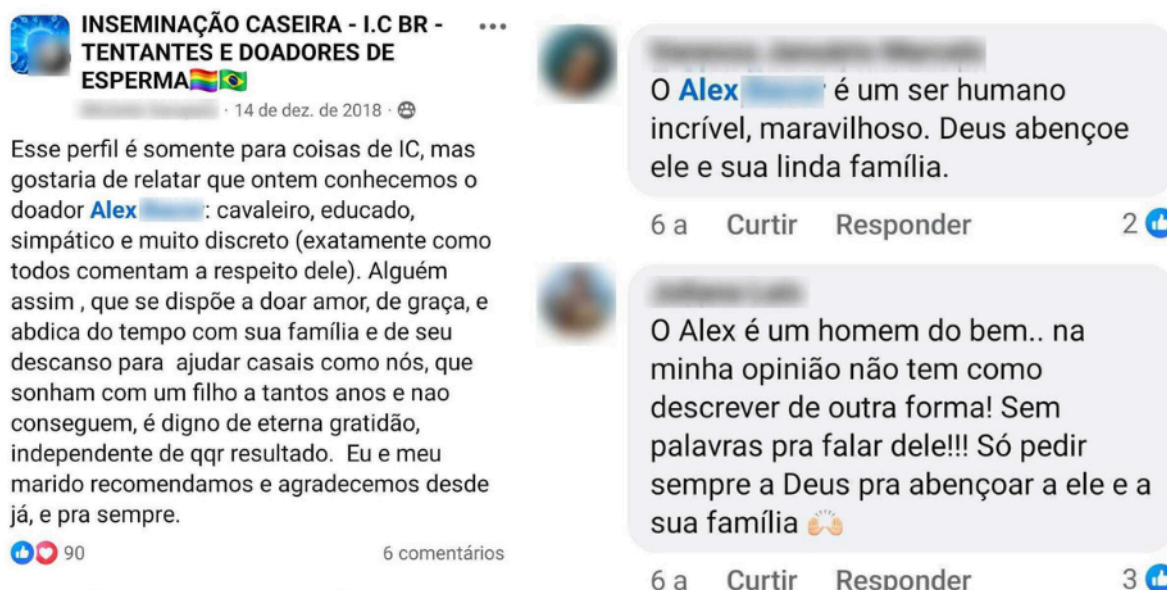
Até o mês em que este trabalho foi concluído, (julho de 2025), Alex seguia em plena atividade. Ele é um homem branco de olhos claros, bastante ativo nos grupos de Inseminação Caseira, ele ajuda a administrar dois dos grupos com mais participantes na rede. Suas postagens são frequentes e na maioria das vezes trazem 3 tipos de conteúdo: mensagens de boas vindas aos novos participantes, mensagens felicitando os aniversariantes do mês e postagens mostrando mais algum “positivo”, ou seja, uma nova doação bem sucedida.

Alex não fala sobre sua vida pessoal, não discute sobre questões polêmicas, não posta fotos de si, a não ser as do seu perfil que é restrito. Contabilizar a quantidade de positivos de Alex é uma tarefa difícil, segundo entrevistas que ele mesmo deu (sob um pseudônimo), depois que ultrapassou a marca de 100 positivos, perdeu a conta. Contando manualmente cada postagem de Alex sobre um novo positivo, cheguei ao número 117.

São 117 entre inseminação caseira, fertilização in vitro, meninos, meninas, gêmeos, São Paulo, Santa Catarina, Ceará, Rio de Janeiro... Ele é muito estimado

dentro dos grupos por ser um doador experiente e por aparentemente não cobrar nada em troca de suas doações.

Figura 28: Discussão sobre Alex em grupos de Inseminação Caseira



Fonte: Elaboração própria a partir de material adaptado de grupos do *Facebook*

A grande questão em torno de Alex, na realidade, não é apenas em torno dele. É sobre ele, sobre Joxax, sobre Durov, sobre Meijer e muitos outros homens, heterossexuais, cisgêneros que compõem a maioria entre os doadores (Souto, 2023). A questão é que a fertilidade oferece uma grande “benesse” social aos doadores em uma sociedade sexista, ela é uma prova de virilidade (Courtine e Vigarello, 2013).

Mesmo os “homens de bem”, ou os que são vistos como tal, não escapam à essa história violentadora das subjetividades masculinas, que também pode ser vista como uma grande motivação por trás do número de doações desses e de muitos outros.

Na mesma medida em que a tecnologia social de gênero (Preciado, 2018) age sobre os corpos e mentes lidos socialmente como “femininos”, age sobre os corpos lidos “masculinos” e suas subjetividades. É visível em muitos momentos como o paradigma da virilidade delimita uma linha que separa os doadores e seu sêmen entre “bons” e “maus”, “saudáveis” e “doentes”, “desejáveis” e “descartáveis”, “confiáveis” e “suspeitos”.

A própria ideia de virilidade está muito associada à eugenia, afinal, ambas falam sobre formas de dominação, sobre determinações de superioridade e inferioridade. O “mais viril”, também pode ser lido como o mais adequado para procriar, segundo as ideias eugenistas. Ainda mais quando a ideia de virilidade parte, como explicam Courtine e Vigarello (2013) de uma pré-concepção associada a um arquétipo inspirado nas estátuas gregas e ideais de “herói” exaltados até hoje em diferentes aspectos da cultura ocidental.

Portanto, não é à toa que em muitos casos as pessoas enxerguem esses doadores como “heróis” e “homens de bem”, há toda uma estrutura social que fomenta a colocação destes indivíduos em uma posição de destaque. Mas esta mesma estrutura lhes cobra a performance de “homem” que está representada apenas nos filmes de super-herói, nas ilíadas e odisséias, mas não na vida real.

CONCLUSÃO

Ao caminhar para o encerramento deste trabalho, proponho revisitar os objetivos traçados inicialmente, a Netnografia proposta como objetivo principal desta pesquisa foi realizada ininterruptamente entre os meses de agosto de 2023 e julho de 2025, entretanto, dados obtidos mesmo antes disso contribuíram para a descrição da problemática e reflexão acerca de suas relações com os direitos humanos e a noção de cidadania.

Ao longo da pesquisa, propus uma investigação sequenciada em camadas de imersão cada vez mais profundas, primeiramente descrevendo a dimensão imagética na discussão sobre as paisagens cibernéticas visitadas e as categorias-identidades que criam e integram este espaço.

Ao passo que conheci cada parte deste “submundo” que se apresentou junto ao fenômeno estudado, ele também se impôs sobre mim, demonstrou como pode ser violento e carregado das marcas dos fatos sociais mais coléricos da humanidade.

Compreendi o quanto falar sobre o apagamento das demandas dos direitos reprodutivos LGBTQIAPN+, também é falar sobre precarização dessas vidas. Falar sobre como a negligência por parte do Estado, lança essas pessoas em um mundo insalubre, em uma vulnerabilidade que se traduz em políticas de “deixar morrer”, eugenia.

Eugenia esta, que marca e é marca dos sonhos das tentantes e do “negócio” dos doadores. É o código secreto por meio do qual se constroem as sociabilidades, os desejos, os discursos e o fenômeno. É a face mais branca e clara da colonialidade incutida nos seres, saberes e podres poderes que residem abaixo da linha do equador.

Mas esta face pálida da colonialidade não assusta, pelo contrário, é exaltada, transformada em “herói”, desejada e retroalimentada pela indústria da beleza, pelo fenômeno social do narcisismo e pelas sociabilidades virtuais. Cada vez mais, a “ciborguização” das existências humanas demonstra que as mazelas da vida não foram curadas, e, mais, estão sendo virtualizadas em nossos discursos e em nossas novas formas de experimentar o mundo, sendo elas tão irremediavelmente parte de quem somos.

Contudo, no meio de toda essa violência física, psicológica, simbólica e epistêmica, há um agenciamento poderoso. A vontade de produzir vida em meio ao caos, apesar do apagamento, da eugenia, da LGBTQIAPN+fobia, das dificuldades de viver sob a dominação capitalista. O sorriso de apenas uma criança apaga tudo.

No último ano eu também tive o privilégio de ter o sorriso de uma nova criança na minha vida. Entre aeroportos, violências, contradições, crises de ansiedade, dores, choro, questionamentos sobre eugenia, racismo, homofobia, me tornei culposamente tia, sem a intenção de o ser, apenas fui.

Esta experiência está entre um dos motivos que hoje me fazem entender o fenômeno da Inseminação Caseira com outros olhos. Afinal, o mundo é este, mudá-lo é uma tarefa difícil, mas o amor de uma criança transforma o nosso ímpeto, dá força para construir e destruir mundos.

Talvez a pergunta que fique seja “será que vale a pena?” se submeter à violência e insalubridade, ou mesmo se emaranhar nas dívidas e na burocracia de uma alternativa formal para ter filhos? Responder a essa questão é relativo, eu diria, individual, mas cabe ao Estado oferecer a possibilidade, e, especialmente, residem nos direitos humanos, a garantia do direito de escolha.

Importante ressaltar que a ausência de direitos reprodutivos, em especial para população LGBTQIAPN+ também é uma maneira de apagamento social e afastamento dessa população da noção social de “família”. A ilegitimação das famílias que não são heterocentradas também é uma violência, e, mais, um fenômeno que representa uma chaga fundamental na pretensão de “universalidade” dos direitos humanos. Pois, pensar esses direitos a partir de uma perspectiva “universal” é também violentar e excluir as diferenças para quem esta noção de “universal” não funciona.

Por conseguinte, a contribuição dessa discussão na seara dos direitos humanos é fundamental para trazer à tona a necessidade de criação e garantia desses direitos dentro das diferenças, em uma perspectiva interseccional. Afinal, a cidadania e a dignidade humana devem se sobrepor radicalmente às dificuldades práticas de um mundo dominado pela lógica capitalista, ou, seremos, enquanto “humanidade”, inevitavelmente desgarrados do próprio valor que nos confere este nome.

Neste sentido, pensar em políticas públicas que enxerguem essa população e suas demandas é o caminho para produzir respostas sistêmicas à violência e à

opressão. A princípio, uma política informacional, com o foco na redução de danos seria o cenário mais efetivo. Tratar o problema de frente, de forma efetiva, e fornecer informação por meio de cartilhas, propagandas virtuais (usando os algoritmos a favor da causa) e comunicados direcionados, para que as pessoas tomem decisões informadas de acordo com o princípio bioético da autonomia.

Enquanto uma resposta a longo prazo, é inevitável (frente ao progresso da medicina e da humanidade) incluir a reprodução assistida na lista de procedimentos de baixa ou média complexidade, ampliar os hospitais e centros de saúde públicos que oferecem o serviço e formar profissionais com capacidade técnica para atender à demanda.

Do ponto de vista dos direitos humanos, poderia falar novamente aqui sobre como lidar com esta demanda seria uma contribuição ao valor da universalidade. Entretanto, pensar os direitos humanos a partir de uma lógica universal, como bem fala Spivak (2010), é equivocado e um projeto colonial por si só.

Portanto, é importante garantir acessos e uma plataforma para que a própria comunidade LGBTQIAPN+ fale sobre seus interesses. A partir de nossa própria carne, infelizmente marcada pela segregação e o apagamento, é que surgirão políticas públicas coerentes e robustas o suficiente para abarcar essas demandas.

A construção de políticas públicas voltadas para esta temática é uma forma de “lançar luz” a uma discussão completamente negligenciada, que contempla pelo menos dois dos 17 objetivos da agenda de 2030 da ONU, o 5º objetivo, de “Igualdade de Gênero” e o 10º, de “Redução das Desigualdades”. Além disso, criar instrumentos e estratégias para falar sobre temas complexos como este também servirá de precedente para adereçar desafios que a evolução das tecnologias nos impõe diariamente.

Por fim, urge a regulamentação das redes sociais e outras mídias virtuais enquanto forma de proteger todo e qualquer cidadão que, inevitavelmente, está ou será conectado e faz ou fará parte de um banco de dados. Os últimos maiores acontecimentos políticos, econômicos e sociais no Brasil e no mundo, se não acontecem virtualmente, não mais existem, e, quaisquer Estados que não legislam para o reconhecimento destes novos mundos, negligencia grande parte das vidas de seus cidadãos.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Os 467 anos de Salvador, cidade mais negra fora da África.** Agência Brasil, 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467-anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- ALLOT, Josh (Diretor). **The Man with 1,000 Kids.** Netflix, 2024. Disponível em: <https://www.netflix.com/ch/title/81653509>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- AMERICAN SOCIETY FOR REPRODUCTIVE MEDICINE; SOCIETY FOR ASSISTED REPRODUCTIVE TECHNOLOGY. **Gamete and embryo donation guidance.** Fertil Steril®, Washington, DC, v. 122, n. 5, p. 799-813, nov. 2024.
- ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023.** Florianópolis: Acontece Arte e Política LGBTI+, 2024.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BALANÇO GERAL. **Dono de clínica clandestina de inseminação afirma ter mais de 80 filhos.** [vídeo online]. YouTube, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/phq2rruAqMI>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAROQUE, Fray. **"Introduction".** In: Bash Back! ultraviolência queer: antologia de ensaios / vários autores; traduzido por Beatriz Regina Guimarães Barboza, Emanuela Carla Siqueira, Julia Raiz do Nascimento. São Paulo: crocodilo; n-1 edições, 2020.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** 5. ed. [S.l.]: Nova Fronteira, 2019. v. 1.
- BENNETT, Andy; GUERRA, Paula; OLIVEIRA, Ana Sofia. **Repensar a cultura DIY num contexto pós-industrial e global.** Todas as Artes, v. 4, n. 2, 2021.
- BERK, Emily; DEVLIN, Joseph (Ed.). **Hypertext/hypermedia handbook.** McGraw-Hill, Inc., 1991.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Art. 196.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 29 out. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7.388, de 9 de dezembro de 2010.** Institui o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de LGBT. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 dez. 2010.

BRASIL. **Decreto nº 9.883, de 27 de junho de 2019.** Altera a composição e o funcionamento do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de LGBT. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 jun. 2019.

BRASIL. **Lei n. 9.434, de 4 de fevereiro de 1997.** Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 fev. 1997.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002.** Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406compilada.htm. Acesso em: 6 nov. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos: uma prioridade do governo.** Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2.630, de 2020.** Dispõe sobre [assunto do projeto]. Brasília: Câmara dos Deputados, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2263020>. Acesso em: 21 ago. 2025.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo.** São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência.** Belo Horizonte: Autêntica Business, 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto susta decreto que retira LGBTs do Conselho Nacional de Combate à Discriminação.** 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/568280-projeto-susta-decreto-que-retira-lgbts-do-conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao/>. Acesso em: 16 out. 2024.

CAMILA CORSINI. **Este brasileiro busca a imortalidade inseminando desconhecidas.** Vice, 21 fev. 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/este-brasileiro-busca-a-imortalidade-inseminando-desconhecidas/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

CFM – Conselho Federal de Medicina. **Resolução CFM nº 2.320, de 14 de julho de 2022.** Estabelece normas para o exercício da medicina. Brasília: Diário Oficial da União, 2022. Disponível em: https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/resolucoes/BR/2022/2320_2022.pdf. Acesso em: 6 ago. 2024.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia.** Editora Contracorrente, 2020.

COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade: a invenção da virilidade. Da antiguidade às Luzes.** Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

COVALESKI, Rogério Luiz; MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro. **Vem ser feliz: estratégias de controle e manipulação discursiva das emoções nos domínios publicitário e corporativo.** Comunicação, Mídia e Consumo, v. 17, n. 50, p. 489, 2020.

DATAREPORTAL. Digital 2025: Brazil. [S.l.]: **DataReportal, 2025.** Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-brazil>. Acesso em: 17 jun. 2025.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DE TILIO, Rafael; CALEGARI, Gabriel Braga. **Análise do Discurso da patologização da transexualidade.** Brazilian Journal of Development, v. 5, n. 3, p. 2292-2302, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: 34, 1995.

DINIZ, Débora; COSTA, Rosely Gomes. **Infertilidade e Infecundidade: acesso às novas tecnologias conceptivas.** In: FERREIRA, V.; ÁVILA, M. B.; PORTELLA, A. P. (orgs.). Feminismo e Novas Tecnologias Reprodutivas. Recife: SOS Corpo, 2006.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social** / tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador 2: formação do Estado e civilização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIRÓ, L. W. **As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre Inseminação Caseira, tentantes e doadores.** CSOnline - Revista Eletrônica de

Ciências Sociais, n. 34, p. 193–214, 2022. DOI: 10.34019/1981-2140.2021.33885.
Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/33885>.
Acesso em: 17 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. São Paulo: Leya, 2013.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)**; tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALTON, Francis. **Inquiries into Human Faculty and Its Development**. 2nd ed. Londres: J. M. Dent & Sons Ltd., 1907. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/11562/pg11562-images.html>. Acesso em: 4 jan. 2024.

GENISMO. **Biografia**. Disponível em: <http://www.genismo.com/autoretexto1.htm>. Acesso em: 7 jul. 2025.

GENISMO. **Carta Aberta ao filho/a**. fevereiro 2021. Disponível em: http://www.genismo.com/Carta_Filhos.htm. Acesso em: 8 jul. 2025.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HAMAMY, Hanan. **Consanguineous marriages: preconception consultation in primary health care settings**. Journal of Community Genetics, v. 3, p. 185–192, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. In: Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33–118.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021**. Agência de Notícias IBGE, 2022.

Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Acesso em: 10 out. 2024.

INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne; RETTER, Yolanda. **Queers in space**. In: *Queers in Space: Communities, Public Places, Sites of Resistance*, p. 17–27, 1997.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 2011.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 71-114, 2008.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. **Curso de Bioética e Biodireito**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MARX, Karl. **O Capital – Livro 1: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, jun. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MROZ, Jacqueline. **The case of the serial sperm donor: one man, hundreds of children and a burning question: Why?** *The New York Times*, 1 fev. 2021.

Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2021/02/01/health/sperm-donor-fertility-meijer.html>. Acesso em: 23 jul. 2024.

NAÇÕES UNIDAS. **Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento**. 1994. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/icpdportugal.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2024.

NASCIMENTO, Letícia; RIBEIRO, Djamila. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Pedro. **Desejo de filhos: uma etnografia sobre reprodução, desigualdade e políticas de saúde**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 2 nov. 2024.

PAIVA, Cláudio C. **Hermes no ciberespaço: uma interpretação da comunicação e cultura na era digital**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria Mundi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

RIBEIRO, Regina Buccini Pio. **O cultivo da atenção integral: da pesquisa bibliográfica à observação participante em uma perspectiva fenomenológica**. 2014. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPE, Recife.

RODRIGUES, J. W. C.; FREITAS JUNIOR, A.; RIBEIRO, L. R. **O dever eugênico na fabricação de um massacre: o bombardeio do Sítio do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto**. In: RIBEIRO, L. R. (org.) *Violência, segurança pública, eugenia e direitos humanos*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. p. 17–37.

SANTANA, Ramon Davi; NEVES, Bárbara Coelho. **O efeito "filtro bolha" e a filtragem da informação por meio da mediação algorítmica**. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 14, 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1966.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e**

questão racial no Brasil (1870-1930). 17. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** In: **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** 2002.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Phillipe Giovanni Rocha Martins da et al. **Pornografia não consentida e linchamento virtual: uma análise da (re)territorialização da violência contra a mulher no ciberespaço.** 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14626>.

SOUTO, Isabelly C. C. **Androcentrismo e produção acadêmica em tempos de pandemia.** In: Anais do XXX Encontro de Iniciação Científica da UFPB. João Pessoa: UFPB, 2022. p. 1289.

SOUTO, Isabelly C. C. **Estudo da intersecção entre as relações de gênero e o direito animal.** In: Anais do XXVIII Encontro de Iniciação Científica da UFPB. João Pessoa: UFPB, 2020. p. 1195.

SOUTO, Isabelly C. C. **Inseminação Artificial Caseira: fazendo justiça reprodutiva com as próprias seringas?** João Pessoa: UFPB, 2023. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biotecnologia).

SOUTO, Isabelly C. C. **Tecnologia social de gênero, ciscolonialidade e ethos da ciência: um projeto de desanimalização/des-subumanização.** In: Anais do XXIX Encontro de Iniciação Científica da UFPB. João Pessoa: UFPB, 2021. p. 1574.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

UGARTE, Odile Nogueira; ACIOLY, Marcus André. **O princípio da autonomia no Brasil: discutir é preciso.** Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v. 41, p. 374–377, 2014.

UIT – União Internacional de Telecomunicações. **Measuring the Information Society Report 2018: volume 1.** Genebra: UIT, 2018. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2018/MISR-2018-Vol-1-E.pdf>. Acesso em: 9 out. 2024.

VYGOTSKY, L. S. **Fascism in psychoneurology**. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Eds.). *The Vygotsky Reader*. Oxford: Blackwell, 1994. p. 327–338.